

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Edna Clara Januário de Araújo

**“LA VOIX DE MES BLESSURES”: ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE
VIDA DE MIGRANTES E REFUGIADOS**

Belo Horizonte

2021

Edna Clara Januário de Araújo

**“LA VOIX DE MES BLESSURES”: ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS DE
VIDA DE MIGRANTES E REFUGIADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: Linguística do texto e do discurso (2). Linha de pesquisa: Análise do Discurso (2B).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Muniz Proença Lara.

Belo Horizonte

2021

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6-2706

A663v

Araújo, Edna Clara Januário de.
"La voix de mes blessures" [manuscrito]: análise semiótica de narrativas de vida de migrantes e refugiados / Edna Clara Januária de Araújo. – 2020.
159 f., enc.: il., grafs, fots, (color).

Orientadora: Glaucia Muniz Proença Lara.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 127-131.

Anexos: f. 132-159.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Semiótica – Teses. 3. Emigração e imigração – Teses. 4. Refugiados – Teses. I. Lara, Glaucia Muniz Proença. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

"La voix de me blessures": análise semiótica de narrativas de vida de migrantes e refugiados

EDNA CLARA JANUÁRIO DE ARAÚJO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Glaucia Muniz Proença Lara - Orientadora

UFMG

Prof(a). Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

UFGD

Prof(a). Luciano Magnoni Tocaia

UFMG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Magnoni Tocaia, Professor do Magistério Superior**, em 25/02/2021, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glaucia Muniz Proença Lara, Professora do Magistério Superior**, em 26/02/2021, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti, Usuário Externo**, em 03/03/2021, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0537455 e o código CRC **A3DD4AA0**.

A todos que cruzam fronteiras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao CNPq pelo auxílio financeiro concedido ao desenvolvimento desta pesquisa, e à UFMG, que me acolheu desde a graduação e me abriu tantos caminhos. Sou muito grata por ter a oportunidade de estudar em uma universidade pública, de qualidade, que respeita e valoriza a diversidade. Agradeço também a todos os professores que marcaram a minha trajetória na FALE e a todos os funcionários que tornam possíveis as atividades da Universidade.

À minha orientadora, Prof^a Glaucia Lara, que ainda no início da minha graduação me apresentou a Análise do Discurso e a Semiótica Discursiva. Desde então eu soube o percurso acadêmico que iria seguir, mas se hoje estou aqui, é graças a ela. Obrigada por ter me orientado durante a Iniciação Científica e o Mestrado, por ter sido sempre tão cuidadosa com meu trabalho e ter me inspirado a trilhar este caminho.

Aos membros da banca avaliadora, Prof^a Rita Limberti e Prof. Luciano Tocaia, por aceitarem participar da minha defesa e oferecerem sua valiosa contribuição para o trabalho.

Aos grandes amigos que encontrei nesta jornada e que compartilharam comigo cada alegria e batalha. Em especial, à Julianna, à Bárbara, ao Douglas, à Elisa, à Isabella, à Vanessa e à Sarah. Agradeço à Paôla, minha irmã de coração, por sempre estar ao meu lado. Ao Charlon, pelo carinho e companheirismo, e por ter me dado coragem (e comidinhas enquanto eu estudava). Também não poderia deixar de agradecer aos meus cachorros, Canela e Canjica, que passaram infinitas horas ao meu lado enquanto eu escrevia tornando meus dias mais alegres.

À minha família, por todo suporte ao longo dos anos e por acreditar em mim até quando eu mesma não acreditei. À minha madrinha, por compartilhar comigo não apenas seu nome e (quase) seu aniversário, mas a paixão pela leitura que me guiou até aqui. Agradeço principalmente à minha mãe, ainda que as palavras não sejam suficientes. Minha mãe conta que, quando eu era criança, eu costumava chamá-la para “brincar de mestrado” enquanto ela escrevia sua dissertação. Eu gostei tanto que resolvi brincar de novo. Grande parte do que sou vem de você, mamãe, e eu tenho muito orgulho disso.

Por fim, agradeço profundamente a todas as minhas alunas de Português como Língua de Acolhimento e às queridas companheiras do Coletivo de Mulheres Migrantes - Cio da Terra, que me ensinaram que somos terra fértil sem fronteiras e que nenhum ser humano é ilegal. Meu muito obrigada.

“Estas estórias falam desse território
onde nos vamos refazendo e vamos molhando
de esperança o rosto da chuva, água abensonhada.
Desse território onde todo homem é igual, assim:
fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta.”

Mia Couto

RESUMO

Este trabalho se volta para o exame das representações sociodiscursivas de migrantes e refugiados no quadro de um fenômeno social que, além de atingir proporções mundiais, evidencia as crises humanitárias contemporâneas que resultam em um aumento exponencial do fluxo migratório internacional. Considerando que os discursos mobilizados em torno desse fenômeno influenciam não só as representações moduladas pela sociedade, mas também as políticas migratórias, buscamos, com este trabalho, “dar a palavra” a sujeitos que empreenderam jornadas extremamente perigosas em busca de proteção. O *corpus* desta pesquisa é, pois, composto por diários de bordo provenientes da exposição “*La voix de mes blessures*” realizada pela organização Médicos sem Fronteiras (MSF), bem como por depoimentos coletados pela mesma organização em uma operação de busca e resgate no Mar Mediterrâneo. Considerando, à luz dos pesquisadores Daniel Bertaux e Ida Lucia Machado, que esses textos compreendem (micro) narrativas de vida, uma vez que discorrem sobre as trajetórias e experiências vivenciadas pelos sujeitos deslocados/em deslocamento, objetivamos, de maneira geral, apreender, analisar e comparar as representações sociodiscursivas (de si, do outro, do mundo) que os migrantes e refugiados em foco constroem por meio do seu dizer. Como dispositivo teórico-metodológico, elencamos algumas categorias do percurso gerativo de sentido, oriundo da Semiótica Discursiva, nossa teoria de base. Voltamo-nos assim, especialmente, para o exame da sintaxe narrativa; dos percursos temático-figurativos, de modo a apreender a ideologia que lhes é subjacente; das categorias de pessoa, tempo e espaço, assim como dos procedimentos argumentativos/persuasivos que se instauram entre enunciador/autor e enunciatário/leitor e das paixões que surgem nas narrativas, tomadas também como procedimento argumentativo. Como resultado da análise, observamos, em linhas gerais, que as relações de junção entre o sujeito (migrante/refugiado) e o objeto (país de origem/país de acolhimento) são determinantes nos processos migratórios e que, via de regra, os sujeitos são manipulados por um *dever-fazer* (sobreviver à guerra ou à miséria). Além disso, há o uso predominante da 1ª. pessoa do singular (debreagem actancial enunciativa), o que é próprio do gênero “narrativa de vida”, e, do ponto de vista do tempo e do espaço, a instauração de uma oposição entre um aqui/agora (debreagens enunciativas) e um lá/então (debreagens enuncivas). O medo parece ser a “paixão” que modula as narrativas, o que pode ser justificado, no nível discursivo, pela repetição do percurso temático-figurativo da violência. Com efeito, as paixões aparecem como um poderoso recurso argumentativo, uma vez que o *páthos* do enunciatário é constantemente mobilizado. De maneira geral, os enunciadores, cujas narrativas foram analisadas neste trabalho, apresentam um *éthos* de vulnerabilidade e constroem um discurso similar ao de tantos outros migrantes/refugiados que enfrentam riscos fatais na tentativa de chegar à Europa em busca da segurança que lhes é negada em seus países de origem.

RÉSUMÉ

Ce travail se porte sur l'examen des représentations sociodiscursives de migrants et de réfugiés dans le cadre d'un phénomène social qui, en plus d'atteindre des proportions mondiales, met en évidence les crises humanitaires contemporaines qui entraînent une augmentation exponentielle du flux migratoire international. En considérant que les discours mobilisés autour de ce phénomène influencent non seulement les représentations modulées par la société, mais aussi les politiques migratoires, nous avons eu l'intention, par ce travail, de « donner la parole » à des sujets qui ont entrepris des parcours extrêmement dangereux à la recherche de protection. Le *corpus* de cette recherche est donc composé de carnets de bord provenant de l'exposition « La voix de mes blessures » réalisée par l'organisation Médecins sans Frontières (MSF), ainsi que de témoignages recueillis par la même organisation lors d'une opération de recherche et de sauvetage en Méditerranée. En considérant, à la lumière des chercheurs Daniel Bertaux et Ida Lucia Machado, que ces textes comprennent (micro) récits de vie, puisqu'ils sont en désaccord sur les trajectoires et expériences vécues par les sujets déplacés/en déplacement, nous avons pour objectif, de manière générale, appréhender, analyser et comparer les représentations sociodiscursives (de soi, de l'autre, du monde) que les migrants et les réfugiés en question construisent à travers leur dire. En tant que dispositif théorique et méthodologique, nous énumérons quelques catégories du parcours génératif de la signification, issu de la Sémiotique Discursive, notre théorie de base. Nous nous portons donc en particulier sur l'examen de la syntaxe narrative; des parcours thématiques-figuratifs, de manière à appréhender l'idéologie qui les sous-tend; des catégories de personne, de temps et d'espace, ainsi que des procédures argumentatives/persuasives qui s'instaurent entre l'énonciateur/auteur et l'énonciataire/lecteur, et des passions qui apparaissent dans les récits, prises également comme procédure argumentative. Comme résultat de l'analyse, on observe, dans les grandes lignes, que les rapports de jonction entre le sujet (migrant/réfugié) et l'objet (pays d'origine/pays d'accueil) sont déterminants dans les processus migratoires et que, en règle générale, les sujets sont manipulés par un *devoir-faire* (survivre à la guerre ou à la misère). En plus, il y a l'usage prédominant de la première personne du singulier (débrayage actanciel énonciatif), ce qui est propre au genre « récit de vie », et, du point de vue du temps et de l'espace, l'instauration d'une opposition entre un ici/maintenant (débrayages énonciatifs) et un là/alors (débrayage énoncif). La peur semble être la « passion » qui module les récits, ce qui peut être justifié, au niveau discursif, par la répétition du parcours thématique-figuratif de la violence. En effet, les passions apparaissent comme un puissant moyen d'argumentation, puisque le *páthos* de l'énonciation est constamment mobilisé. De manière générale, les énonciateurs, dont les récits ont été analysés dans ce travail, présentent un *éthos* de vulnérabilité et construisent un discours similaire à celui de tant d'autres migrants/réfugiés qui font face à des risques mortels dans leur tentative d'atteindre l'Europe à la recherche de la sécurité qui leur est refusée dans leur pays d'origine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – PROCESSOS MIGRATÓRIOS NA CONTEMPORANEIDADE: DAS PALAVRAS ÀS TRAJETÓRIAS DE DESLOCAMENTO	18
1.1. Deslocamentos em palavras, palavras em movimento	20
1.1.1. Refugiados: um percurso histórico de sentidos	20
1.1.2. (EM)(IM)(M)igrantes	26
1.2. Da mobilização de termos à “crise migratória” na Europa e no mundo.....	30
1.3. Políticas migratórias na Europa	39
CAPÍTULO II – NARRATIVAS DE VIDA E SEMIÓTICA DISCURSIVA: UM PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	46
2.1. Narrativas de vida	47
2.2. A semiótica discursiva	54
2.2.1. O nível fundamental	58
2.2.2. O nível narrativo	61
2.2.3. O nível discursivo	68
CAPÍTULO III – AS REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS NAS NARRATIVAS DE VIDA DE MIGRANTES E REFUGIADOS	76
3.1. Diários de bordo.....	77
3.1.1. Ali Malikzada	78
3.1.2. Christiana Alaba	89
3.2. Depoimentos a bordo no Mediterrâneo.....	99
3.2.1. Michael.....	99
3.2.2. Batu	105
3.2.3. Zachariah	111
3.2.4. Agnes	114
3.2.5. Salif	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXO	132

INTRODUÇÃO

“Ouvi dizer que somos indesejados.
Que não somos bem-vindos.
Que deveríamos levar nosso infortúnio à outra parte.”

Khaled Hosseini

As migrações¹, responsáveis por grandes transformações no mundo, influenciam todo o percurso humano. Os fluxos migratórios são inerentes à trajetória do homem, o que pode ser verificado desde os mais antigos registros encontrados. Com efeito, “a história da humanidade é uma história de migrações” (GUILBERT, 2005, p. 5). Há milhares de anos o ser humano já se deslocava por diversas razões, entre elas, buscar melhores condições climáticas e fugir de situações de conflito. Entretanto, é notável a forma pela qual tal processo foi sendo ressignificado ao longo do tempo.

O estabelecimento de fronteiras entre Estados criou um novo padrão migratório. A partir das Grandes Navegações, ocorridas nos séculos XV e XVI, novas rotas foram traçadas de acordo com os interesses comerciais dos europeus e o desejo de conquistarem novas terras. As Américas, a África e parte da Ásia passaram a ser colonizadas, o que acarretou também um processo de migração forçada: o tráfico de escravos. Mais adiante, outras ondas migratórias surgiram de acordo com o contexto de cada período histórico, seja pela busca de empregos após a Revolução Industrial no século XIX, seja como consequência das grandes guerras mundiais do século passado (CLOCHARD, 2007). Hoje, diante de novas crises humanitárias, nosso olhar se volta mais uma vez para o crescimento do êxodo populacional.

Nos últimos anos, temos testemunhado um aumento exponencial no fluxo migratório, com os maiores níveis de deslocamento já registrados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)². Trata-se, segundo Emmanuelli (2017), de um movimento migratório com uma amplitude sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial. De acordo com dados recentes do *World Migration Report 2020*³, divulgados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o mundo possui hoje cerca de 272 milhões de migrantes

¹ Diante da “flutuação” de termos, utilizaremos, neste trabalho, em consonância com Calabrese e Veniard (2018, p. 11), o termo migração (e seu correlato migrante) que, segundo as autoras, é um termo relativamente neutro que descreve simplesmente um processo de mobilidade. Manteremos, porém, imigrante/imigração (ou emigrante/emigração) em citações de textos que empregam tais termos. Retomaremos essa questão, com mais detalhes, no Capítulo 1.

² Informações disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 25/10/2019.

³ Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>. Acesso em: 21/03/2020.

internacionais. Em 2019, conforme dados publicados no relatório *Global Trends: Forced Displacement in 2019*⁴, quase 80 milhões dessas pessoas foram deslocadas à força devido a fatores como conflitos, perseguições, violência ou violações de direitos humanos. Diante desse cenário, em que se fala em uma “migração de crise” (CLOCHARD, 2007), devido a suas proporções mundiais, é necessário compreendermos esse fenômeno que tem ganhado cada vez mais espaço no campo discursivo.

De acordo com Lara (2017), a história dos sujeitos em situação minoritária é, via de regra, contada a partir do ponto de vista dos grupos socialmente dominantes. É o caso dos migrantes e refugiados, que têm sido constantemente segregados por esses grupos que marginalizam e silenciam aqueles que são, com frequência, tomados como “invasores”. Uma das formas predominantes de se consolidar essa estrutura social se dá pelo discurso⁵, o que pode ser evidenciado por meio das falas e demais formas textuais que circulam nas vozes e também nos silêncios ou “não ditos” que nos cercam (ORLANDI, 2007). Nesse sentido, assumimos com Sayad (1992) que não se pode escrever sobre a migração e os migrantes de forma inocente, sem se interrogar acerca do estatuto social e científico desse “objeto”. Diante de tal cenário, buscamos, com esta pesquisa, apreender as representações (socio)discursivas construídas pelos migrantes e refugiados⁶ a partir de suas próprias narrativas de vida.

Os indivíduos deslocados têm sido usualmente representados por órgãos políticos e midiáticos, que falam por ou sobre eles. Assim, o olhar da população sobre tais sujeitos é direcionado por discursos institucionais, que propiciam a perpetuação de estereótipos e representações que orientam o modo de pensar e agir da sociedade. Os próprios termos utilizados para designar aqueles que se encontram em situação de deslocamento são motivo de debate, tendo em vista o valor semântico que se atribui a nomes como “(i)migrante”, “refugiado”, “exilado” e “estrangeiro” nas diferentes línguas (CALABRESE; VENIARD, 2018). O processo de migração, por sua vez, é frequentemente mencionado nas mídias como uma “crise”, um “problema” ou mesmo uma “ameaça” a ser contida. Desse modo, a sociedade

⁴ Disponível em: https://www.unhcr.org/globaltrends2019/#_ga=2.122483147.1574582187.1593550622-2147098473.1584824246. Acesso em: 18/06/2020.

⁵ Para a semiótica francesa, teoria na qual nos embasamos, o discurso é uma unidade do plano de conteúdo que, quando se manifesta por um plano de expressão (verbal ou não verbal), constitui um texto. Este é, portanto, a junção de um plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão (cf. FIORIN, 2018, p. 45). Abordaremos melhor esses conceitos no capítulo 2.

⁶ Nesta pesquisa, o termo “migrantes” será utilizado, de forma mais ampla, para se referir a quaisquer indivíduos deslocados/em deslocamento, enquanto o termo refugiado designará aqueles que são assim reconhecidos pelo direito internacional. Assim, todo refugiado é também um migrante, mas o contrário não se aplica.

acaba sendo condicionada não só a não compreender, mas também a rejeitar esse fenômeno social.

Na contrapartida desse modelo, a organização não governamental *Medécins sans Frontières* (MSF)⁷ promoveu em 2018, na Suíça – país que estabeleceu cotas para a entrada de migrantes em seu território –, a exposição *La voix de mes blessures*⁸, que tem como objetivo “dar um rosto” aos refugiados, ao apresentar seus diários de bordo, a fim de transformar a visão da sociedade sobre essas pessoas. Por conseguinte, a proposta desta pesquisa é analisar os diários de bordo da referida exposição, bem como um conjunto de depoimentos coletados por equipes de Médicos sem Fronteiras durante operações de busca e resgate no Mar Mediterrâneo em 2015⁹ (ano considerado o apogeu da chamada “crise”), cujas histórias relatam as grandes dificuldades enfrentadas pelos sujeitos deslocados/em deslocamento tanto em seus países de origem quanto na tentativa de chegar ao continente europeu em busca de proteção.

Este estudo justifica-se pelo fato de que os discursos mobilizados em torno do processo de migração influenciam não só as representações moduladas pela sociedade, como também as políticas migratórias, que têm se tornado cada vez mais restritivas, sendo sustentadas, via de regra, por discursos de cunho xenófobo e nacionalista. A escolha que fizemos pelo trabalho com narrativas de vida de migrantes e refugiados fundamenta-se na necessidade de ouvirmos a voz dessas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade. Acreditamos que, desse modo, seremos capazes de compreender não só as especificidades vividas por cada um, mas as diferentes questões relativas ao fenômeno da migração que ocorre neste determinado momento e perpassa a história de diferentes países e comunidades.

Atualmente, a migração corresponde a um fenômeno que altera a configuração do mundo como o conhecemos, o que faz com que, de acordo com Moscovici (2015), novas representações sociais¹⁰ sejam criadas, na tentativa de transformar o que é estranho em familiar. De acordo com o pesquisador,

O caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças. As

⁷ Os *Medécins sans Frontières* (MSF), ou Médicos sem Fronteiras, são uma organização humanitária internacional que oferece assistência médica a pessoas afetadas por conflitos, epidemias, desastres ou exclusão de serviços de saúde. A organização foi fundada em Paris, no ano de 1971. Informações disponíveis em: <https://www.msf.org/who-we-are>. Acesso em: 25/10/2019.

⁸ A página oficial da exposição pode ser consultada em: http://lp.msf.ch/2017/09/migration/index_fr.html. Acesso em: 25/10/2019.

⁹ Os depoimentos podem ser consultados em: <https://www.msf.org/mediterranean-migration-testimonials-refugees-rescued-msf-sar-operations>. Acesso em: 25/10/2019.

¹⁰ Lembremos que discurso e sociedade se imbricam. Isso significa que as representações sociais são “materializadas” nas práticas discursivas. Daí nosso empenho em falar de representações (socio)discursivas.

peças estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não familiar e perturbado (MOSCOVICI, 2015, p. 91).

Desse modo, é fundamental que o espaço de fala dos migrantes e refugiados seja ampliado, para que possamos compreender o que esses sujeitos, normalmente “*sans paroles*” (DUCARD, 2015), têm a dizer sobre si mesmos e sobre esse fenômeno que surge como reflexo de uma série de tensões da/na contemporaneidade. Nesse sentido, Ribeiro (2019, p. 75) afirma que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração de mundo por outros olhares e geografias”. É sabido que o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências e perspectivas distintas; entretanto, as narrativas que diferem daquelas empreendidas pelos grupos hegemônicos são reiteradamente silenciadas, uma vez que “os grupos subalternos não têm direito à voz, por estarem em um lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas” (*Ibid*, p. 74). A falta de acesso desses grupos a certos espaços resulta também na falta de produção de vozes que rompem com o discurso dominante. Conscientes disso, não pretendemos, neste trabalho, falar pelos migrantes e refugiados, mas ouvi-los.

Embora a grande mídia europeia aborde a situação migratória como uma “crise de refugiados” em seu continente, mais de 84% dos refugiados em todo o mundo estão na África, no Oriente Médio e na Ásia, de acordo com dados do ACNUR¹¹. Com efeito, a necessidade de analisarmos a maneira pela qual os migrantes e refugiados são representados e se representam no contexto europeu, onde é sustentado esse imaginário de crise, possui especial relevo no momento atual. De acordo com dados da OIM¹², entre 2014 e 2019, cerca de 40.000 pessoas foram mortas devido às condições precárias de travessia a que se submetem na tentativa de fugir de guerras e conflitos de diferentes ordens (política, econômica e social). Nos últimos anos, cerca de 20.000 pessoas afogaram-se no Mar Mediterrâneo, enquanto as restrições às ONGs que se responsabilizam pelo resgate dos migrantes aumentaram. A maneira pela qual as autoridades têm lidado com esse problema nos leva a refletir, então, sobre a questão dos direitos humanos.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU)¹³, os direitos humanos são “inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”. Entretanto, mais de 70 anos após a criação da

¹¹ Informações disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 25/10/2019.

¹² Disponível em: <https://missingmigrants.iom.int/>. Acesso em: 15/4/2020.

¹³ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>. Acesso em: 25/10/2019.

Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), questões como discriminação e intolerância permanecem como grandes desafios da contemporaneidade. O princípio da não discriminação aparece já no primeiro artigo da DUDH, quando se proclama que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Porém, esse ideal provoca um estranhamento diante de uma conjuntura que mantém o estatuto da desigualdade social e que não reconhece os mesmos direitos àqueles que representam a alteridade. No que diz respeito especificamente aos sujeitos migrantes, temos os seguintes artigos:

Artigo XIII - 1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV - 1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países. [...]

Diante desses artigos, podemos considerar que a migração é um direito humano e que nenhum indivíduo deve ser considerado ilegal por exercer o que, de certa forma, pode ser compreendido como uma expansão do direito de ir e vir. De acordo com a ONU¹⁴, a DUDH apresentou um avanço em relação à Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), já que, em vez de se limitar aos direitos dos *cidadãos*, passou a falar em direitos dos *seres humanos*, que devem ser iguais para todos, independentemente do local onde tenham nascido. Ademais, a Declaração repudia a ideia de que os países tenham liberdade para agir da maneira que bem quiserem em relação às pessoas que estejam em seu território, o que, porém, tem ocorrido nos últimos anos em função de determinadas políticas migratórias.

Não há dúvidas de que, devido a seus níveis sem precedência, o processo de migração torna-se uma questão que deve ser investigada e discutida. Assim, cabe a esta pesquisa refletir sobre as narrativas de vida dos migrantes/refugiados aqui representados – e que representam tantos outros – na tentativa de difundir suas vozes. A definição do *corpus* da pesquisa se deu a partir da escolha de diários de bordo e de depoimentos – (re)lidos como narrativas de vida (como explicaremos no capítulo 2) – de sujeitos que buscavam abrigo no continente europeu. Analisaremos, então, como já foi dito, dois diários de bordo que compõem a exposição *La voix de mes blessures* e que nos foram gentilmente concedidos pela organização *Medécins sans Frontières*, já que o material não se encontra disponível *online*. Seus “narradores” são os refugiados Christiana Alaba (Nigéria) e Ali Malikzada (Afeganistão). Além dos diários de bordo, trabalharemos, como também já mencionamos, com cinco depoimentos coletados por

14 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/textos-explicativos/>. Acesso em: 25/10/2019.

equipes de MSF durante operações de busca e resgate no Mar Mediterrâneo. Entre as 332 pessoas resgatadas, foram relatadas as histórias de Michael (Eritreia), Batu (Serra Leoa), Zachariah (Palestina), Agnes (Eritreia) e Salif (Burkina Faso).

Isso posto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar e comparar, à luz da Análise do Discurso, em sentido amplo, e, mais especificamente, da Semiótica Discursiva, as imagens ou representações (socio)discursivas (de si, do outro, do mundo) de migrantes e refugiados a partir de suas narrativas de vida. Esse objetivo se desdobra em três perguntas básicas:

- 1) Quem é, afinal, esse *outro (migrante/refugiado)*? Como ele se apresenta e se representa no próprio discurso? Como, enfim, ele se significa naquilo que diz (e também naquilo que não diz)?
- 2) Como ele avalia o percurso migratório e seus desdobramentos em relatos – diários de bordo e depoimentos – tomados aqui como narrativas de vida?
- 3) Que semelhanças as narrativas de vida nos permitem apreender, de modo a construir um discurso comum, sem perder de vista a singularidade de cada sujeito e as especificidades de cada história?

Em linhas gerais, o trabalho será estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo buscaremos contextualizar o fenômeno das migrações contemporâneas. Para tanto, apresentaremos os dados e conceitos que situam os fluxos migratórios em nível internacional, bem como os principais acordos estabelecidos entre as nações. O capítulo I está dividido em três seções: na primeira, discutiremos as categorizações atribuídas aos indivíduos em deslocamento, tais como migrante, imigrante, emigrante e refugiado; na segunda, abordaremos às questões relativas à chamada crise migratória; e na terceira, examinaremos as principais políticas migratórias europeias. O segundo capítulo engloba as questões teórico-metodológicas que fundamentam esta pesquisa. Em um primeiro momento, abordaremos o gênero narrativas de vida e, em seguida, trataremos da semiótica discursiva que constitui nosso dispositivo de análise. No terceiro capítulo, desenvolveremos a análise e a comparação das narrativas de vida que compõem o *corpus* da pesquisa, a fim de estabelecer quais são as representações (socio)discursivas que delas emanam e apreender semelhanças e diferenças entre elas.

CAPÍTULO I - PROCESSOS MIGRATÓRIOS NA CONTEMPORANEIDADE: DAS PALAVRAS ÀS TRAJETÓRIAS DE DESLOCAMENTO

“Estamos vivos porque estamos en movimiento
Lo mismo con las canciones, los pájaros, los alfabetos
Si quieres que algo se muera, déjalo quieto”

Jorge Drexler

Neste capítulo, como foi anunciado na Introdução, buscaremos traçar um panorama em torno das migrações contemporâneas, especialmente no que diz respeito às tentativas de chegada ao continente europeu em busca de refúgio. Nesse sentido, destacaremos os deslocamentos que ocorrem na região da bacia do Mediterrâneo, cujas águas estendem-se da Espanha até a costa do Líbano, na direção leste-oeste; e da Itália até a Líbia, na direção norte-sul. Esse recorte espacial se deve ao fato de que, nos últimos anos, milhares de pessoas forçadas a deixar seus lares enfrentaram riscos fatais na tentativa de cruzar as rotas do Mar Mediterrâneo. A percepção mundial passou, assim, a ser (re)formulada na medida em que novos debates surgiram focalizando esse fenômeno sob diferentes ângulos.

Tendo em vista que essas concepções influenciam não só a opinião pública, como também o quadro de desenvolvimento de políticas migratórias, como já foi dito, buscaremos, neste capítulo, apreender os sentidos criados em torno dos processos de deslocamento nos âmbitos político e social por meio do discurso. Para tanto, discutiremos os principais conceitos, designações e dados relativos aos fluxos migratórios, de forma geral, e abordaremos os principais acordos internacionais e políticas migratórias europeias.

As migrações, sejam elas coletivas ou individuais, organizadas ou desorganizadas, escolhidas ou forçadas, se inscrevem em uma longa história de movimentações humanas (GOHARD-RADENKOVIC; RACHEDI, 2009). Esse fenômeno possui uma dimensão global, tanto espacial quanto subjetiva, tendo em vista que os sujeitos que o experienciam expressam seus medos, desejos, necessidades e objetivos (CORRADO, 2004, p. 97). Assim, os fluxos migratórios não se reduzem à travessia de uma fronteira; tratamos aqui de processos múltiplos e complexos. Logo, compreendê-los significa não apenas apreender as abordagens teóricas em torno da migração, mas confrontá-las com a realidade (MOREIRA, 2018).

De acordo com Xavier Emmanuelli, cofundador da organização *Medécins sans Frontières*, nunca o acesso que temos à realidade do planeta foi tão fácil. No entanto, como vivemos imersos na “cultura do instantâneo” a todo momento recebemos numerosas imagens e informações sobre diversos assuntos. Conforme o autor, “as imagens dos países que sofrem estão fluindo através das telas em um ritmo frenético, a ponto de atrapalhar nossa visão, a ponto de serem confundidas com os programas de *reality show* ou com as séries do momento” (EMMANUELLI, 2017, p. 12-13)¹⁵. Assim, quaisquer representações referentes às situações vividas por migrantes e refugiados, quando dispersas em meio a polêmicas atuais, questões políticas, esportivas ou mesmo meteorológicas, passam a tornar irreal o drama vivido por tantas pessoas ao redor do mundo. Homens e mulheres tornam-se invisíveis aos nossos olhos, mesmo quando nos vemos diante daqueles que passam a viver nas ruas de nosso país. Portanto, é imprescindível que tomemos consciência de que esses sujeitos existem como indivíduos, e não apenas como números ou imagens midiáticas (*Ibid.*, p. 89).

Desse modo, consideramos a discussão em torno das representações dos/sobre os migrantes e refugiados fundamental para a compreensão do fenômeno migratório atual, tendo em vista que a realidade é também socialmente construída pelo discurso. Nesse sentido, assumimos, com Calabrese e Veniard (2018, p. 19), que o papel da linguagem na (re)construção do real possui um “duplo movimento”: a linguagem registra o social e, ao mesmo tempo, age sobre ele. Assim, através dos debates em torno da questão migratória, os indivíduos e especialmente as instituições que falam por/sobre os migrantes, demonstram que o discurso constitui um espaço de produção de significados (FIALA, 1985) na medida em que suas palavras passam a (re)formular uma representação social (MOSCOVICI, 2015) em torno desse movimento.

De acordo com Calabrese e Veniard (2018, p. 10), “os debates semânticos (aqueles que se relacionam com o significado) e lexicais (aqueles que se relacionam com a escolha das palavras) mostram, porém, que o vínculo que liga as palavras às coisas não é imutável”¹⁶ e, desse modo, ele pode ser alterado conforme se modifica também nossa visão de mundo. Os sentidos de determinadas palavras, como a dicotomia migrante/refugiado, evoluem de uma maneira que não pode ser registrada pelos dicionários. Esses termos possuem significados fluidos e ambíguos, que hoje acarretam polêmicas semânticas e lexicais em torno de seu

¹⁵ Tradução livre de: “Les images des pays en souffrance se déversent à travers les écrans à un rythme effréné, au point de tronquer notre vision, au point de se confondre avec les programmes de télé réalité ou les séries du moment”.

¹⁶ Tradução livre de: “Les débats sémantiques (ceux qui portent sur le sens) et lexicaux (ceux qui portent sur le choix de mots) montrent cependant que le lien qui rattache les mots aux choses n’est pas immuable [...]”.

emprego. Essa atividade metadiscursiva, de questionar o sentido das palavras e propor alternativas a seu uso, possui justamente a função social de (re)configurar a realidade de uma comunidade discursiva (*Ibid.*, p. 18).

Nessa perspectiva, as escolhas lexicais relacionadas à migração e aos sujeitos em deslocamento merecem ser analisadas, uma vez que elas carregam diferentes sentidos (positivos e negativos) que categorizam os indivíduos pertencentes a esse grupo. É necessário observarmos, no entanto, que esses sentidos não são construídos somente pelas informações constatadas sobre essas pessoas, pois um mesmo referente (isto é, a pessoa a quem a palavra se refere) pode corresponder a diferentes categorizações, tais como *migrante*, *imigrante*, *estrangeiro*, *refugiado* ou *exilado* (CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 20), conforme os princípios políticos e sociais que orientam diferentes pontos de vista (RABATEL, 2013). Desse modo, admitimos com Akoka (2018, p. 184) que essas definições dizem muito mais sobre as sociedades que as elaboram e interpretam do que sobre aqueles que elas categorizam.

Mas afinal, quem são essas pessoas que recebem tantos nomes? E que sentidos carregam esses atos de nomeação?

1.1. Deslocamentos em palavras, palavras em movimento

Quando se aborda a temática da migração, é comum que os termos *refugiado* e *migrante* sejam equivocadamente empregados como sinônimos. Para fins jurídicos, existe uma distinção clara entre essas categorias, embora apenas o termo *refugiado* possua uma definição internacionalmente aceita.

Entre controvérsias políticas e midiáticas, o jogo de nomeação tem uma consequência clara: a construção de um cenário em que determinados grupos de migrantes são considerados legítimos, enquanto outros são constantemente deslegitimados. Para tratar dessa questão, voltaremos nosso olhar, inicialmente, para a distinção criada entre *refugiados* e *migrantes*, uma vez que eles correspondem aos grupos implicados neste estudo.

1.1.1. Refugiados: um percurso histórico de sentidos

O conceito de *refugiado* sofreu diversas transformações ao longo do tempo. Em conformidade com Akoka (2017), destacamos a necessidade de nos atentarmos para a multiplicidade de seus usos, a fim de compreender até que ponto a categoria de refugiado é uma

construção, não tendo nem realidade objetiva nem neutralidade. Com esse intuito, traçaremos um breve percurso histórico, a partir da emergência da figura do refugiado na Europa.

De acordo com Akoka (2016, p. 184), até o início do século XVIII, o termo *refugiado* era destinado aos Huguenotes, forçados a fugir da França devido à perseguição religiosa causada pela revogação do Édito de Nantes¹⁷ em 1685. Embora esse termo tenha sido reservado aos protestantes franceses, antes disso (séc. XV), outros grupos como os judeus e os mouros¹⁸ da Espanha já haviam sido forçados a migrar devido a suas religiões. Mais adiante, nos anos 1920, o termo *refugiado* passou a fazer parte do direito internacional, sendo aplicado somente a determinados grupos, de acordo com suas nacionalidades. O grupo mais emblemático refere-se aos russos que, nesse período, deixavam seu país principalmente para fugir da fome. Todavia, independentemente de suas motivações, todos os que deixavam a Rússia bolchevique eram reconhecidos como refugiados, em função do interesse político da Europa em conter a Revolução Russa, além da necessidade de mão de obra após a Primeira Guerra Mundial. Em contrapartida, os italianos, espanhóis e judeus alemães que, na mesma época, deixavam seus países para escapar dos regimes fascistas, não tinham o direito de reivindicar esse *status*.

De acordo com Groppo (1996), durante esse período, o antifascismo ainda não era um tema político estruturante, enquanto o comunismo era tomado como um problema público maior. Além disso, Hitler, Mussolini e Franco eram ainda membros ativos da Sociedade das Nações. Foi somente em 1938 que os judeus da Alemanha nazista passaram a ser reconhecidos como refugiados pelas instâncias internacionais (AKOKA, 2018).

Após a Segunda Guerra Mundial, havia cerca de um milhão e meio de pessoas deslocadas sob a guarda dos Aliados (COHEN, 2012). Nessa época, os antigos apoiadores do nazismo foram explicitamente excluídos do estatuto de refugiado, que logo voltou a ser flexibilizado em apoio aos anticomunistas, com o início da Guerra Fria. Segundo Cohen (2012), esse foi o início da “*guerre-froidisation*” da definição de refugiado. Bhabha (1996) destaca que, nesse período, existiam duas grandes concepções de refugiado. A primeira, adotada pelo bloco

¹⁷ Huguenotes (do francês *Huguenots*) foi o nome atribuído ao grupo de seguidores da religião protestante na França. Durante o século XVI, milhares de protestantes foram assassinados em todo o país por motivos religiosos, em meio às guerras civis entre calvinistas e católicos. Já o Édito de Nantes (*Édit de Nantes*) foi um documento assinado na cidade de Nantes pelo rei Henrique IV. O documento ficou conhecido como um “édito de pacificação” por conceder aos protestantes a garantia de tolerância religiosa, encerrando as guerras entre huguenotes e católicos na França. Em 1685, o rei Luís XIV revogou o referido édito e, depois disso, mais de 400 mil protestantes foram forçados a deixar a França, em decorrência da perseguição gerada pela proibição de sua religião. Informações disponíveis em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/historia-do-movimento-reformado-outros-textos/o-edito-de-nantes-1598/>. Acesso em: 4/4/2020.

¹⁸ Originalmente, eram chamados de “mouros” os povos praticantes do Islão, oriundos de países do norte do continente Africano, como Marrocos e Argélia. Durante a Idade Média, esses povos uniram-se aos árabes na conquista da Península Ibérica. Porém, no período da chamada Reconquista, eles foram perseguidos e expulsos pelos grupos católicos. Informações disponíveis em: <https://www.natgeo.pt/historia/2019/12/quem-eram-os-mouros>. Acesso em: 4/4/2020.

ocidental, privilegiava a perseguição como principal critério para a definição de refugiado. Desse modo, a violência política podia ser denunciada, mas as injustiças socioeconômicas eram deixadas de lado, seguindo uma ordem liberal na esteira do Iluminismo. A segunda concepção, adotada pelo bloco socialista, alinhava-se a uma herança ideológica comunista, colocando as desigualdades socioeconômicas como um problema central para a definição de refugiado, privilegiando, assim, os direitos coletivos em detrimento das liberdades individuais.

A fim de solucionar a questão relativa ao grande número de refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial, em 28 de julho de 1951, foi assinada, em Genebra, a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. Em suas disposições gerais, a chamada Convenção de Genebra estabelece os direitos e deveres do refugiado, bem como uma definição desse termo, a saber:

Art. 1º - Definição do termo "refugiado"

A. Para os fins da presente Convenção, o termo "refugiado" se aplicará a qualquer pessoa:

1) Que foi considerada refugiada nos termos dos Ajustes de 12 de maio de 1926 e de 30 de junho de 1928, ou das Convenções de 28 de outubro de 1933 e de 10 de fevereiro de 1938 e do Protocolo de 14 de setembro de 1939, ou ainda da Constituição da Organização Internacional dos Refugiados [...].

2) Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.

Essa definição prevalece até os dias de hoje, tendo sido adotada como modelo para a criação das leis de refúgio de diferentes países, uma vez que, quanto à situação jurídica do refugiado, a Convenção determina, no artigo 12, que “o estatuto pessoal de um refugiado será regido pela lei do país de seu domicílio, ou, na falta de domicílio, pela lei do país de sua residência”. Nessa perspectiva, é também estabelecido, no artigo 4º, que o refugiado possui “a obrigação de se conformar às leis e regulamentos, assim como às medidas tomadas para a manutenção da ordem pública”. Em relação aos direitos dos refugiados, a Convenção estabelece os direitos de associação, emprego remunerado, bem-estar, liberdade de movimento, papéis de identidade, documento de viagem, entre outros. De acordo com o artigo 3º, o tratado determina que suas disposições devem ser aplicadas pelos Estados “sem discriminação quanto à raça, à religião ou ao país de origem”, além de reafirmar, no artigo 33, o princípio de *non-refoulement*, quando assegura que:

Art. 33 – Nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras dos territórios em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou das suas opiniões políticas.

A Convenção de Genebra entrou em vigor somente em 1954, porém, já em 1951 iniciaram-se as atividades do ACNUR¹⁹, Agência da ONU para Refugiados, incumbida de assegurar a proteção desse grupo. Nesse mesmo ano, foi criada a Organização Internacional para as Migrações (OIM), que atua junto aos governos, a outras organizações e à sociedade civil para enfrentar os desafios da migração²⁰. Diante desses fatos, consideramos importantes os avanços que surgiram em decorrência da Convenção de Genebra, uma vez que aqueles que adquirem o *status* de refugiado passam a ser protegidos pelo direito internacional, recebendo assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações não governamentais. Entretanto, conforme aponta Agier (2017, p.9), esse *status* “é resultado de um discurso legal marcado por uma tensão permanente entre a proteção dos direitos humanos e as políticas públicas de imigração”²¹.

É necessário observar que, a princípio, a concessão do *status* de refugiado era restrita aos europeus. Por isso, após dezesseis anos da criação da Convenção de Genebra, foi estabelecido o Protocolo de 1967, relativo ao Estatuto dos Refugiados, que entrou em vigor em outubro desse mesmo ano. A criação do Protocolo é, assim, justificada:

Considerando que a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados assinada em Genebra [...] só se aplica às pessoas que se tornaram refugiados em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951,
Considerando que, desde que a Convenção [de 1951] foi adotada, surgiram novas categorias de refugiados e que os refugiados em causa podem não cair no âmbito da Convenção,
Considerando que é desejável que todos os refugiados abrangidos na definição da Convenção, independentemente do prazo de 1º de janeiro de 1951, possam gozar de igual estatuto [...].

A partir de então, a definição de *refugiado* foi “atualizada”, passando a desconsiderar que o estatuto se aplica somente às pessoas que buscam asilo “em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951”, conforme consta na Convenção de Genebra. Embora a definição tenha se tornado mais abrangente, ela ainda provoca diversos questionamentos quanto ao posicionamento político que enseja diante da categoria de refúgio.

¹⁹ O ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – foi criado em dezembro de 1950 por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas. Informações disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/historico/>. Acesso em: 4/4/2020.

²⁰ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/oim/>. Acesso em: 4/4/2020.

²¹ Tradução livre de: “[...] est aussi le fruit d’un discours juridique marqué par une tension permanente entre protection des droits de l’Homme et politique publique de l’immigration.”

Akoka (2018, p. 185) destaca que a definição de *refugiado* como aquele que sofre perseguição, estabelece uma hierarquia entre dois tipos de violência: a violência política, tomada como legítima, e a violência econômica, por vezes encarada não como uma violência, mas como uma injustiça e, portanto, considerada ilegítima.

A interpretação da Convenção de 1951 que prevalece atualmente entre os países ocidentais é relativa à ideia de que o solicitante de refúgio deve atestar medo de perseguição individual, embora essa especificação não tenha sido estipulada em nenhuma parte do tratado. Com efeito, até os anos 1980 esse critério de concessão do *status* de refugiado não havia sido aplicado.

Na França, como explica Akoka (2018, p. 186), entre os anos 1950 e 1970 bastava ser russo, húngaro, polonês, armênio ou tchecoslovaco para receber o *status* de refugiado. Já nos anos 1980, foram os cambojanos, laocianos ou vietnamitas, ou seja, aqueles que deixavam os regimes comunistas, que passaram a ser acolhidos como refugiados. Não havia, portanto, para essas pessoas, a necessidade de declarar a dissidência de um regime autoritário, atestar um risco individual de perseguição ou até mesmo esconder motivações econômicas, uma vez que elas eram “provas vivas” da superioridade do capitalismo ocidental sobre a ideologia comunista. Em vista dessas circunstâncias, os anos 1950 a 1980 foram marcados por uma ampla interpretação da Convenção de 1951 e pela flutuação do termo *refugiado* que, longe de ser uma definição universal, era mobilizado como resultado de um processo de interseção entre escolhas subjetivas e estratégias políticas de acordo com os interesses da época.

Segundo Clochard (2007, p. 5), entre 1945 e 1990, os refugiados foram levados a deixar seus países de origem principalmente devido às crises que surgiam como resultado de confrontações ideológicas, políticas e militares entre o ocidente e o oriente. Porém, com o fim da Guerra Fria em 1989 e o colapso da União Soviética em 1991, os conflitos armados foram reduzidos ao redor do mundo. Em meados dos anos 1980, os Estados europeus tornaram-se menos inclinados ao acolhimento de refugiados em razão das mudanças socioeconômicas e geopolíticas que ocorreram nesse período. A partir de então, a exigência de comprovação de perseguição individual passou a ser imposta a quase todos os solicitantes de refúgio, em razão de um novo contexto que surgia diante de três fatores: o fim da Guerra Fria, a construção de uma imagem negativa da imigração diante da crise econômica, e as diferentes nacionalidades das quais faziam parte os solicitantes de refúgio, agora vindos de países que haviam sido colonizados. Diante desse cenário, conceder o *status* de refugiado passou a ser visto como algo contraprodutivo dos pontos de vista econômico, geopolítico e diplomático. Exemplo disso é o

fato de que, na França, entre os anos 1980 e 1990, a taxa de obtenção do *status* de refugiado passou de 85% de concessões (entre 20.000 solicitantes) para 85% de rejeições (entre 50.000 solicitantes), conforme afirma Akoka (2018, p. 187).

O aumento de exigências para a solicitação de refúgio, tais como a necessidade de comprovar não somente ter sofrido perseguição individual, como também não ter utilizado armas para se defender, justifica o grande número de rejeições. Assim, Clochard (2007, p. 5) aponta que:

Essa diminuição está notavelmente ligada aos dispositivos de controle estabelecidos nas fronteiras dos Estados. Os solicitantes de refúgio – [assim chamados] porque atravessaram (ou estão tentando atravessar) a fronteira clandestinamente e/ou não possuem um documento de viagem válido – são cada vez mais vistos pelos policiais na fronteira e/ou governos europeus como estrangeiros que abusam do procedimento de asilo para entrar no território de um Estado²².

Nesse sentido, Agier (2017, p. 14) comenta que a “certeza” de que todo solicitante de refúgio é potencialmente um mentiroso leva os países de acolhimento a reprimir, com a consciência limpa, numerosos refugiados. Para Madeira (2017, p. 88), “o direito atual deixa plainar sobre os solicitantes de refúgio uma suspeita de fraude que presta pouco respeito ao princípio de proteção que esse direito deveria trazer” e constitui “mais um sinal, se não o mais claro, da dificuldade de reconhecer o estrangeiro como titular de direitos fundamentais”. Esse imaginário de fraude corrobora a existência de que existem “falsos refugiados”, isto é, aqueles que fogem não de uma perseguição individual, mas de violências coletivas de diferentes ordens, o que não lhes garante tal *status*.

Se antes eram as Grandes Guerras que levavam os indivíduos a se deslocarem, hoje são as guerras civis, as crises humanitárias e outras novas formas de conflito (como as guerras travadas pelos Estados Unidos em nome do combate ao “terrorismo internacional”) que levam a um deslocamento forçado de populações cada vez mais significativo (CLOCHARD, 2007, p. 5). Assim, diante dos diversos fatores que motivam os indivíduos a migrarem na contemporaneidade, progressivamente tem-se definido quem são aqueles que “merecem” ser considerados refugiados, e aqueles que devem ser expulsos dos países para os quais se deslocaram. É nessa perspectiva que, a seguir, trataremos da categoria dos *migrantes*.

²² Tradução livre de: “Cette diminution est notamment liée aux dispositifs de contrôles qui sont établis aux frontières des États. Les demandeurs d’asile – parce qu’ils ont franchi (ou tentent de franchir) la frontière clandestinement et/ou n’ont pas de document de voyage en règle – sont de plus en plus considérés par les agents de la Police Aux Frontières et/ou les gouvernements européens comme des étrangers usant abusivement de la procédure d’asile pour entrer sur le territoire d’un État”.

1.1.2. (EM)(IM)(M)igrantes

Diferentemente do termo *refugiado*, que possui uma definição legal aceita internacionalmente, a palavra *migrante* pode ser compreendida de diferentes formas. Trata-se de um termo abrangente, que pode ser utilizado tanto para se referir àqueles que se mudam dentro de um mesmo Estado, quanto aos que se deslocam para outros países. De acordo com Carling (2017), a resposta para a questão “qual é o significado de ‘migrantes?’”²³ tem provocado desacordos e controvérsias na política internacional e no trabalho humanitário. O principal dissenso refere-se à inclusão do grupo de refugiados entre os migrantes, sendo que existem duas visões em torno dessa questão. A primeira, mais inclusiva, defende que os migrantes são pessoas que se deslocaram independentemente de suas motivações ou *status* legal. Desse modo, o termo *migrante* incluiria refugiados, vítimas de tráfico humano, indivíduos que fogem da miséria e aqueles que se mudam para trabalhar ou estudar em determinado lugar. Já a segunda, percebe os migrantes como pessoas que deixaram seus lares por quaisquer razões que não sejam as guerras ou o medo de perseguição individual, motivações que seriam restritas aos refugiados.

Quanto a esse aspecto, é importante observar que até mesmo duas organizações pertencentes à ONU divergem em relação à concepção do termo *migrante*. De acordo com o Glossário sobre Migração (2019) elaborado pela OIM, o vocábulo *migrante* é definido da seguinte forma:

Um termo “guarda-chuva”, não definido pelo direito internacional, que reflete o entendimento comum de uma pessoa que deixa seu local de residência habitual, seja dentro de um país, seja atravessando uma fronteira internacional, temporária ou permanentemente, e por uma variedade de razões. O termo inclui várias categorias legais bem definidas de pessoas, como trabalhadores migrantes; pessoas cujos tipos específicos de movimento são legalmente definidos, como migrantes contrabandeados; bem como aqueles cujo *status* ou meio de movimento não são definidos especificamente sob o direito internacional, como estudantes internacionais.^{24 25}

²³ Disponível em: <https://meaningofmigrants.org/>. Acesso em: 6/4/2020.

²⁴ Tradução livre de: “An umbrella term, not defined under international law, reflecting the common lay understanding of a person who moves away from his or her place of usual residence, whether within a country or across an international border, temporarily or permanently, and for a variety of reasons. The term includes a number of well-defined legal categories of people, such as migrant workers; persons whose particular types of movements are legally defined, such as smuggled migrants; as well as those whose status or means of movement are not specifically defined under international law, such as international students.”

²⁵ Essa definição sofreu uma grande alteração com o passar do tempo e com o novo cenário de migração. Assim, no Glossário de 2009, a OIM definia o termo *migrante* da seguinte forma: “[...] O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de ‘conveniência pessoal’ e sem a intervenção de fatores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas

Em contrapartida a essa definição, o ACNUR (2015) considera que:

Os migrantes escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões. À diferença dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo.²⁶

Admitindo que o processo de deslocamento dos migrantes é um movimento voluntário em busca de melhores condições de vida, o ACNUR assume que esses indivíduos podem retornar a seu país de origem sem riscos. Assim, os migrantes que deixam seus países não são amparados pelo direito internacional, passando a depender da legislação interna de cada país de destino. Para o ACNUR (2015), misturar o uso dos termos *refugiado* e *migrante* “desvia a atenção das salvaguardas legais específicas que os refugiados requerem e pode prejudicar o apoio público aos refugiados e a instituição do refúgio”.²⁷ Além disso, em seu *website*, a Agência “encoraja as pessoas a diferenciarem os termos para manter a clareza sobre as *causas* e o *caráter* dos movimentos” (grifo nosso).²⁸ Desse modo, a representação do processo de migração como um processo voluntário é novamente reforçada.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 1920), na mesma direção, define o verbete *migração* como a “movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduo ou grupo de indivíduos, geralmente em busca de melhores condições de vida”²⁹. No entanto, há muito o que questionar em relação a essa concepção, uma vez que os fatores que levam os indivíduos a migrarem são bem mais complexos do que se pode apreender a partir dessas definições.

De acordo com Fiala (2018, p. 145; grifos do original), “a família do radical MIGR-, com seus derivados (*emigração, imigração, migração...*) e seus sinônimos, relativamente poucos nos dicionários (refugiados, deslocados, estrangeiros), comporta conflitos semânticos

condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias”. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 5/4/2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 6/4/2020.

²⁷ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 6/4/2020.

²⁸ Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/refugiado-x-migrante/>. Acesso em: 6/4/2020.

²⁹ Em contrapartida, no mesmo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 2412), o verbete *refugiado* é definido como “[...] 2. Político emigrante que sofre ou sofreu perseguição política em seu país de origem”, retomando a imagem de quem seria o “verdadeiro” refugiado. De todo modo, cabe lembrar que os dicionários não são responsáveis por determinar os significados das palavras: eles recolhem os sentidos que emanam de seus usos nos discursos que circulam socialmente.

latentes”³⁰, tanto do ponto de vista da língua, quanto de seus usos discursivos no âmbito sociopolítico. Em relação à origem desse campo lexical, Mazzella (2014, p. 12) pontua que o termo *migração* é emprestado do latim *migratio*, que significa “passagem de um extremo a outro”. Deriva, também, do termo *migrare*, que quer dizer “partir de um lugar, mudar de residência, sair”. Ainda sobre a origem e o percurso do radical migr-, Fiala (2018, p. 146) destaca que:

No plano formal, a família lexical [migr-] apresenta, ao longo do tempo, uma regularidade semântica e derivacional notável. A estrutura é agrupada em torno do substantivo *migração*, emprestado do latim (1495), atestado desde o começo do século XVI (1531) com o sentido de “mudança de lugar, deslocamento de uma população de indivíduos”, que substitui e marginaliza um termo que se sabe mais antigo, *transmigração* (atestado desde o século XII), e pôde designar sucessivamente os primeiros deslocamentos de populações no mundo antigo ou em direção à América. [...] Ele [o termo migração] também designa desde então [século XVIII], implicitamente, o tráfico de populações africanas escravizadas e, explicitamente, a partir do século XIX, os deslocamentos massivos mais ou menos forçados de populações ligadas às colonizações europeias, aos conflitos internacionais, à passagem das fronteiras nacionais, mas também, em um contexto sociológico, aos deslocamentos interiores de caráter social (*as migrações do campo, urbanas, diárias, sazonais, estivais*).³¹ (grifos do original).

Assim, o termo *migração* dá origem a todos os outros nomes desse grupo de palavras que designa os deslocamentos humanos. Diferentemente do termo *estrangeiro*, que possui um aspecto estático, a família lexical MIGR- remete à ideia de movimento (*Ibid.*, p. 150). Podemos, então, tratar de movimentos opostos, quando falamos em *emigração/imigração*, ou falar das mobilidades de forma abrangente, empregando o termo *migração*. De todo modo, essas noções são tanto lógicas quanto subjetivas. Do ponto de vista etimológico, é simples determinar que emigrar e imigrar implicam, respectivamente, partir de e chegar a algum lugar. Esses lugares, contudo, remetem a um *lá* e a um *aqui*, espaços repletos de sentidos e identidades tanto pessoais quanto pertencentes a uma nação. Trata-se, portanto, de um processo que possui uma dupla dimensão: a de fato coletivo e a de “itinerário individual”, como pontua Sayad (1992, p. 13).

³⁰ Tradução livre de: “La famille du radical MIGR-, avec ses dérivés (*émigration, immigration, migration...*) et ses synonymes, relativement peu nombreux dans les dictionnaires (*réfugiés, déplacés, étrangers*), comporte des conflits sémantiques latents.”

³¹ Tradução livre de: “Sur le plan formel, la famille lexicale présente dans la durée une régularité sémantique et dérivationnelle remarquable. La structure est groupée autour du substantif *migration*, emprunt au latin (1495), attesté dès le début du XVIe siècle (1531) avec le sens de ‘changement de lieu, déplacement d’une population d’individus’, qui remplace et marginalise un terme savant plus ancien, *transmigration* (atesté dès le XIIe siècle), et a pu désigner successivement les premiers déplacements de populations dans le monde antique ou vers l’Amérique. [...] Il désigne aussi dès lors [dès le XVIIIe siècle], implicitement, la traite des populations africaines asservies et, explicitement, à partir du XIXe siècle, les déplacements massifs plus ou moins forcés de populations liés aux colonisations européennes, aux conflits internationaux, au passage des frontières nationales, mais aussi, dans un contexte sociologique, aux déplacements intérieurs à caractère social (*les migrations paysannes, urbaines, journalières, saisonnières, estivales*).”

Para esse autor, a separação entre emigração e imigração, e tudo o que se pode dizer sobre a qualidade de emigrante e imigrante, é precisamente a maior oposição de natureza temática sobre os deslocamentos. Assim, “não podemos fazer a sociologia da imigração sem esboçar, ao mesmo tempo, uma sociologia da emigração; imigração *aqui* e emigração *lá* são as duas faces indissociáveis de uma mesma realidade, elas não podem ser explicadas uma sem a outra”³² (*Ibid.* p. 15; grifos nossos). Se seguirmos uma ordem cronológica, a emigração é o ponto de partida desse movimento dúbio que é a migração. O ato de emigrar engloba uma ruptura com o território, com a população, com uma ordem social e moral (*Ibid.*, p. 165).

Como observa Moreira (2018, p. 56), o emigrante rompe não apenas com um conjunto de estruturas (familiar, social, cultural, política e afetiva) às quais está ligado, mas também – e principalmente – rompe com uma conexão interna consigo mesmo. No entanto, seguindo à ordem linear desse movimento, “em um processo de metamorfose identitária, o emigrante se torna o imigrante, a continuação lógica do deslocamento daquele que deixou o ponto A para se tornar aquele que chegou ao ponto B”³³.

Sendo assim, o processo de imigração está ligado à história de cada indivíduo que decide partir. O imigrante carrega consigo sua língua, sua cultura, seus modos de agir, pensar e sentir. Entretanto, do ponto de vista da sociedade que o nomeia como tal, o imigrante só “nasce” no momento em que cruza as fronteiras e, desse modo, tudo o que ele viveu até então poderia ser desconsiderado (SAYAD, 1992, p. 15). Nessa perspectiva, Le Bras (2012, p. 117) aponta que o imigrante é encarado pela sociedade que o recebe de duas maneiras: quando sua mão de obra é necessária, ele é visto como um trabalhador; quando o país se encontra em tempos de crise, ele é visto como um habitante. Uma vez que não preencha mais as necessidades daquela sociedade, ele se transforma em um intruso. Assim, ele é bem-vindo como imigrante, mas malvisto como homem. Para Sayad (1999, p. 18; grifo do original),

O imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação que não está lá somente para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão, nem estrangeiro, nem verdadeiramente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, situa-se nesse lugar “bastardo” de que fala também Platão, a fronteira do ser e do não ser social.³⁴

³² Tradução livre de: “On ne peut faire la sociologie de l’immigration sans esquisser, en même temps et du même coup, une sociologie de l’émigration ; immigration ici et émigration là sont les deux faces indissociables d’une même réalité, elles ne peuvent s’expliquer l’une sans l’autre.”

³³ Tradução livre de: “Dans un processus de métamorphose identitaire, l’émigré devient l’immigrant, suite logique du déplacement de celui qui a quitté un point A pour devenir celui qui est arrivé à un point B.”

³⁴ Tradução livre de: “L’immigré est *atopos*, sans lieu, déplacé, inclassable. Rapprochement qui n’est pas là seulement pour ennoblir, par la vertu de la référence. Ni citoyen, ni étranger, ni vraiment du côté de Même, ni totalement du côté de l’Autre, il se situe en ce lieu ‘bâtard’ dont parle aussi Platon, la frontière de l’être et du non-être social.”

Toda essa discussão demonstra que as concepções de *imigrante* e *emigrante* sustentam representações sociais e questões identitárias sobre os indivíduos que são assim categorizados. Cada uma dessas noções possui suas particularidades e, ao mesmo tempo, elas se cruzam e se complementam formando o fenômeno que chamamos de *migração* (MOREIRA, 2018, p. 59). Hoje, conforme Fiala (2018, p. 150), não são mais os pontos de partida ou de chegada que são tematizados, mas os movimentos, “descritos ao mesmo tempo como impostos, necessários, inacabados, dificultados, ameaçados, miseráveis, mortais, mas também inquietantes, portadores de valores que ameaçam a ordem estabelecida, de violências, de riscos terroristas”.³⁵

Esses termos, associados às mobilidades, desvelam debates atuais que percorrem diferentes continentes no que diz respeito às questões sobre migração, integração e identidade. Os sentidos, conforme Calabrese e Verniard (2018, p. 21), são maleáveis, estando sujeitos a determinações contextuais. É desse modo que, a seguir, nos propomos a questionar de que maneiras e com quais sentidos os diferentes termos associados à migração são apropriados por políticos, por instituições e pela grande mídia europeia; e discutir como essa “mobilização” de termos nessas/por essas instâncias incide sobre a própria questão migratória. Voltaremos, então, nosso olhar para o atual cenário em que se encontram os movimentos migratórios em nível global, priorizando, porém, os deslocamentos direcionados ao continente europeu, a fim de contextualizar as narrativas de vida que analisaremos no Capítulo 3.

1.2. Da mobilização de termos à “crise migratória” na Europa e no mundo

De acordo com dados divulgados pelo *World Migration Report 2020*, elaborado pela OIM, estima-se que, em 2019³⁶, o mundo possuía cerca de 271,6 milhões de migrantes internacionais, o que corresponde a 3,5% da população mundial. Em 2015, ano considerado o ápice da chamada “crise migratória”, esse número era estimado em 248,9 milhões³⁷, o que indica que, desde então, a quantidade de migrantes ao redor do mundo continua a crescer significativamente. Vinte anos após a divulgação do primeiro *World Migration Report* pela

³⁵ Tradução livre de: “décrits en même temps comme imposés, nécessaires, inaboutis, entravés, menacés, misérables, mortels, mais aussi inquiétants, porteurs de valeurs menaçantes pour l’ordre établi, de violences, de risques terroristes.”

³⁶ A última atualização dos dados foi feita em 18 de setembro de 2019.

³⁷ Informações disponíveis em: https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs_&t=2019. Acesso em: 9/4/2020.

OIM (2000), o número de migrantes internacionais aumentou cerca de 85%, o de refugiados em torno de 80%, e o de deslocados internamente cerca de 97%³⁸.

A temática dos deslocamentos ganhou uma visibilidade maior em 2015 devido à amplitude dos fluxos migratórios. Durante esse ano, as palavras *migração* ou *migrantes* apareciam nos discursos midiáticos frequentemente associadas a termos negativos como ilegalidade, crise e morte. Akoka (2018, p. 183) relembra que, no dia 20 de outubro desse mesmo ano, o canal *Al Jazeera*, maior rede televisiva do mundo árabe, anunciou que a partir daquele momento eles utilizariam o termo *refugiado* no lugar de *migrante*, devido à conotação negativa que esse segundo termo vinha recebendo.

Essa declaração ocorreu poucos dias antes da divulgação da fotografia do corpo do pequeno Aylan Kurdi, um menino sírio de três anos que morreu afogado em uma praia da Turquia. Ao afirmar que todos aqueles que estão em deslocamento são refugiados, a emissora do Catar buscava destacar a urgência humanitária de acolher essas pessoas. Calabrese (2018, p. 154) pontua que a decisão editorial do canal foi comentada por uma boa parte da imprensa internacional, o que gerou uma discussão em torno do uso das palavras que designam as pessoas em deslocamento. A autora observou que, por alguns meses, certos jornais, em uma espécie de reação em cadeia, seguiram o modelo do *Al Jazeera* e começaram a empregar o termo *refugiado* em detrimento de *migrante*, mas, com o tempo, voltaram a usar as duas palavras muitas vezes como sinônimas. Nesse sentido, Calabrese (2018, p. 158) aponta que:

[...] a midiaticização do problema lexical põe em evidência para o público geral a existência de um léxico dedicado à mobilidade das pessoas, que é ora de origem jurídica (*solicitante de refúgio, refugiado, estrangeiro*), ora de uso corrente (*migrante, expatriado*), ora os dois (*estrangeiro, refugiado*), como ocorre com a assimilação entre *imigrante* e *estrangeiro* ou o uso de *refugiado* para as pessoas que não solicitaram ou obtiveram asilo. Qualquer que seja esse léxico, ele repousa sobre uma hierarquia entre os grupos humanos, que é amplamente denunciada por vários atores. Esse léxico define implicitamente uma mobilidade legítima (os refugiados que provaram que sua vida está em perigo) e uma outra contra a qual os Estados deveriam se precaver (os migrantes, cuja vida não seria ameaçada – sem levar em conta ameaças que não sejam políticas).³⁹ (grifos do original).

³⁸ A grande maioria dos migrantes não cruza fronteiras internacionais. O relatório mostra que em 2009 havia cerca de 740 milhões de migrantes internos, número muito superior à quantidade de migrantes internacionais.

³⁹ Tradução livre de: “[...] le médiatisation du problème lexical met en évidence pour le public général l’existence d’un lexique dédié à la mobilité des personnes, qui est tantôt d’origine juridique (*demandeur d’asile, réfugié, étranger*), tantôt d’usage courant (*migrant, expatrié*), tantôt les deux (*étranger, réfugié*), comme en témoigne l’assimilation entre *immigré* et *étranger* ou l’usage de *réfugié* pour des personnes qui n’ont pas demandé ou obtenu l’asile. Quoi qu’il en soit, ce lexique repose sur une hiérarchie entre les groupes humains qui est largement dénoncée par plusieurs acteurs. Ce lexique définit implicitement une mobilité légitime (les réfugiés ayant prouvé que leur vie est en danger) et une autre contre laquelle les États devraient se prémunir (les migrants, dont la vie ne serait pas menacée – sans prise en compte des menaces autres que politiques). ”

Diante dessa discussão em torno do uso das diferentes designações dedicadas às pessoas em deslocamento e da tentativa de legitimá-las por meio da atribuição do termo *refugiado*, Akoka (2018, p. 183) questiona a razão que leva à modificação de hierarquias ao invés de interrogá-las como tais:

Por que é preciso transformar migrantes em refugiados para torná-los legítimos? Que significado deve ser dado a essas hierarquias? Por que morrer de fome seria mais grave do que morrer na prisão? Por que a violência política seria mais grave que a violência econômica e por que a ausência de liberdade política seria mais grave do que a ausência de horizonte socioeconômico?⁴⁰

Com efeito, é mais coerente questionarmos essa hierarquia do que substituímos *migrantes* por *refugiados*, tendo em vista que não há garantias de que, ao longo do tempo, o segundo termo não ganhará as conotações negativas que hoje são características do primeiro. Além disso, essas conotações podem sofrer alterações de acordo com as diferentes culturas: se na língua inglesa o termo *migrante* possui um caráter negativo, na língua francesa pesquisadores especialistas em migração têm optado por seu emprego, pois, segundo Agier e Madeira (2017), trata-se de um termo relativamente neutro, que descreve o processo de mobilidade sem ancoragem temporal. De todo modo, o estabelecimento dessa hierarquia, assim como o imaginário de que os migrantes se deslocam somente para buscar “melhores condições de vida”, se volta mais uma vez para a questão da legitimidade atribuída às pessoas por meio das palavras. Emmanuelli (2017, p. 7-8) afirma que:

“Eles” são aqueles que não sabemos nomear. E essa indefinição das palavras permite não olhar a realidade de frente: “clandestinos”, “solicitantes de refúgio”, “deslocados”, “exilados”, “expatriados”, “ilegais”, “imigrantes”, “migrantes”, “refugiados econômicos ou de guerra”, “sem documentos”... Pessoalmente, eu empregaria o termo “exilados”, pois eles são obrigados a abandonar o seu país para poderem sobreviver. Eles são aqueles que pegam a estrada, porque já não têm outra escolha.⁴¹

A preferência do autor pelo termo *exilados* pode ser justificada pelo estudo de Calabrese e Verniard (2018, p. 22-23), que aponta que certos migrantes optam por esse termo com o intuito de destacar tanto a dificuldade física quanto emocional do percurso empreendido,

⁴⁰ Tradução livre de: “Pourquoi faut-il transformer les migrants en réfugiés pour les rendre légitimes ? Quel sens donner à ces hiérarchies ? Pourquoi mourir de faim serait-il plus grave que mourir en prison ? Pourquoi la violence politique serait-elle plus grave que la violence économique et pourquoi l'absence de liberté politique plus grave que l'absence d'horizon socio-économique ? ”

⁴¹ Tradução livre de: “‘Eux’, ce sont ceux que nous ne savons pas nommer. Et ce flou des mots permet de ne pas regarder la réalité en face : ‘clandestins’, demandeurs d'asile, ‘déplacés’, ‘exilés’, ‘expatriés’, ‘illégaux’, ‘immigrés’, ‘migrants’, ‘réfugiés économiques ou de guerre’, ‘sans-papiers’... Personnellement, j'emploierais le terme d'‘exilés’, car ils sont contraints d'abandonner leur pays pour pouvoir survivre. Ils sont ceux qui prennent la route parce qu'ils n'ont plus d'autre choix.”

restaurando, assim, a dignidade e a legitimidade das ações dos migrantes e, ao mesmo tempo, escapa da oposição binária migrante-refugiado e da lógica de seleção que tal oposição sustenta. Trata-se, portanto, de uma palavra que marca um engajamento político. Esse termo possui uma origem antiga, atestada na história bíblica do exílio da Babilônia (APRILE, 2018, p. 108). Seu uso percorre grande parte da história humana, tendo sido atribuída à figura de heróis como Karl Marx, motivo pelo qual o termo possui uma herança simbólica referente à imagem do exílio político.

Observa-se também uma associação entre o exílio e a arte, guardada na memória coletiva pela imagem de artistas exilados, como Pablo Picasso. Mais perto de nós, vemos que, no Brasil, durante a ditadura militar, grandes artistas foram exilados, tais como os músicos Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, o escritor Ferreira Gullar, o arquiteto Oscar Niemeyer e o dramaturgo Augusto Boal. De acordo com Aprile (2018, p. 110), *exilado*, no singular, ainda remete à imagem de intelectual ou artista, enquanto *exilados*, no plural, evoca a condição coletiva dos migrantes. Exemplo disso é o fato de que, em janeiro de 2019, em resposta à política antimigratória estabelecida em Calais pelo presidente da França, o escritor e diretor de cinema Yann Moix publicou no jornal *Libération* uma carta aberta a Emmanuel Macron, iniciada da seguinte forma: “Senhor Presidente da República, a cada dia o senhor humilha a França humilhando os exilados. O senhor os chama de ‘migrantes’: eles são exilados. A migração é um número, o exílio é um destino.”⁴² Assim, ainda conforme Aprile (2018, p. 110-111), para muitos militantes e certos jornalistas, chamar os migrantes de exilados suscita “uma compaixão e uma emoção ligadas ao caráter dramático das travessias, dos campos e dos lugares de espera que eles enfrentam. O exílio lhes confere uma certa dignidade e humanidade”.⁴³

Tal postura implica que cada palavra possui um “peso” diferente que deve ser reconhecido para que as escolhas lexicais sejam feitas de forma coerente. Desse modo, certos enunciadores focalizam não o sentido lexical das palavras, mas as conotações que são atribuídas a elas fora dos sentidos tradicionais dos dicionários (CALABRESE, 2018, p. 157). No entanto, para Fiala (2018, p. 145; grifos do original), expressões como “*repatriamento de migrantes, desmantelamento de campos de refugiados, imigração escolhida* [...]”, recorrentes na grande

⁴² Tradução livre de: “Monsieur le Président de la République, Chaque jour, vous humiliez la France en humiliant les exilés. Vous les nommez ‘migrants’: ce sont des exilés. La migration est un chiffre, l’exil est un destin.” Carta disponível em: https://www.liberation.fr/debats/2018/01/21/monsieur-le-president-vous-avez-instaure-a-calais-un-protocole-de-la-bavure_1624173. Acesso em: 11/5/2020.

⁴³ Tradução livre de: “une compassion et une émotion liées au caractère dramatique des traversées, des camps et des lieux d’attente auxquels ils sont confrontés. L’exil leur rend une certaine dignité et humanité.”

imprensa e nas redes sociais, parecem exigir mais respostas sociais ou políticas do que reflexões linguísticas”⁴⁴, o que demonstra a grande necessidade do trabalho com as palavras no espaço público – uma vez reconhecido seu papel na construção do real. É nessa perspectiva que percebemos a necessidade de refutar o imaginário de “crise” associado ao processo de migração, ora presente nas mídias como “crise de migrantes”, ora como “crise de refugiados”, ou mesmo como sinônimos. Para tanto, observaremos, inicialmente, os números relativos à distribuição demográfica de migrantes que têm sido utilizados para sustentar esse imaginário na Europa.

O Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UN DESA), atua como um provedor de dados e estatísticas globais em relação a diferentes assuntos, dentre eles, a migração. No Gráfico 1, reproduzido, a seguir, são apresentados os números (em milhões) de migrantes internacionais por região de residência principal entre os anos 2005 e 2019:

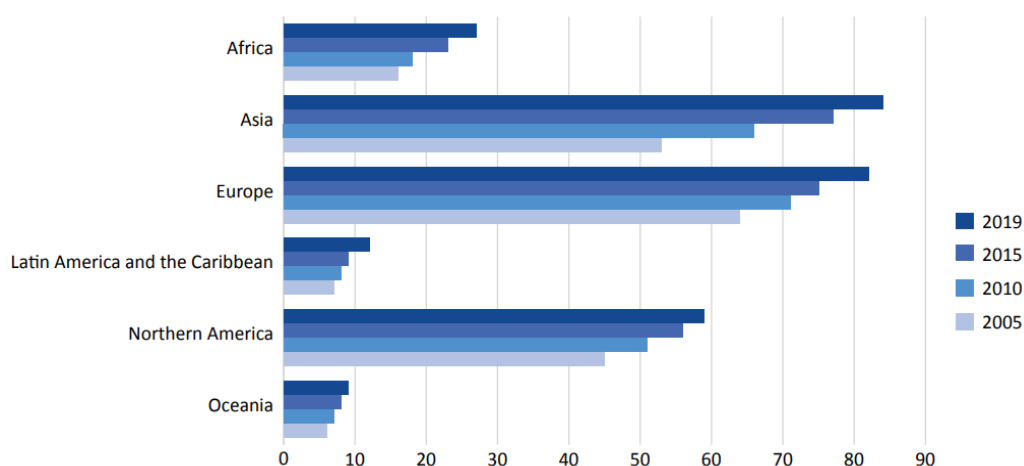


GRÁFICO 1 – Migrantes internacionais por região de residência 2005-2019
 Fonte: UN DESA (Adaptação da OIM para o *World Migration Report 2020*)⁴⁵.

A partir desse gráfico, podemos observar que, entre as cinco regiões representadas, a Europa só aparece atrás da Ásia, continente que experimentou o crescimento mais notável de fluxos migratórios entre 2005 e 2019. Em 2019, a Europa contou com aproximadamente 82

⁴⁴ Tradução livre de: “renvoi des migrants, démantèlement des camps de réfugiés, immigration choisie, [...] expressions récurrentes dans la grande presse et les réseaux semblent davantage appeler de réponses sociales ou politiques que des réflexions linguistiques.”

⁴⁵ Disponível em: www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp. Acesso em: 12/5/2020.

milhões de migrantes internacionais residentes, e a Ásia, cerca de 84 milhões. No entanto, se compararmos o número de migrantes com o tamanho da população em cada região, a proporção de migrantes internacionais em 2019 foi maior na Oceania (21%) e na América do Norte (16%), enquanto a Europa ocupou o terceiro lugar, com 11% de sua população total. Esse número, muitas vezes interpretado como resultado das chamadas “migrações econômicas”, revela que os discursos em torno dessa questão ignoram que, historicamente, os países europeus foram construídos pela mistura dos povos nativos com populações imigrantes, o que se estende até os dias de hoje. Com efeito, para Sayad (1999), o processo de imigração de trabalhadores é um produto direto do sistema de colonização do passado.

Apesar dessas constatações, o número de migrantes no continente europeu tem sido comumente utilizado para reforçar o imaginário de que a Europa enfrenta uma crise de migração. Exemplo disso é o fato de que, em 2015, David Cameron, o então primeiro-ministro britânico e líder do partido conservador, declarou, em uma entrevista ao canal ITV do Vietnã, que a situação no Calais estava “muito difícil porque há uma nuvem de migrantes atravessando o Mediterrâneo em busca de uma vida melhor e buscando vir para o Reino Unido porque há trabalho, sua economia está crescendo e é um lugar incrível para se viver”⁴⁶. Já Marine Le Pen, política de extrema-direita da França, afirmou, durante a campanha para a eleição presidencial de 2017, que “a globalização, de um lado, e a falta de reação, por outro, levam-nos a ter uma imigração descontrolada e, daí, ao islamismo em casa”⁴⁷. Declarações como essas foram bastante difundidas, assim como propostas políticas sustentadas por discursos de cunho xenófobo e nacionalista.

Apesar de todos os fatos que apontam contra a hipotética crise, o fortalecimento desse imaginário tem impactado de maneira negativa a opinião pública em relação à questão da migração. De acordo com uma pesquisa realizada em 2016 pelo *Pew Research Center* - com o objetivo de avaliar a opinião dos europeus acerca dos “refugiados” (assim chamados na pesquisa) -, em 8 dos 10 países avaliados, mais da metade das pessoas (variando entre 52% e 76% de acordo com o país) acredita que a entrada de refugiados aumenta a probabilidade de ataques terroristas em seu país. O estudo também aponta que em 6 dos países analisados, metade

⁴⁶ Disponível em: https://www.rtbf.be/info/monde/detail_david-cameron-critique-apres-avoir-parle-d-une-nuee-de-migrants?id=9043772. Acesso em: 12/4/2020. Tradução livre de: “très difficile parce qu’une nuée de migrants qui traverse la Méditerranée à la recherche d’une existence meilleure, et cherche à venir au Royaume-Uni parce qu’il y a du travail, que son économie est en pleine croissance et que c’est un endroit incroyable pour vivre.”

⁴⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/05/internacional/1486311781_647565.html. Acesso em: 12/5/2020.

das pessoas ou mais (variando entre 50% e 82% conforme o país) acredita que os refugiados irão tomar seus empregos e benefícios sociais⁴⁸.

Podemos observar, portanto, que a construção desse imaginário de crise implica não somente a ideia de que estaríamos assistindo a um aumento exponencial de migrantes que chegam à Europa, como também a pressuposição de que sua chegada representa uma ameaça à economia e à segurança dos cidadãos europeus. De acordo com Akoka (2016), a disseminação desse imaginário ignora os diferentes trabalhos sobre a “urgência demográfica” da União Europeia, que mostram que o tamanho de seu déficit demográfico é tão grande que a chegada na Europa de um milhão de imigrantes por ano, durante 50 anos, mal poderia compensá-lo. Curiosamente, o número de pessoas que chegaram à Europa em 2015 foi de cerca de um milhão, número bastante superior aos outros anos, como ilustra o Gráfico 2:

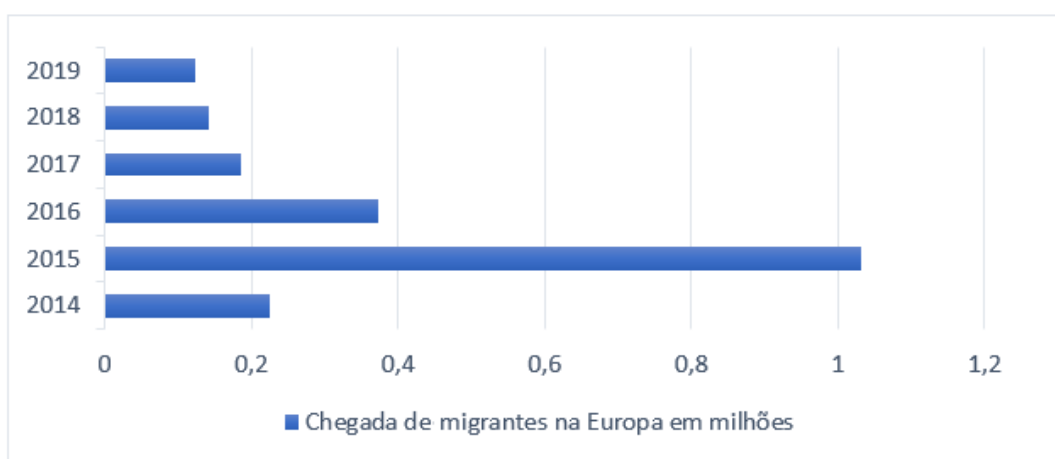


GRÁFICO 2 – Chega de migrantes na Europa entre 2014 e 2019
Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do ACNUR⁴⁹.

O grande número de migrantes que chegaram à Europa em 2015 corresponde, na verdade, a apenas 0,2% de sua população. Aliás, apenas as entradas no continente costumam ser contabilizadas quando utilizadas em discursos públicos, enquanto cerca de 50% dos migrantes deixam seu país de acolhimento nos cinco anos seguintes à sua chegada, de acordo com Akoka (2016). Além do mais, a autora afirma que não existem relações comprovadas entre desemprego e migração; ao contrário, diversos estudos como Ragot e Chojnicki (2012) e Mouhoud (2010) demonstram que as contribuições dos imigrantes são superiores aos gastos

⁴⁸ Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/lede-chart-1/>. Acesso em: 12/4/2020.

⁴⁹ Disponível em: https://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean#_ga=2.32111606.995481213.1589303741-2147098473.1584824246. Acesso em: 12/5/2020.

públicos destinados a eles, o que significa que, a longo prazo, a imigração é um elemento positivo para o crescimento econômico europeu.

Tudo isso sem contar, é claro, com o dever da Europa de acolher esses migrantes (que, em sua grande maioria, fogem de situações de risco), tendo em vista não apenas os direitos humanos assegurados pela Convenção de 1951, da qual os Estados da UE são signatários, como também a parcela de responsabilidade que eles carregam diante das guerras do Oriente Médio (EMMANUELLI, 2017). Além do mais, Akoka (2016) alerta que manter um excesso de migrantes e refugiados em determinados países, como tem ocorrido na Turquia, constitui uma “bomba-relógio” que no futuro poderá gerar grandes conflitos e graves desequilíbrios geopolíticos.

Conforme os dados mais recentes dispostos no relatório *Global Trends: Forced Displacement in 2019*⁵⁰, divulgados pelo ACNUR, 79,5 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar no mundo até o final de 2019. Desse número, 4,2 milhões de pessoas são solicitantes de refúgio⁵¹ e 26 milhões são refugiadas, sendo que 20,4 milhões delas encontram-se sob o mandato do ACNUR e 5,6 milhões sob o mandato da UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente). Ainda de acordo com o relatório, 56% dos refugiados sob o mandato do ACNUR vêm de três países em especial: Síria (6,6 milhões), Afeganistão (2,7 milhões) e Sudão do Sul (2,2 milhões) – países que têm enfrentado guerras civis nos últimos anos. Em relação aos solicitantes de refúgio, o maior número de pedidos registrados em 2019 veio de venezuelanos (794,5 mil), uma vez que, até o final de 2019, cerca de 4,5 milhões de pessoas já haviam deixado a Venezuela devido à atual crise sofrida pelo país.

Ainda de acordo com o relatório do ACNUR, cerca de 73% dos refugiados mudaram-se para locais vizinhos aos seus países de origem. Assim, os países em desenvolvimento abrigaram 85% dos refugiados e venezuelanos deslocados, enquanto os países subdesenvolvidos forneceram asilo a 27% do total. Entre os Estados da Europa, somente a Alemanha consta entre os dez países que mais acolhem refugiados, como aponta o Gráfico 3 reproduzido mais adiante. Esse cenário se volta para as políticas migratórias dos governos europeus, uma vez que, diante das medidas de contenção que impedem a passagem legal de

⁵⁰ Disponível em: https://www.unhcr.org/globaltrends2019/#_ga=2.122483147.1574582187.1593550622-2147098473.1584824246. Acesso em: 18/6/2020.

⁵¹ O ACNUR define os solicitantes de refúgio da seguinte forma: “São pessoas que solicitam às autoridades competentes serem reconhecidas como refugiados, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/solicitantes-de-refugio/>. Acesso em: 9/4/2020.

migrantes, esses indivíduos acabam se submetendo a travessias cada vez mais arriscadas. Mas por que eles assumem esse risco mesmo sabendo do perigo mortal de enfrentar essa jornada? De acordo com a gerente de comunicações de MSF, Hannah Bowman, que estava a bordo do navio de resgate *Ocean Viking*⁵², atuando próximo à Líbia⁵³ em 2019,

Quase sem exceção, as pessoas estão cientes dos riscos de atravessar esse traiçoeiro trecho de água em uma embarcação sem condições de enfrentar o mar. Elas conhecem outros que morreram. Ou já viram pessoas morrerem durante tentativas anteriores. Ou têm amigos ou parentes que simplesmente desapareceram. A travessia do mar do Mediterrâneo Central é a rota migratória mais mortífera do mundo. Cerca de 692 pessoas morreram na tentativa de chegar à Europa apenas neste ano. Leva apenas 60 segundos para alguém se afogar. Para uma criança, o tempo é consideravelmente menor. No entanto, quando pergunto às pessoas por que elas tentam fazer a travessia mesmo sabendo o quanto é perigoso, eles respondem que se estou fazendo essa pergunta, não entendo do que estão fugindo. Eles preferem morrer do que passar apenas mais um dia na Líbia.⁵⁴

Enquanto um grande número de pessoas continua a se afogar na rota de migração mais mortal do mundo, os governos europeus não cumprem nem mesmo suas obrigações legais básicas, como respeitar o direito internacional que estabelece que todos os navios devem ajudar qualquer barco próximo em perigo. De acordo com a organização MSF (2019), os navios têm sido desencorajados a cumprir essa obrigação, e, “ao mesmo tempo, os governos europeus canalizam apoio financeiro e técnico para a guarda costeira da Líbia, com a perigosa intenção de devolver as pessoas ao país do norte da África”⁵⁵. Além disso, nos últimos anos, foram criados mais empecilhos para as ONGs que cumprem o papel de resgatar os migrantes que enfrentam essa jornada. Ainda de acordo com MSF (2019), em dezembro de 2018, o navio de resgate *Aquarius* foi “forçado a interromper suas operações após uma intensa campanha de difamação encabeçada pelo governo italiano”. Mais adiante, em junho de 2019, “a capitã do navio de resgate alemão *Sea-Watch 3* foi presa por desembarcar 42 sobreviventes em um porto siciliano após um impasse de duas semanas no mar”⁵⁶.

⁵² Navio fretado pela SOS Mediterranée em parceria com MSF para atuar no resgate de migrantes em águas internacionais próximas à costa da Líbia. Disponível em: <http://searchandrescue.msf.org/>. Acesso em: 9/4/2020.

⁵³ Segundo a organização MSF, o conflito que ocorre na capital da Líbia, Trípoli, torna-se cada vez mais brutal. De acordo com Michael Fark, que estava a bordo de um dos navios de resgate que percorrem a região, “todos os pacientes atendidos na clínica de MSF até agora relataram ter sofrido ou testemunhado violência ou violência sexual em algum momento de sua jornada. As mulheres disseram à nossa equipe médica que fugiram de seus países de origem por causa de casamento forçado, mutilação genital feminina ou violência sexual”. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/uma-resposta-imediata-e-duradoura-para-pessoas-resgatadas-no-mediterraneo-e-urgente>. Acesso em: 15/4/2020.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/abdul-o-barbeiro-e-outras-historias-do-ocean-viking>. Acesso em: 15/4/2020.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/cinco-razoes-por-que-msf-resgata-refugiados-e-migrantes-no-mediterraneo>. Acesso em: 15/4/2020.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/cinco-razoes-por-que-msf-resgata-refugiados-e-migrantes-no-mediterraneo>. Acesso em: 15/4/2020.

Como se pode atestar, trata-se de uma situação crítica. De acordo com o *IOM's Missing Migrants Project*⁵⁷, desde 2014, até onde se sabe, quase 40.000 pessoas foram mortas no processo de migração para um destino internacional, sendo que cerca de 50% delas afogaram-se devido às condições precárias de travessia pelo Mar Mediterrâneo. No entanto, conforme aponta o relatório *Desperate Journeys* desenvolvido pelo ACNUR (2018),

Para muitos, a jornada marítima é apenas um passo final de uma jornada muito mais longa e frequentemente muito perigosa, que inclui atravessar áreas de conflito armado, cruzar desertos e, para alguns, ser mantido para resgate e torturado, ou traficado por sexo ou exploração de trabalho⁵⁸.

Dentre outras causas de morte para além do mar, constam asfixia, acidentes em veículos que transportam muito mais pessoas do que sua capacidade, fome e desidratação, tiros e ataques contra migrantes, além da falta de acesso a medicamentos e tratamentos básicos de saúde e das condições climáticas que podem ser fatais diante da falta de abrigos adequados para acolher essas pessoas. Para a OIM, trata-se de uma epidemia de crime e abuso que deve ser resolvida por todos os governos do mundo. Logo, é necessário voltarmos nosso olhar para as políticas migratórias europeias que buscam restringir o número de migrantes em suas fronteiras, como discutiremos a seguir.

1.3. Políticas migratórias na Europa

Em 1957, com a criação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), o debate em torno da migração foi tomado como um de seus temas de maior preocupação, tendo em vista a “capacidade de atração que a comunidade europeia despertaria no processo de integração econômica, considerando que esta passava por um período de desenvolvimento crescente do seu espaço de livre circulação de bens, serviços, capital e pessoas” (CORRÊA; BRUM, 2018, p. 46). Em continuidade a esse processo integrativo, em 1992 foi institucionalizada a União Europeia, como a conhecemos hoje, por meio do Tratado de Maastricht. Em 1997, o bloco implementou o conhecido Acordo de Schengen, que já havia sido assinado em 1984 e que propunha a abertura de fronteiras entre os cinco países signatários: França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo (hoje, vinte e seis países fazem parte do espaço Schengen). Se,

⁵⁷ Disponível em: <https://missingmigrants.iom.int/>. Acesso em: 15/4/2020.

⁵⁸ Tradução livre de: “For many, the sea journey is just a final step of a much longer and often very dangerous journey that has included passing through areas of armed conflict, crossing deserts, and for some, being held for ransom and tortured, or trafficked for sexual or labour exploitation”.

por um lado, essa proposta permitiu a livre circulação entre esses Estados, por outro, o controle de suas fronteiras externas passou a ser cada vez mais reforçado, a fim de impedir a entrada de migrantes irregulares. O Tratado de Amsterdã (1997), que incorporou esse acordo, sinalizou, a partir de então, a integração europeia em suas políticas migratórias, uma vez que, antes disso, os regulamentos em relação à migração eram determinados individualmente por cada Estado (MAMEDE, 2015).

Em relação à estrutura política europeia, as orientações e prioridades políticas gerais da UE são definidas pelo Conselho Europeu, instituição composta pelos chefes de Estado ou de Governo dos Estados-Membros, juntamente com o presidente do Conselho Europeu e o presidente da Comissão Europeia. As principais políticas migratórias são articuladas pelo Conselho da UE, instituição que representa os governos dos Estados-Membros. É nesse Conselho que os ministros dos países da UE se reúnem para coordenar políticas e adotar legislações (junto ao Parlamento Europeu). Em outras palavras, o Conselho Europeu define as prioridades estratégicas, e o Conselho da UE estabelece as linhas de ação. De acordo com os Conselhos, “desde o auge da crise migratória de 2015, a UE implementou medidas destinadas a controlar melhor as fronteiras externas e os fluxos migratórios. Em virtude disso, as chegadas de migrantes irregulares à UE diminuíram mais de 90%”⁵⁹. Podemos observar, portanto, que, nos últimos anos, as políticas migratórias europeias têm-se voltado para a contenção das mobilidades.

A regulamentação para a análise das solicitações de refúgio na UE foi determinada inicialmente pela Convenção de Dublin, tratado assinado em 1990, tendo entrado em vigor em 1997⁶⁰. A versão atual do texto é o chamado Regulamento de Dublin III que, de acordo com o Parlamento Europeu (2017), constitui o elemento mais importante do Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA).⁶¹ Junto a ele, em 2003, foi implementado o Regulamento Eurodac, que oferece uma base de dados de impressões digitais para a UE em matéria de asilo. Desse modo, quando alguém apresenta uma solicitação de refúgio, independentemente do local em que o faça, suas impressões digitais são transmitidas ao sistema central do Eurodac⁶².

⁵⁹ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/migratory-pressures/>. Acesso em: 12/5/2020.

⁶⁰ Disponível em: <http://refugiados.net/1cpr/www/legislacao/leis/asilo1/dublin.html>. Acesso em: 11/5/2020.

⁶¹ Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/priorities/migracao/20170627STO78418/melhorar-o-sistema-europeu-comum-de-asilo>. Acesso em: 11/4/2020.

⁶² Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/ceas-factsheets/ceas_factsheet_pt.pdf. Acesso em: 14/4/2020.

Entre as disposições dos regulamentos, consta que o primeiro país onde um solicitante de refúgio chega passa a ser o responsável por processar seu pedido. Assim, diante da sobrecarga dos chamados “países de primeira entrada”, como a Grécia e a Itália (devido a suas posições geográficas), os Estados-Membros da UE têm discutido, nos últimos anos, a possibilidade de reformar o Regulamento de Dublin. A reforma prevê a divisão da responsabilidade relativa ao tratamento das solicitações de refúgio, a intensificação das medidas de segurança e o estabelecimento da quantidade de refugiados que devem ser realocados por país⁶³. No entanto, os membros da UE ainda não chegaram a um consenso sobre as propostas, e a gestão dos fluxos migratórios continua gerando conflitos entre eles. Uma das medidas mais controversas adotadas nos últimos anos diz respeito a um acordo estabelecido entre a UE e a Turquia, o país que mais acolhe refugiados no mundo, como ilustra o Gráfico 3.

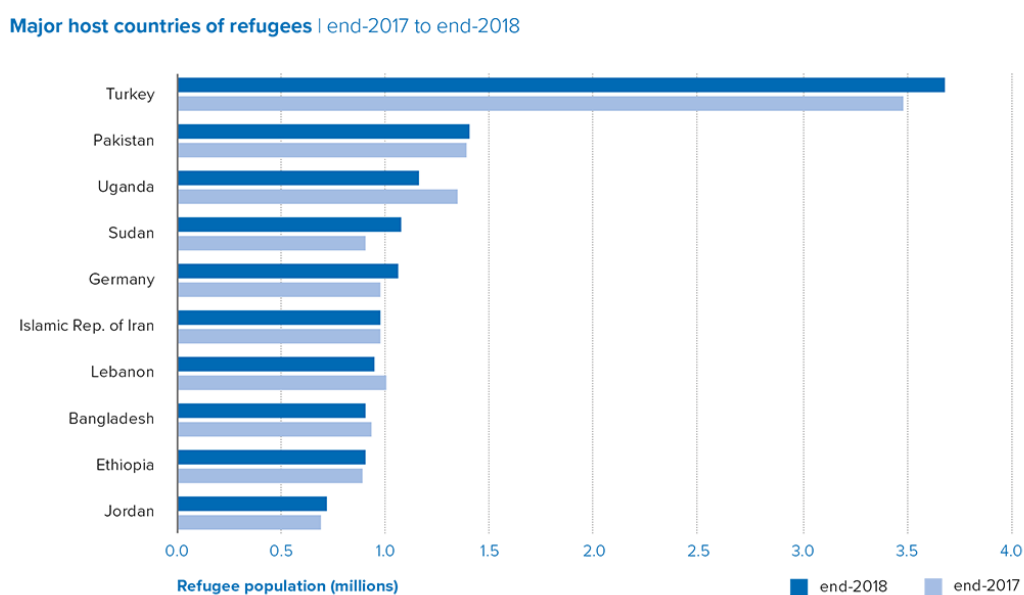


GRÁFICO 3 – Principais países anfitriões de refugiados entre 2017 e 2018
 Fonte: *Global Trends: Forced Displacement in 2018*, ACNUR.

A partir desse gráfico, podemos observar que a Turquia recebeu, em 2018, cerca de 2,6 vezes mais refugiados do que o Paquistão, país que ocupa o segundo lugar da lista. Diante disso, em 16 de março de 2016, a União Europeia assinou um acordo com a Turquia estipulando que todos os migrantes que de lá partissem e chegassem à Grécia, a partir do dia 20 de março desse mesmo ano, poderiam ser enviados de volta à Turquia. Em retorno, a UE ofereceria o auxílio

⁶³ Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/world/20180615STO05927/regras-do-asilo-da-ue-posicao-do-parlamento-sobre-a-reforma-da-regulacao-dublin>. Acesso em: 11/5/2020.

financeiro de seis bilhões de euros ao país, além de acelerar o processo de liberação do regime de vistos para os cidadãos turcos que desejassem viajar para a Europa, e de reabrir as negociações sobre a entrada do país euroasiático no bloco europeu. Ademais, considerando o grande número de refugiados e solicitantes de asilo de nacionalidade síria, consta no acordo estabelecido, segundo o Conselho da UE (2016), que “por cada sírio devolvido à Turquia a partir das Ilhas Gregas, outro sírio proveniente da Turquia será reinstalado na UE”⁶⁴ - uma medida que, desde então, tem reduzido esses indivíduos a meros números.

De acordo com Aurelie Ponthieu, especialista no deslocamento de populações da organização MSF, “cerca de 88% daqueles que usam a rota estão vindo de países que estão gerando refugiados, e mais da metade deles são mulheres e crianças” (PONTTHIEU, 2016)⁶⁵. Essa política de contenção viola, pois, os princípios do Estatuto do Refugiado estabelecido pela Convenção de 1951 ao negar-lhes o direito de buscar proteção na Europa. Para Akoka (2018, p. 187), “o acordo UE-Turquia abriu assim uma nova brecha: a ideia de que não seria mais suficiente chegar até a Europa para ter o direito de solicitar asilo, nem de ser um refugiado para ter o direito de lá permanecer”⁶⁶. A travessia de fronteiras, por si só, já é um grande desafio. E aqueles que conseguem cruzá-las, são constantemente relegados ao posto de “subhomens”, conforme Emmanuelli (2017, p. 7):

Eles dormem em acampamentos, sob tendas, no metrô, às vezes sobre a calçada. Eles sofrem com a fome, o frio, o medo e sempre com os olhares de desprezo ou de desconfiança dos transeuntes, cuja paisagem eles estragam. Eles são detidos pela polícia para serem novamente mantidos em campos saturados. Transformados em vagabundos, em frangalhos, eles são levados de centro de alojamento a centro de alojamento, antes de se convencerem da verdade: os países onde se encontram apenas esperam um carimbo regulamentar para reenviá-los a outro lugar. Ninguém os quer!⁶⁷

Nesse sentido, Emmanuel Goué, coordenador-geral de MSF na Grécia, confirma o que é atestado por Emmanuelli, cofundador da organização, ao declarar que:

A Grécia tornou-se um local de descarte de homens, mulheres e crianças que a União Europeia falhou em proteger. O que antes era considerado uma “emergência de

⁶⁴ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>. Acesso em: 11/4/2020.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/acordo-entre-ue-e-turquia-pode-agravar-crise>. Acesso em: 11/4/2020.

⁶⁶ Tradução livre de: “L’accord UE-Turquie a ainsi ouvert une nouvelle brèche : l’idée qu’il ne suffirait plus d’atteindre l’Europe pour avoir le droit d’y demander l’asile, ni d’être un réfugié pour avoir le droit d’y rester.”

⁶⁷ Tradução livre de: “Ils dorment dans des campements, sous tentes, dans le métro, parfois sur le trottoir. Ils subissent la faim, le froid, la peur et, toujours, ces regards de mépris ou de méfiance des passants dont ils gâchent le paysage. ils sont arrêtés par la police pour être de nouveau parkés dans des camps saturés. Clocharisés, abîmes, ils sont bringuebalés de centre d’hébergement en centre d’hébergement, avant de se résoudre à la vérité : les pays où ils se trouvent n’attendent qu’un tampon réglementaire pour les renvoyer ailleurs. Personne ne veut d’eux !”

refugiados” deu lugar a níveis imperdoáveis de sofrimento humano nas ilhas gregas e na Grécia continental. As autoridades da União Europeia e da Grécia continuam a privar as pessoas vulneráveis da sua dignidade e saúde, aparentemente num esforço para dissuadir outros de virem. Esta política cruel, desumana e cínica precisa acabar (GOUÉ, 2019).⁶⁸

Como resultado desse acordo, milhares de pessoas permanecem em risco. Homens, mulheres, crianças desacompanhadas, idosos e pessoas com doenças crônicas foram colocadas em situações degradantes, sem segurança e com pouco acesso a serviços básicos de saúde. Conforme a organização MSF (2019), os campos de refugiados ultrapassaram seus limites: o acampamento de Vathi, capital da Ilha de Ítaca, abrigava, em 2019, mais de 4.100 indivíduos, sendo que sua capacidade era de apenas 648. Assim, milhares de pessoas passaram a viver em tendas ou embaixo de lonas plásticas em situações insalubres na tentativa de receberem asilo. Diante disso, é mais coerente falarmos em uma “crise de acolhimento”, como propõe Akoka (2016), do que mantermos a imagem criada de que existe uma crise de migrantes ou refugiados.

As políticas migratórias europeias têm-se tornado cada vez mais restritivas, como podemos observar quando analisamos as propostas de trabalhos do Conselho da UE e do Conselho Europeu, que buscam “elaborar uma resposta da UE para as pressões migratórias”⁶⁹, o que tem sido efetivado pela permanência do acordo UE-Turquia e por meio de grandes investimentos aplicados ao fortalecimento da Frontex (Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira). Durante o estabelecimento da Agenda Estratégica 2019-2024, os Conselhos fizeram a seguinte declaração acerca de suas prioridades:

A Europa tem de ser um lugar onde as pessoas se sintam livres e seguras. A UE defende os direitos e liberdades fundamentais dos seus cidadãos, tal como reconhecidos nos Tratados, e protege-os das ameaças atuais e emergentes. Os valores comuns subjacentes aos nossos modelos democráticos e sociais são o alicerce da liberdade, segurança e prosperidade da Europa. O Estado de direito, cujo papel é crucial em todas as nossas democracias, é um garante fundamental de que esses valores estão bem protegidos e tem de ser plenamente respeitado por todos os Estados-Membros e pela UE. Temos de preservar a integridade do nosso território. Temos de saber, e temos de ser nós a decidir, quem entra na UE. O controle efetivo das fronteiras externas constitui uma condição prévia indispensável para garantir a segurança, preservar a ordem pública e assegurar o correto funcionamento das políticas da UE, em consonância com os nossos princípios e valores.⁷⁰

⁶⁸ Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/tres-anos-depois-acordo-entre-ue-e-turquia-mantem-ciclo-de-contencao-e-desespero>. Acesso em: 11/4/2020.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/migratory-pressures/history-migratory-pressures/>. Acesso em: 14/5/2020.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2019/06/20/a-new-strategic-agenda-2019-2024/>. Acesso em: 14/4/2020.

Diante dessa declaração, podemos inferir que os migrantes são considerados uma ameaça para a segurança, a prosperidade e a integridade do território europeu. É a partir dessa visão que as políticas migratórias têm sido desenvolvidas nos últimos anos. Para ilustrar o direcionamento de tais políticas, apresentaremos, a seguir, algumas das chamadas dos comunicados de imprensa (com grifos nossos) dispostos na página dos Conselhos⁷¹, a saber:

1. 3 de fevereiro de 2017: Dirigentes da UE acordam em intensificar cooperação com a Líbia para **conter fluxo de migrantes**.
2. 23 de março de 2017 - Rota do Mediterrâneo Central: Dirigentes da UE apelam a mais medidas para **travar fluxo de migração**.
3. 19 de outubro de 2017 - Dirigentes da UE chegam a acordo sobre as próximas medidas a tomar para **fechar a rota do Mediterrâneo Central**.
4. 28 de junho de 2018 - Dirigentes da UE acordam em novas medidas para **lutar contra os passadores e reduzir a migração ilegal**.
5. 6 de dezembro de 2018 - Conselho acorda medidas concretas para **combater a introdução clandestina de migrantes**.
6. 6 de junho de 2019 - UE atualiza as regras sobre os vistos para **combater a migração ilegal**.
7. 7 de junho de 2019 - Conselho aprova posição negocial parcial sobre **Diretiva Regresso** [as novas regras visam **umentar a taxa de regressos efetivos de migrantes irregulares**].

A partir dessas chamadas, podemos observar que as políticas migratórias da UE, nos últimos anos, podem ser descritas pelo emprego de verbos como *conter*, *travar* e *combater*. Além disso, os termos *migração* e *migrantes* aparecem constantemente associados a índices de avaliação negativos, tais como *ilegal*, *irregular* e *clandestino*, apesar de ser direito de todo ser humano solicitar refúgio, e de não ser uma tarefa simples separar, nos campos de refugiados, entre milhares de migrantes, os que são solicitantes daqueles que não são. A tendência das políticas europeias é prosseguir com o combate à “migração ilegal” e com a efetivação de regressos, e até onde podemos ver, a questão humanitária não está no topo de suas prioridades. Por fim, assumimos com a ex-presidente da organização MSF, Joanne Liu que:

⁷¹ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/migratory-pressures/history-migratory-pressures/>. Acesso em: 14/4/2020

Essas políticas oficiais estão aprofundando o sofrimento de milhões de pessoas. Temos que encarar a realidade: políticas desumanas feitas para deter a migração não impedem as pessoas de se deslocarem. Essas políticas dão força a autoridades corruptas e gangues criminosas que lucram com a vulnerabilidade das pessoas. Essas políticas criminalizam e jogam as pessoas vulneráveis nas mãos daqueles que as exploram implacavelmente. Se essas políticas são simplesmente fruto de falta de informação, ou são a manifestação de conspiração deliberada com corrupção e criminalidade, o resultado é o mesmo: elas não conseguem conter a migração – e elas matam pessoas (LIU, 2018).⁷²

Para que possamos avaliar o impacto das políticas migratórias e das categorizações discutidas ao longo deste capítulo nas narrativas de vida que serão examinadas no Capítulo 3, abordaremos, no próximo capítulo, as questões teórico-metodológicas que estão na base do nosso dispositivo de análise.

⁷² Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/migracao-nao-e-um-crime-salvar-vidas-nao-e-um-crime>. Acesso em: 15/4/2020.

CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS DE VIDA E SEMIÓTICA DISCURSIVA: UM PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

“Car le mot, qu’on le sache, est un être vivant.”

Victor Hugo

O presente capítulo tem por finalidade apresentar as principais contribuições teóricas e metodológicas para o desenvolvimento desta pesquisa. Tendo em vista que nosso objeto de estudo compreende narrativas de vida de migrantes/refugiados, focalizaremos, inicialmente, esse gênero de discurso⁷³ a partir de Bertaux (1997; 2010) e de Machado (2011, 2014, 2015, 2016a, 2016b).

Lembramos que nossa proposta, no presente trabalho, é (re)ler os gêneros de discurso diário de bordo e depoimento sob a égide da narrativa de vida. Nesse sentido, recorreremos a Maingueneau (2015), que, ao tratar da *cena de enunciação* distingue três tipos: 1) a *cena englobante*, que diz respeito ao tipo ou domínio de discurso (político, religioso, científico etc.); 2) a *cena genérica*, que se refere ao gênero de discurso, com suas especificidades; e a *cenografia*, cena com que o leitor se confronta diretamente. Assim, consideramos que os textos analisados nesta pesquisa são narrativas de vida (cena genérica), mas trazem a cenografia de diários de bordo e de depoimentos, tais como foram “etiquetados” por aqueles que coletaram e editaram as falas dos migrantes/refugiados para que elas fossem divulgadas no espaço público.

Segundo Costa (2008, p. 81), em navegações marítimas, aéreas e outras, o diário de bordo é um livro em que são registrados, cotidianamente, informações como a rota de uma embarcação ou aeronave, as distâncias percorridas, as ocorrências de viagem etc. No entanto, transposto para nosso trabalho, o diário de bordo implica um relato no qual o sujeito – no caso migrante/refugiado – narra os acontecimentos mais importantes (possivelmente, os mais difíceis e sofridos) que ocorreram ao longo de sua travessia rumo à Europa.

Já o depoimento (ou testemunho)⁷⁴, empregado originalmente no domínio jurídico, constitui um relato de uma testemunha ou da parte interessada sobre determinado fato do qual

⁷³ Embora Charaudeau (2016) se pergunte se a narrativa de vida seria um gênero discursivo autônomo ou apenas (mais) uma etiqueta que recobre a posição de um sujeito-falante “abstrato” (isto é, que se encontra fora do enquadramento situacional, ao contar sua vida), não pretendemos entrar no mérito dessa discussão, pois ela vai além de nossos objetivos. Assumiremos, assim, a exemplo de Machado (2011, 2014, 2015, 2016a, 2016b) que a narrativa de vida constitui um gênero de discurso.

⁷⁴ A exemplo de Costa (2008, p. 172), tomamos “depoimento” e “testemunho” como equivalentes.

tem conhecimento (COSTA, 2008, p. 75). No caso deste trabalho, passa a ser um relato em que o sujeito, na condição de “parte interessada”, conta/narra sua experiência como migrante/refugiado. Como se vê, os dois gêneros – diário de bordo e depoimento –, dadas as suas características básicas, prestam-se facilmente a uma (re)leitura como narrativa de vida, a exemplo do que fazemos aqui. Vamos, então, à caracterização desse gênero e, em seguida, à abordagem das categorias elencadas pelo instrumental teórico-metodológico da semiótica discursiva, que serão utilizadas como base para nossa análise.

2.1. Narrativas de vida

Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo sabiamente nos lembra que “contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não”. Assim são as narrativas de vida, “tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado” (ROSA, 2006, p. 184).

No Brasil, a abordagem da *narrativa de vida* – tradução do termo *récit de vie*, introduzido na França pelo sociólogo Daniel Bertaux (1997) –, pelo viés da Análise do Discurso (AD), deve-se, inicialmente, à pesquisadora Ida Lucia Machado (MACHADO, 2011, 2014, 2015, 2016a, 2016b). Segundo ela, o “diálogo” com as ciências sociais torna-se possível graças à interdisciplinaridade que perpassa a AD. Assim, em seus trabalhos, Machado adota uma AD aberta ao diálogo com conceitos sociológicos, históricos e filosóficos, uma vez que, tomada em sentido amplo, a AD compreende um grande campo de saberes e possibilidades de estudo, que podem ser orientados para o processo linguístico, enunciativo ou argumentativo (MAINGUENEAU, 1993).

Para que possamos compreender a maneira pela qual a narrativa de vida se inscreve na atualidade, apresentaremos um breve percurso de seu papel na história, sem perder de vista seu inevitável “entrelaçamento” com gêneros próximos, como a biografia e a autobiografia⁷⁵. De acordo com Dosse (2009), a origem da narrativa de vida remete à Antiguidade, sendo que seu surgimento se deu no século V a.C. a partir dos relatos da vida de Sócrates – mesmo período

⁷⁵ Foge ao escopo deste trabalho caracterizar esses gêneros de forma exaustiva. Diremos apenas que, se a biografia é, grosso modo, a história da vida de alguém contada por outrem, e a autobiografia “a narração sobre a vida de um indivíduo escrita pelo próprio” (*Dicionário Houaiss*, 2009, p. 223), a narrativa de vida se aproxima da autobiografia, já que há um *eu* que (se) conta, mas, diferentemente desta (e também da biografia), não abarca a totalidade da vida de um sujeito, focalizando, antes, um episódio qualquer de sua experiência de vida (BERTAUX, 2010), no caso deste trabalho, como se verá, o trajeto de migrantes/refugiados.

em que nascia a história enquanto ciência. Considerados os pioneiros do gênero na Grécia Antiga, Isócrates e Xenofonte elaboraram obras que revelavam a vida política de seus personagens e ocultavam sua vida privada. Nota-se, assim, que o surgimento da narrativa de vida está entrelaçado ao desenvolvimento da Retórica, tendo em vista que Isócrates era um de seus mestres, sobretudo no gênero epidítico. Mais adiante, no Império Romano, Suetônio, e, especialmente Plutarco, escreveram obras que cristalizaram o gênero biográfico em sua especificidade (DOSSE, 2009, p. 126). O primeiro se dedicou a narrar as vidas de imperadores romanos na obra intitulada *Vidas dos doze Césars*, enquanto o segundo, na obra *Vidas paralelas*, se voltava para a vida dos heróis, estabelecendo comparações entre aqueles que eram gregos ou romanos, enfatizando suas virtudes e destacando curiosidades e aspectos psicológicos que não seriam necessariamente relevantes para a história.

Conforme pontua Dosse (2009, p. 127), Plutarco declarou no prefácio de um de seus textos que “não escrevemos Histórias e sim, vidas”. Para Carvalho (2016, p. 23), o gênero narrativa de vida, por apresentar uma interface com a Retórica em sua origem, possuía

[...] como premissa um ideal moralizante e político, voltado para a criação de figuras cujas virtudes deveriam inspirar a vida das pessoas. Para tanto, os autores, desde a Antiguidade, criavam, discursivamente, para seus sujeitos/personagens, *ethé* de heróis, selecionando e valorizando características e fatos apropriados.

Desse modo, podemos observar que as narrativas de vida representam não apenas as pessoas de quem se fala, mas também a sociedade em que estas se inserem, revelando valores e crenças próprias de determinado período e local. Enquanto na Antiguidade as narrativas de vida se voltavam para as figuras heroicas do meio político ou militar, na Idade Média, santos e personagens religiosos, tais como monges, freiras e mártires, passaram a ser as personalidades mais retratadas nas narrativas denominadas hagiografias. Segundo Dosse (2009, p. 137), esse tipo de narrativa “privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torná-las exemplares para o resto da humanidade”. Assim, as vidas dos santos, inseridas em uma comunidade, representavam a “consciência” que esta tinha de si mesma.

Mais adiante, no começo da Idade Moderna, surgiu uma grande produção de narrativas de vida de cavaleiros, o que representou o início de uma concessão de espaço ao indivíduo. De acordo com Carvalho (2016, p. 30), “o herói da cavalaria apresenta indícios da abordagem do personagem como um sujeito, pois suas narrativas o situam no tempo e no espaço”, então, no século XVI, eram representados heróis que adaptavam os valores de seu grupo às suas ações pessoais.

No século XVII, a narrativa de vida passou a ter a função de transmitir o legado do reinado às futuras gerações, sendo que a realeza possuía um historiógrafo para se incumbir de tal missão. A figura do herói ainda permanecia nas histórias, agora delineadas a partir da vida dos reis. Posteriormente, em decorrência das transformações sociais que surgiram com o Iluminismo, a figura do herói, antes ligada aos semideuses da Antiguidade, ganhou uma nova acepção, visto que ele (o herói) passou a ser tomado como um “simples personagem” de uma narrativa (DOSSE, 2009, p. 161).

Já no século XIX, conforme Del Priore (2009, p. 8), as narrativas de vida, atreladas à história, fizeram parte da construção do imaginário de nação e patriotismo de um povo, “a biografia assimilou-se à exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato”. No entanto, nesse período, as narrativas de vida são tomadas como um gênero menor, até que no século XX ocorre uma ruptura entre a literatura e a história, que se torna uma disciplina exclusiva dos acadêmicos.

Essa fase é marcada pela diminuição do interesse pela individualidade, uma vez que, sob a influência de teorias deterministas como a de Durkheim, o indivíduo era considerado fruto de seu meio e, desse modo, interessava mais o contexto histórico do que a vida dos personagens. O marxismo, por sua vez, focalizando o estudo da luta de classes, considerava o gênero biográfico como um resquício da burguesia. Mas, se por um lado a história se desinteressava pelas particularidades dos indivíduos, na literatura surgiam grandes biógrafos (DEL PRIORE, 2009). De acordo com Carvalho (2016, p. 33), “passado o furor do pensamento marxista e do estruturalismo, o indivíduo é reinserido no universo da escrita, a qual assume um projeto caracterizado pela reflexividade em torno do sujeito”.

Assim, a partir dos anos 1980, as Ciências Humanas tomam as narrativas de vida como objeto de pesquisa. Nesse contexto, surge o *récit de vie* (BERTAUX, 1997) como metodologia de estudo. Para além do mundo acadêmico, o crescente mercado editorial de biografias e autobiografias passa a aguçar o interesse dos leitores, que desejam saber mais sobre a vida de pessoas conhecidas, como artistas e políticos. Assistimos, então, “a uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público em um acesso de febre coletiva que dura até hoje” (DOSSE, 2009, p. 16).

Considerando, portanto, que as narrativas de vida inscrevem discursos pautados em um contexto sócio-histórico e fazem parte da constituição de imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 1983), é possível estabelecermos uma interface entre esse gênero e o campo da AD. De acordo com Carvalho (2016), os precursores do relato de vida como metodologia de

trabalho foram Willian Thomas e Florian Znaniecki, sociólogos da Escola de Chicago. Sua obra intitulada *Polish peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group* foi publicada em cinco volumes entre 1918 e 1920. Os autores buscaram investigar os desafios enfrentados pelos imigrantes poloneses que viviam nos Estados Unidos, utilizando-se de cartas e diversos documentos para abordar os aspectos sociais, culturais e econômicos referentes a tal grupo.

Mais adiante, na França, Daniel Bertaux (1997) propõe um método diferente de análise dentro do campo das ciências sociais, a partir dos relatos de vida. O sociólogo considera, assim, que há uma narrativa de vida, a partir do momento em que um sujeito conta a alguém (pesquisador ou não) qualquer episódio de sua experiência. De acordo com Bertaux (2010, p. 10)⁷⁶, antes de o sintagma *récit de vie* (narrativa de vida) ter sido instituído na França, o termo consagrado nas ciências sociais era *histoire de vie* (história de vida), termo que, no seu entender, não distinguia adequadamente a história vivida por uma pessoa da narrativa que dela poderia ser feita. Nas ciências sociais, a narrativa de vida resulta de um tipo específico de entrevista, a “entrevista narrativa”, na qual o pesquisador convida o sujeito a narrar sua vida ou parte dela. Assim, diferentemente de outros modelos, que tomam por base questionários com perguntas mais pontuais, o relato de vida corresponde a uma descrição, que assume a forma narrativa, de um fragmento da experiência vivida (BERTAUX, 1997, p. 9).

O método de análise de Bertaux (2010, p. 15) possui uma perspectiva “etnossociológica”⁷⁷, designação empregada pelo autor para caracterizar um tipo de pesquisa empírica baseada em pesquisas de campo e estudos de caso, que assim se inspira na tradição etnográfica no que diz respeito às suas técnicas de observação, mas que constrói seus objetos de acordo com problemáticas sociológicas. Sob essa perspectiva, seu objetivo primeiro, para além de inferir a partir de representações discursivas o sistema de valores e crenças de uma pessoa isolada, ou aqueles compartilhados por um grupo social, seria

[...] estudar uma parte ou segmento particular da realidade sócio-histórica, uma peça do gigantesco mosaico societal, um objeto *social*. Trata-se para o pesquisador de compreender [...] como isso funciona e se transforma, enfatizando as configurações das relações sociais, as lógicas das situações que elas engendram, os mecanismos

⁷⁶ Tomamos aqui também a terceira edição da obra *Le récit de vie* (2010), já que ela traz novas considerações do autor.

⁷⁷ A etnografia corresponde a um estudo descritivo de diferentes etnias. Trata-se de um método utilizado pela antropologia na coleta de dados, tendo como base o trabalho de campo. Para Bertaux (2010, p. 15), em sua perspectiva etnossociológica, o prefixo “etno” não se refere aos fenômenos de etnia, mas aos “mundos sociais”, categoria que explicaremos logo adiante, no corpo do texto.

geradores de práticas, as lógicas das ações recorrentes, os processos que o caracterizam e o trazem à vida (BERTAUX, 2010, p. 12, grifo do original)⁷⁸

Desse modo, Bertaux (2010) divide os objetos sociais de sua proposta de investigação etnossociológica em duas categorias principais. A primeira, diz respeito aos “mundos sociais” – termo emprestado de Strauss (1995) – que coexistem em uma mesma sociedade e constituem subculturas formadas em torno de atividades específicas que sejam centradas em atividades profissionais como jornalismo, ensino, arte, ou em atividades que sejam voltadas para a cultura, o esporte etc., mas que não sejam remuneradas. O segundo objeto social corresponde às chamadas “categorias de situação”, que não implicam necessariamente a formação de um mundo social. Exemplo disso seriam mães que criam seus filhos sozinhas, indivíduos com deficiências, ou, mais próximo de nossa pesquisa, migrantes em situação irregular. Em relação a cada um desses grupos, o que interessa não são propriamente as atividades, mas a situação social que lhes é comum.

Bertaux (2010) discute ainda sobre a possibilidade de um terceiro tipo de objeto, as “trajetórias sociais”. Nesse caso, para que seja possível desenvolver um estudo geral da formação de trajetórias biográficas, seria necessário restringir o campo de observação a um tipo particular de jornada, tendo em vista a diversidade dos percursos individuais. Mesmo assim, o sociólogo aponta que, se definíssemos como objeto de pesquisa trajetórias de sucesso ou de queda social, por exemplo, ainda lidaríamos com uma grande variedade de percursos. Uma exceção a esse impasse seria precisamente o caso dos migrantes, que “permanecem muito tempo definidos – aos olhos dos outros e a seus próprios olhos – não pelo mundo social no qual eles trabalham, nem por sua situação objetiva (muito variável), mas – justamente – por seus percursos”⁷⁹ (BERTAUX, 2010, p. 20). Nesse sentido, considerando que a materialidade dos relatos de vida é, por excelência, o discurso – e os textos em que este se manifesta –, as narrativas de vida referentes aos percursos de migrantes e refugiados encontram um campo fértil de pesquisa nas ciências da linguagem.

Na perspectiva que nos interessa – a da Análise do Dircurso –, Machado (2011) inicia seus estudos sobre a narrativa de vida investigando seu uso como estratégia argumentativa no

⁷⁸ Tradução livre de: “[...] d’étudier un morceau ou segment particulier de réalité sociale-historique, une pièce de la gigantesque mosaïque sociétale, un objet *social*. Il s’agit pour le chercheur de comprendre comment [...] ça fonctionne et se transforme, en mettant l’accent sur les configurations de rapports sociaux, les logiques des situations qu’elles engendrent, les mécanismes générateurs de pratiques, les logiques d’actions récurrentes, les processus qui le caractérisent et le font vivre.”

⁷⁹ Tradução livre de: “[...] restent longtemps définis - aux yeux des autres et à leurs propres yeux – non pas par le monde social dans lequel ils travaillent, ni par leur situation objective (très variable), mais – justement – par leur parcours.”

discurso político. Foi buscando informações sobre esse campo discursivo de forma geral que a autora se deparou com as reflexões de Salmon (2007) acerca dos fenômenos e alcances estratégicos da narrativa (MACHADO, 2015). Em sua obra intitulada *Storytelling : la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*, Salmon (2007) comenta que o *storytelling* teria sido inserido na política estadunidense por meio do ex-presidente dos Estados Unidos, George Bush, na década de 1980. Então, a partir de seu estudo, o autor demonstra como essa técnica de comunicação é utilizada em campanhas eleitorais, a fim de seduzir o público votante. Em uma direção semelhante, o trabalho de Machado (2011) se deu a partir das narrativas de vida do então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, e do então presidente da França, Nicolas Sarkozy. A pesquisadora conclui, assim, que a narrativa de vida é empregada no contexto político pelos presidentes como uma forma de dar credibilidade a seus discursos e, conseqüentemente, conquistar mais eleitores.

Ao adotar uma perspectiva analítico-discursiva em torno dessa questão, Machado (2011) confere novas nuances ao estudo das narrativas de vida. Com seu olhar de analista do discurso, adota esse sintagma, em detrimento de outros possíveis, considerando que uma narrativa de vida não se restringe às biografias ou autobiografias. Para Machado (2016a), diferentes textos, sejam factuais ou ficcionais, podem ser considerados narrativas de vida, de acordo com a posição de um *eu* que narra sua vida. A autora se interessa pela prática narrativa com tudo o que ela implica: “o fato de contar algo enquanto representação do mundo, do outro, das interações desse sujeito com o mundo e a relação que ele mantém com sua narrativa” (MACHADO, 2014, p. 1132). Assim, ao adotarmos o sintagma supracitado, assumimos com Machado (2015, p. 97-98) que:

[...] estamos querendo demarcar um território que não coincida forçosamente com o de pesquisadores que só buscam dados concretos referentes a datas e acontecimentos na vida *daquela-que-se-conta*. É claro, não descartamos o fator *tempo e espaço* em nossos estudos; apenas queremos dar uma maior ênfase aos atos de linguagem construídos por certos narradores que têm como objetivo primeiro o de alinhar diferentes partes de suas vidas em uma tentativa de formar um todo mais ou menos coerente, que possa ser transmitido a alguém; e, como objetivo segundo, todo um leque de opções, conforme os diferentes casos: narrar sua vida para realizar um balanço dos acontecimentos de uma existência e verificar se ela valeu ou não a pena; justificar alguma ação cometida que ainda cause remorsos no sujeito-comunicante ou autor da narrativa; desabafar; dar um exemplo de conduta para a posteridade, etc. Ou então, pura e simplesmente: narrar pelo prazer e para exercer essa bela arte de contar histórias e legar ao outro – ouvinte ou leitor – a habilidade de construir histórias (grifos do original).

Nesse sentido, a pesquisadora distingue o espaço autobiográfico, abordado por Lejeune (1971), do “espaço genealógico”, no qual se insere seu trabalho. Todavia, no seu entender,

“existem documentos que não pertencem ao gênero genealógico propriamente dito e, mesmo assim, detêm fragmentos que levam a uma espécie de minibiografia do sujeito-falante” (MACHADO, 2016a, p. 72). A autora observa que:

[...] a narrativa de vida pode surgir em momentos inesperados: com o auxílio de alguma imaginação, certos sujeitos-falantes têm habilidade para transformar o cotidiano e romanceá-lo ao transmitir aos seus eventuais ouvintes pequenos fatos que lhes ocorreram em um dia de vida; assim, alguns conseguem transformar uma simples ida ao centro da cidade, em um dia de *rush*, em uma quase epopeia moderno-urbana (MACHADO, 2015, p. 98-99).

Desse modo, verificamos que alguém que fala de si não precisa necessariamente fornecer fatos e provas concretas que sustentem sua fala, ou narrar sua vida de maneira cronológica (MACHADO, 2015). Isso nos lembra, mais uma vez, Riobaldo, que sobre sua forma de narrar, explica:

Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. [...] A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 2006, p. 98-99)

A forma de contar de Riobaldo se volta para o fato de que a narrativa de vida consiste em algo que engloba fatos reais e fatos vindos da imaginação. Porém, para sua análise, não interessa se o *eu* que se conta está dizendo a verdade ou não, mas sim a maneira pela qual ele narra: se é poético, ficcional, irônico, trágico, dramático etc. Já as emoções, quando mobilizadas nas narrativas, constituem uma *estratégia de captação* (CHARAUDEAU, 1992) do leitor, tendo em vista seu papel argumentativo no discurso, capaz de influenciar e suscitar sentimentos no outro. Na narrativa de vida, segundo Charaudeau (1992), os *efeitos de ficção* surgem atrelados aos *efeitos de realidade*, haja vista que, como o processo de narração se ancora na memória, aquele que relembra fatos já vividos é levado a preencher as lacunas das lembranças fragmentadas com um pouco de imaginação.

De acordo com Machado (2016b, p. 8), “narrativas são histórias e histórias sempre comportam elementos ou efeitos de ficção”. Ao recriar o passado no ato de fala, cada *eu* tem seu modo de contar sua realidade, considerando que a cada vez que recontamos algo do passado, reproduzimos as histórias de maneiras diferentes. Isso nos remete a Benveniste (1988, p. 286), que além de atestar que cada ato enunciativo é único, demonstra que é *ego* quem diz *ego*, reafirmando que o homem se constitui como sujeito *na e pela* linguagem. Além disso, não

podemos perder de vista que para a análise do discurso – e, particularmente, para a teoria semiótica, que nos serve de base – não interessa a verdade ontológica, mas o “dizer verdadeiro”.

Machado (2016b) explica que, de certo modo, aqueles que (se) contam buscam definir sua identidade a partir de suas narrativas de vida, que revelam suas crenças e visões sobre o mundo, podendo assumir uma função catártica ao ajudarem os indivíduos a reconstruir o passado, a melhor compreender o presente e talvez a assumir uma nova perspectiva em relação ao futuro. A autora destaca ainda o papel das narrativas de vida para a construção da História, já que as “pequenas histórias”, individuais e pertencentes àqueles que se contam, passam a constituir a “grande história”, elucidando diferentes aspectos de uma sociedade e da época em que são enunciadas. Portanto, “as vozes dos *seres-que-se-contam* devem ser compreendidas como vozes que refletem a vida social de um povo e, sobretudo de uma faixa do povo de um determinado país em determinado lugar e ponto da história” (*Ibid.* p. 2, grifo do original). Nesse sentido, assumimos com a autora que todas as vidas merecem ser contadas.

Para analisar as narrativas de vida que compõem o *corpus* desta pesquisa, adotaremos a semiótica discursiva, uma teoria que também se estende para outros domínios, além da linguística. Conforme pontuam Lara e Matte (2009, p. 343-344), “trata-se [...] de uma teoria linguística com grande poder interdisciplinar, que permite análises textuais nos mais diversos campos do conhecimento que dela podem valer-se para resolver problemas relativos à construção do sentido em diferentes objetos”.

Desse modo, diferentemente de Machado (2011, 2014, 2015, 2016a, 2016b), que adota a Teoria Semiolingüística (TS), de Patrick Charaudeau, para examinar suas narrativas de vida, escolhemos o dispositivo teórico-metodológico da semiótica para desenvolver nossa análise, como discutiremos a seguir. Isso porque, sem desmerecer a TS, acreditamos que a semiótica discursiva, na sua condição de “análise do discurso” (em sentido amplo), pode contribuir com novas categorias para a apreensão dos efeitos de sentido construídos nas/pelas narrativas de vida, no caso deste trabalho, de migrantes/refugiados.

2.2. A semiótica discursiva

A semiótica discursiva, também denominada semiótica francesa ou greimasiana (em homenagem a seu fundador Algirdas Julien Greimas), em linhas gerais, é uma teoria da significação, que se insere no quadro das teorias que se preocupam com o texto/com o discurso. Conforme Greimas e Courtés (2018), a semiótica busca explicitar as condições da apreensão e

da produção de sentido do texto, ou, nas palavras de Barros (2005, p. 11), “*o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” (grifo do original).

Durante muito tempo, os estudos linguísticos, na esteira de Saussure, limitavam-se às dimensões da frase; tratava-se de uma linguística da língua (*langue*) – “social, essencial, tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 1969, p. 21) – que deixava para outros campos do conhecimento o estudo da língua em uso, isto é, a fala (*parole*) – “um ato individual de vontade e de inteligência” (*Ibid.*, p. 22). Entretanto, após o desenvolvimento dos estudos semânticos nos anos 1960, essa proposta tornou-se insustentável. Diante de uma nova perspectiva, novas teorias surgiram, passando a conceber o texto – e não só a frase – como unidade de sentido, já que o sentido de uma frase depende também do sentido do texto (BARROS, 2005, p. 11). Assim, a partir do momento em que foi aceito o fato de que o texto não é apenas uma soma de frases, tornou-se necessário o desenvolvimento de uma linguística do texto ou do discurso (BARROS, 2001, p. 2).

As primeiras reflexões acerca da semiótica francesa surgiram no final dos anos 1960, a partir da publicação, em 1966, do livro *Semântica estrutural* de A. J. Greimas, que ofereceu as bases para o desenvolvimento de tal teoria. De acordo com Hénault (2006), Greimas foi, desde o início dos anos 1960, o verdadeiro continuador dos trabalhos de Louis Hjelmslev e de Ferdinand de Saussure no estudo das significações. Em seu conjunto de obras, Greimas reinterpretou e concretizou todo um edifício teórico que, influenciado principalmente pela tradição saussuriana e hjelmsleviana, como foi dito, mas também pela teoria da narratividade de Vladimir Propp, resultou em uma teoria que assume o texto prioritariamente como um objeto de significação.

Para a semiótica greimasiana, a noção de texto não se restringe apenas à linguagem verbal, uma vez que a semiótica se ocupa tanto de textos escritos e orais, como também de textos visuais, gestuais e sonoros, ou ainda de textos sincréticos (aqueles que possuem mais de uma linguagem, como os quadrinhos). De acordo com Barros (2005, p. 12), “para explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como o diz’, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto”. No entanto, por priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de produção do sentido, a semiótica é muitas vezes criticada, sendo tomada como uma teoria que desconsidera o contexto.

Essa posição é contestada por Lara e Matte (2009, p. 340), para quem “a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico determinado na sua relação com o contexto

(tomado em sentido amplo). Apenas opta por olhar, de forma privilegiada, em uma outra direção”, a de tomar o texto como um objeto de significação e investigar os mecanismos intradiscursivos de produção de sentido. No caso dos mecanismos interdiscursivos, trata-se “de discutir a interpretação de contexto e história como *efeitos da textualização* que, em última análise, constituem a instância que de fato os cria” (*Ibid.*, p. 344, grifo do original). Em outras palavras, para a teoria semiótica, o contexto é (re)lido nas interseções que ocorrem entre os próprios textos, já que as categorias externas são materializadas por eles.

Na esteira de Louis Hjelmslev (1968), Greimas reconhece a distinção entre os planos de conteúdo e expressão da linguagem (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 95). Se compararmos esses planos à dicotomia saussuriana significante/significado, o conteúdo corresponderia ao significado, e a expressão ao significante (não somente no sentido de “imagem acústica”, mas em sua totalidade, conforme as diferentes formas de linguagem). Porém, enquanto o estudo do signo de Saussure concebe a união indissociável entre tais categorias, Hjelmslev (1968) propõe uma separação entre os planos de expressão e de conteúdo. A semiótica greimasiana interessa-se, em primeiro lugar, pelo exame do plano de conteúdo, uma vez que não toma a linguagem como sistema de signos e sim como sistema de significações. Nesse sentido, Bertrand (2003, p. 11) aponta que:

O objeto da semiótica é o *sentido*. Domínio infinitamente vasto, do qual se ocupa o conjunto das disciplinas que constituem as ciências humanas, da filosofia à linguística, da antropologia à história, da psicologia à sociologia. Uma restrição, portanto, impõe-se logo de início: a semiótica se interessa pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente (grifo do original).

Para o estudo do plano de conteúdo dos textos, a semiótica estabelece como dispositivo teórico-metodológico o *percurso gerativo de sentido*, que vai do mais simples e abstrato ao mais completo e concreto, propondo três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Trata-se, conforme Fiorin (2016, p. 30), de um “simulacro metodológico do ato real de produção significante”. Cada etapa desse percurso possui uma gramática própria, composta por uma sintaxe, que diz respeito ao conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos, e uma semântica, que compreende os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos. Tomemos como exemplo as telenovelas brasileiras: normalmente, elas possuem uma mesma estrutura sintática: há um casal de protagonistas que enfrenta obstáculos para chegar ao “final feliz”. No entanto, os conteúdos investidos nesse arranjo sintático podem ser muito variados: ora o casal enfrenta problemas relativos a questões socioeconômicas ou culturais, ora a história se desenrola em torno de um

segredo ou outro empecilho. Portanto, apesar de as telenovelas apresentarem uma estrutura sintática comum, a variedade de conteúdos semânticos mantém o interesse dos telespectadores em acompanhá-las.

Considerando que o texto é constituído pela junção dos planos de conteúdo e expressão, a semiótica “busca, num segundo momento, analisar também o plano de expressão daqueles textos em que esse plano não se limita a veicular o conteúdo, criando novas relações – de som, de cor, de forma – com ele” (LARA, 2012, p. 10). É o que ocorre em textos que possuem uma função estética, como poemas, filmes, danças e pinturas. Na análise de um poema, por exemplo, a expressão ganha relevância, visto que o poeta “procura não apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de tal sorte que importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz” (FIORIN, 1995, p. 10). Assim, é importante estudar tanto seu plano de conteúdo (as ideias que veicula) quanto seu plano de expressão (a linguagem verbal, com seus efeitos estilísticos, rimas, ritmo, entonação etc.). No entanto, em outros gêneros de discurso, como, por exemplo, o relatório científico, não nos importamos com o plano de expressão; nós o “atravessamos” e vamos diretamente ao plano de conteúdo, em busca da informação que ele traz.

Neste trabalho, dada a natureza dos textos que compõem o *corpus*, um exame do seu plano de expressão não seria tão produtivo, o que nos leva a focar apenas o plano de conteúdo. Porém, não pretendemos mobilizar todos os níveis e/ou categorias que integram o percurso gerativo de sentido. Isso porque, para o exame das narrativas de vida, estabelecemos um “modelo” fundamentado nas categorias que são “solicitadas” pelo próprio gênero. Mesmo assim, julgamos importante, em um primeiro momento, discorrer sobre o percurso gerativo de sentido como um todo, para que se possa compreender melhor o papel das categorias elencadas a partir dele. Isso posto, passemos, então, ao estudo do dispositivo teórico-metodológico da semiótica, que pode ser visualizado, de forma mais clara, no quadro a seguir:

PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO		
Etapas	Componente sintático	Componente semântico
Nível fundamental	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
Nível narrativo	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Nível discursivo	Sintaxe discursiva	Semântica discursiva

QUADRO 1 – Percurso gerativo de sentido
 Fonte: Elaboração própria, com base em Barros (2001; 2005).

2.2.1. O nível fundamental

A sintaxe e a semântica do nível fundamental constituem a instância mais profunda do percurso gerativo de sentido. É a partir delas que as estruturas elementares do discurso são determinadas (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 400). Para ilustrar o funcionamento desse nível, buscaremos analisar o texto que segue, de autoria do cartunista iraniano Alizera Pakdel (2016):

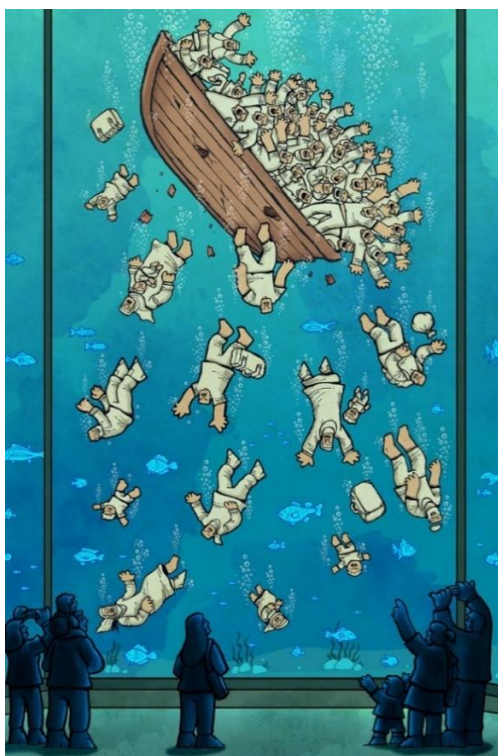


Figura 1 – *Immigrants*, Alizera Pakdel (2016)
Fonte: World Press Cartoon (2017)

Nesse *cartoon*, é retratado um barco naufragando no oceano com inúmeras pessoas que se afogam enquanto são observadas em uma espécie de aquário. A ilustração – que apresenta a mesma temática do presente trabalho – se refere ao grande número de migrantes que arriscam suas vidas na travessia do Mar Mediterrâneo em embarcações precárias. Trata-se, do ponto de vista discursivo, de uma crítica à indiferença da sociedade em relação a essa questão (vemos, por exemplo, que as pessoas do lado de fora do aquário apenas observam a cena, como se fosse algo natural, normal). É possível imaginarmos também que o *cartoon* critica a grande midiaticização de cenas como a que é retratada, o que levaria a uma “banalização” de imagens pela saturação. No entanto, toda essa leitura, que parte dos níveis mais próximos da manifestação textual, é sustentada pela semântica do nível fundamental, que abriga as

categorias semânticas que estão na base de construção do texto. Essas categorias fundamentam-se em uma oposição tal que /a/ *versus* /b/, o que quer dizer que a significação surge no texto como uma oposição semântica mínima (BARROS, 2005, p. 13).

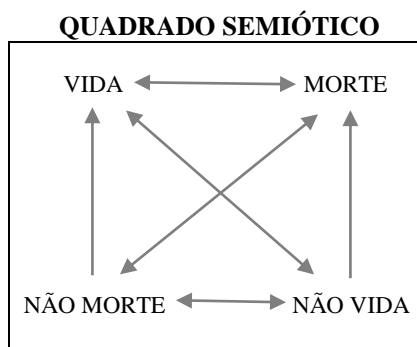
Nesse caso, o *cartoon* intitulado *Immigrants* é construído sobre a oposição /vida/ (dos que olham e apontam do lado de fora do aquário) *versus* /morte/ (daqueles que, do lado de dentro do aquário, tombam do barco em naufrágio e são “tragados” pela água). No nível mais profundo do texto, são essas as categorias que o sustentam, permitindo que ele seja “narrativizado” e chegue à manifestação de temas como a banalização da tragédia (morte) alheia. Isso significa que “a categoria semântica do nível fundamental deve dar sentido ao conjunto de elementos do nível superficial” (FIORIN, 2018, p. 27). Porém, para que os dois termos da categoria semântica sejam apreendidos conjuntamente, é necessário que eles possuam um traço em comum que justifique sua oposição. Assim, “quando, no discurso político dos conservadores, estabelece-se uma oposição entre /democracia/ *versus* /comunismo/, comete-se uma violência semântica, uma vez que o primeiro termo concerne a regime político e o segundo, a sistema econômico” (FIORIN, 2018, p. 22). Assim, para que a oposição entre essas categorias seja feita de forma coerente, a democracia deve se opor à ditadura, e o comunismo, ao capitalismo.

Sobre as categorias semânticas são projetados traços eufóricos (positivos) ou disfóricos (negativos), de acordo com os valores mobilizados em cada texto. No *cartoon* em questão, a /morte/ seria disfórica, e a /vida/ eufórica. Isso não significa, no entanto, que essas categorias recebem os mesmos valores axiológicos em todos os textos. No Brasil, o luto por pessoas queridas desperta sentimentos negativos, porém, em uma sociedade que possui formas diferentes de lidar com esse estado, a morte poderia ser representada em determinados textos não como um termo disfórico, como se poderia imaginar previamente, mas como um termo eufórico. É o que ocorre, por exemplo, na cultura mexicana, que celebra o *Día de los Muertos* como uma forma de homenagear aqueles que já se foram.

De acordo com Greimas (1979, p. 9), euforia *versus* disforia seria “uma categoria ‘primitiva’ [...] com a qual se procura formular, muito sumariamente, o modo como todo ser vivo, inscrito em um contexto, ‘se sente’ e reage a seu meio, considerado o ser vivo como ‘um sistema de atrações e repulsões’”⁸⁰.

⁸⁰ A título de ilustração (já que não vamos examinar o plano de expressão neste trabalho, como já foi mencionado), diríamos que uma análise desse plano, no texto em questão, permitiria contrastar, por exemplo, elementos topológicos (fora *versus* dentro), eidéticos (forma indefinida *versus* forma definida) e fotocromáticos (sombra *versus* luz; monocromático *versus* policromático) que poderiam ser homologados com a categoria semântica de base (plano de conteúdo): vida *versus* morte, gerando relações semissimbólicas.

Entre as categorias semânticas são estabelecidas relações básicas, cuja articulação é representada na sintaxe do nível fundamental. Trata-se da estrutura elementar do texto que, conforme Barros (2001, p. 21), necessita “ser precisada e interpretada por um modelo lógico que traduza bem suas relações em oposições de contradição, contrariedade e complementariedade, e que a torne operatória, no plano metodológico”. Esse modelo é concebido, na sintaxe fundamental, pelo *quadrado semiótico* que, segundo Greimas e Courtés (2018, p. 400), consiste na “representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer”. Assim, na sintaxe fundamental, essas categorias se tornam operatórias e adquirem um “estatuto lógico-semântico” (GREIMAS, 1979, p. 9), cuja formulação é ilustrada no esquema a seguir, a partir da citada oposição vida *versus* morte:



Fonte: Adaptado de Lara (2012, p. 15)

Na sintaxe do nível fundamental são estabelecidas duas operações: a asserção e a negação. Essas operações, desenvolvidas no quadrado semiótico, “negam um conteúdo e afirmam outro, engendrando a significação e tornando-a [...] passível de narrativização” (BARROS, 2001, p. 23). A negação de dois termos opostos, como /vida/ e /morte/, resulta nos termos /não vida/ e /não morte/. Os textos, então, organizam o movimento dos termos /a/ e /b/ de diferentes maneiras. No *cartoon* analisado, em que é retratado o afogamento de imigrantes, teríamos o percurso *vida* → *não vida* → *morte*. Porém, em uma narrativa que aborde a temática da ressurreição, como ocorre no discurso cristão, teríamos um percurso inverso: *morte* → *não morte* → *vida*. Podemos observar, portanto, que o quadrado semiótico é composto por duas oposições básicas: /a/ *versus* /b/ e /não a/ *versus* /não b/. De acordo com Fontanille (2019, p. 57),

O quadrado semiótico conjuga esses dois tipos de oposições no interior de um mesmo sistema de valores graças a uma outra relação, a implicação. Portanto, cada um dos termos da categoria está na intersecção de três tipos de relações: uma contrariedade, uma contradição e uma implicação, cada uma relacionando-o a um outro termo, o que faz com que ele receba sua definição do conjunto de relações. O conjunto assim

estruturado pode ser percorrido por completo, esboçando, desse modo, o arcabouço mínimo de uma narrativa.

Assim, no quadrado semiótico apresentado, /vida/ e /morte/ são termos contrários entre si e mantêm uma relação de pressuposição recíproca: a /vida/ pressupõe a /morte/ e vice-versa (FIORIN, 2018, p. 22). Os termos /não vida/ e /não morte/, por também serem contrários entre si, são denominados subcontrários. Eles estabelecem com os termos /vida/ e /morte/, respectivamente, uma relação de contradição. Já os termos /vida/ e /não morte/ e /morte/ e /não vida/, são complementares, uma vez que se implicam. Quando os termos contrários se articulam (/vida/ + /morte/), é formado o termo complexo. Já a junção dos subcontrários (/não vida/ + /não morte/) resultaria em um termo neutro.

A partir da análise dessa primeira etapa do percurso gerativo de sentido, é possível apreender a articulação mais geral do texto. No entanto, para compreender integralmente seus sentidos, é necessário que avancemos para os próximos níveis. Na sequência do percurso gerativo, as estruturas fundamentais se convertem em estruturas narrativas, etapa imediatamente superior ao nível fundamental. No patamar narrativo, os valores abstratos e virtuais tornam-se valores inscritos em objetos com os quais os sujeitos se relacionam, como veremos a seguir.

2.2.2. O nível narrativo

A gramática narrativa constitui a etapa superior às estruturas fundamentais no percurso gerativo de sentido, isto é, o nível intermediário. Na teoria semiótica, a narratividade é compreendida como “uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. (FIORIN, 2018, p. 27-28). Portanto, esse nível não se restringe aos textos de tipo narrativo. No projeto semiótico de Greimas, a narratividade, de forma geral, é concebida como “o princípio organizador de qualquer discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 330).

Nesse sentido, Fontanille (2019, p. 88) aponta que, do ponto de vista da história da semiótica, foram “as proposições de Vladimir Propp, e sua reformulação e adaptação, sob o incentivo de Claude Lévi-Strauss, por Algirdas Julien Greimas e Roland Barthes”, que contribuíram muito para a concepção de narratividade, o que implica que “em um discurso, o sentido apenas é apreensível por meio de suas transformações” (*Ibid.*, p. 87). Em relação à

origem das reflexões acerca da estrutura narrativa, Greimas e Courtés (2018, p. 330) afirmam que:

A reflexão sobre a organização narrativa dos discursos tem sua origem nas análises que V. Propp efetuou de um *corpus* de contos maravilhosos russos. Enquanto a semiótica soviética dos anos 1960 se dedicou, sobretudo, a aprofundar o conhecimento dos mecanismos internos do funcionamento dos contos [...], a semiótica francesa pretendeu ver aí, desde o início, um modelo, perfectível, capaz de servir de ponto de partida para a compreensão dos princípios de organização de todos os discursos narrativos. A hipótese de que existem formas universais de organização narrativa colocou as pesquisas de Propp no coração mesmo dos problemas da semiótica nascente.

Partindo dessa concepção, a sintaxe narrativa, para Barros (2005, p. 20), deve ser tomada como “um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiazinha simulada”. Assim, o componente sintático da gramática narrativa parte de um primeiro *enunciado elementar*, que consiste na relação de junção entre um *sujeito* e um *objeto*. Conforme Greimas e Courtés (2018, p. 347), tal objeto define-se como um “lugar de investimento dos valores (ou das determinações) com as quais o sujeito está em conjunção ou em disjunção”, o que faz dele um *objeto de valor*. Cabe lembrar que “não se pode confundir sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais” (FIORIN, 2018, p. 29). Partindo, pois, de um enunciado elementar, há, no decorrer do texto, usualmente, a passagem de um estado a outro.

Sendo assim, em uma narrativa que trate de um processo migratório internacional, temos um sujeito que está, inicialmente, em conjunção com o objeto de valor *país de origem* e que, ao cruzar as fronteiras de um novo país, entrará em disjunção com tal objeto (e, evidentemente, em conjunção com outro – o *país de chegada*), ou seja, o sujeito passa por uma transformação de estados. Na sintaxe narrativa há, então, dois tipos de enunciados elementares: os *enunciados de estado*, que estabelecem uma relação de junção (conjunção ou disjunção) entre um sujeito e um objeto, e os *enunciados de fazer*, relativos às transformações que levam à passagem de um estado a outro.

Diante disso, a narrativa é estruturada a partir de uma hierarquia de unidades sintáticas. No primeiro plano, encontra-se o *programa narrativo* (PN), unidade operatória elementar da sintaxe narrativa, constituída de “um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 388). Os PNs são articulados em três *percursos narrativos*: os percursos de manipulação, de ação e de sanção. Conforme Greimas e Courtés (2018, p. 334),

“um percurso narrativo é uma sequência hipotáxica de programas narrativos (abreviados em PN), simples ou complexos, isto é, um encadeamento lógico em que cada PN é pressuposto por outro PN”. Isso nos leva, então, ao chamado *esquema narrativo canônico*, que compreende os três percursos citados. A semiótica discursiva articula seus PNs de acordo com tal esquema, desenvolvido empiricamente a partir dos trabalhos do estruturalista russo Vladimir Propp.

Em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, publicada primeiramente em 1928, Propp determinou, a partir da análise de contos maravilhosos russos, trinta e uma funções narrativas, além de estabelecer três provas denominadas qualificante, decisiva e glorificante, que foram apresentadas como a regularidade do eixo sintagmático narrativo. Foram essencialmente essas provas que inspiraram a formulação do esquema canônico, que estabelece quatro programas narrativos que ambicionam esquematizar a estrutura narrativa de forma universal: os PNs de manipulação, competência, performance e sanção. Para Greimas, o esquema narrativo constitui um quadro formal em que se inscreve o “sentido da vida” (*Ibid.*, p. 331). Assim, para que possamos ilustrar o funcionamento dos programas narrativos, utilizaremos a [micro]narrativa de vida de Francisco, que compõe o projeto *Estórias Migrantes*⁸¹:

Francisco, 32 anos, vivia na Venezuela com seus quatro filhos. Possuía um grande comércio de peixe e um pequeno sítio onde cultivava frutas para vender. Para ele, a vida era boa e o negócio rentável. Porém, com a progressiva generalização da crise, as pessoas já não tinham mais dinheiro para comprar os seus produtos. A vida foi se tornando cada vez mais áspera, obrigando-o a tomar uma decisão: vender o pouco que havia lhe restado e vir para o Brasil. Segundo Francisco, foi duríssima a decisão de deixar tudo o que conhecia para trás, e embarcar em uma jornada de incertezas rumo ao desconhecido. Sua viagem até Boa Vista teve momentos complicados. Entre Pacaraima e Boa Vista, Francisco e sua família enfrentaram uma caminhada de 100 km durante sete dias. Francisco [...] sonha um dia voltar a ver sua terra, voltar a cultivá-la e dar continuidade ao negócio que teve que deixar no passado.

O primeiro programa narrativo é o de *manipulação*: nele, um sujeito transmite a outro um querer e/ou um dever-fazer. Lembramos que sujeito, nesse contexto, não significa pessoa, mas um papel narrativo (ou *actancial*). No relato em questão, é “a progressiva generalização da crise” que cumpre o papel de *destinador-manipulador* ao levar o *destinatário-sujeito* (Francisco) a *dever* sair da Venezuela (“obrigando-o a tomar uma decisão...”). É importante mencionar que, para a semiótica, a manipulação implica um *fazer-fazer*, não possuindo a mesma conotação negativa que assume em outras abordagens/outros discursos. Há quatro tipos

⁸¹ O projeto *Estórias Migrantes* compartilha uma série de narrativas de vida de indivíduos que foram levados a deixar a Venezuela em razão da crise enfrentada pelo país e que hoje buscam abrigo no Brasil. Disponível em: <https://www.estoriasmigrantes.org/francisco>. Acesso em: 14/5/2020.

principais de manipulação: a sedução, a provocação, a tentação e a intimidação. Exemplificaremos esses modelos a partir de determinadas sentenças que poderíamos proferir para levar alguém a aceitar um emprego em outro país:

- a. Sedução: “Você é uma pessoa muito inteligente e qualificada, fará um ótimo trabalho lá fora”.
- b. Provocação: “Esta é uma grande oportunidade, mas sei que você não tem coragem o suficiente para ir”.
- c. Tentação: “Se você aceitar o emprego, você receberá um salário muito maior”.
- d. Intimidação: “Se você não for, você perderá seu posto atual, ficará sem emprego”.

O relato em análise sugere que o destinatário-sujeito foi manipulado por *intimidação*, tendo em vista que, devido à crise, “as pessoas já não tinham mais dinheiro para comprar os seus produtos” e sua vida “foi se tornando cada vez mais áspera, obrigando-o a tomar uma decisão”. Em outras palavras: se Francisco não deixasse seu país, ele não teria mais condições financeiras para sobreviver. Seguindo o esquema canônico, se o sujeito aceita a manipulação, passamos para o PN de *competência*. Nele, o sujeito já tendo adquirido um dever e/ou um querer-fazer, adquire também um saber e um poder-fazer. Em nosso texto-exemplo, o sujeito vende “o pouco que lhe havia restado” para que possa se mudar, adquirindo, assim, um *poder-fazer*. Ele é dotado, além disso, de um *saber-fazer* (por exemplo, ele sabe como chegar ao Brasil). O terceiro PN diz respeito à *performance*: o *sujeito de fazer* realiza uma ação que altera o estado de junção do *sujeito de estado* com o objeto de valor, o que compreende a principal transformação narrativa.

No texto em questão, quando o *sujeito de fazer* vai para o Brasil, o *sujeito de estado*, que antes estava em conjunção com o objeto de valor *país de origem* (Venezuela), entra em disjunção com esse objeto (e em conjunção com o novo objeto de valor: Brasil). Nesse caso, *sujeito de fazer* e *sujeito de estado*, que são papéis actanciais distintos, são sincretizados em um mesmo ator do nível discursivo (Francisco)⁸². O último PN do esquema narrativo canônico diz respeito à *sanção*. Nessa fase, a realização da *performance* é reconhecida pelo *destinador-julgador*, que poderá premiar ou punir o *sujeito de fazer*. Quando ocorre apenas a constatação de que a *performance* foi realizada, trata-se de uma *sanção cognitiva*. Porém, se o *destinador-julgador* dá um prêmio ou aplica uma punição ao *sujeito de fazer*, teremos também uma *sanção*

⁸² *Sujeito de fazer* é o que realiza a ação; *sujeito de estado*, o que sofre a ação. Esses papéis actanciais do nível narrativo podem ser preenchidos por um mesmo ator no nível discursivo (como é o caso de Francisco), mas podem ser manifestados também por atores distintos, como no exemplo: João matou Pedro.

pragmática. No texto analisado, não há a presença desse segundo tipo de sanção. No entanto, pudemos observar que, em outras narrativas de vida que compõem o projeto *Estórias Migrantes*, são relatados diferentes atos de xenofobia e agressão por parte de alguns brasileiros (destinador-julgador), que agem de maneira injusta e cometem crimes contra venezuelanos (sujeito de fazer), ao reconhecerem sua presença no país (sanção cognitiva e pragmática). De forma sucinta, o esquema narrativo canônico pode ser visualizado no seguinte quadro:

ESQUEMA NARRATIVO CANÔNICO		
Percurso do destinador-manipulador	PN de <i>manipulação</i>	O destinador-manipulador transmite um <i>querer</i> e/ou um <i>dever-fazer</i> ao destinatário-sujeito.
Percurso do sujeito (ou percurso da ação)	PN de <i>competência</i>	O sujeito, já manipulado, é dotado de um <i>saber</i> e um <i>poder-fazer</i> .
	PN de <i>performance</i>	O sujeito de fazer realiza uma ação que altera o estado de junção do sujeito de estado com o objeto de valor (transformação central da narrativa).
Percurso do destinador-julgador	PN de <i>sanção</i>	O destinador-julgador reconhece a performance realizada pelo sujeito de fazer (sanção cognitiva) e pode atribuir a ele um prêmio ou uma punição (sanção pragmática).

QUADRO 2 – Esquema narrativo canônico
Fonte: Elaboração própria, com base em Barros (2001; 2005).

Diante dessa breve análise, é importante ressaltar que nem todas as narrativas se realizam completamente. Se o sujeito não aceita a manipulação, a história não poderá ter continuidade; ou se ele a aceita, mas não possui competência para realizar a performance, a história se encerrará nessa fase. Ademais, nem todos os PNs serão necessariamente explicitados em uma narrativa, mas poderão ser recuperados por pressuposição. Conforme explica Fiorin (2018, p. 32), os quatro PNs descritos não são encadeados em uma sucessão temporal, mas em virtude de pressuposições lógicas: “se se reconhece que uma transformação se realizou, a transformação está pressuposta pela constatação. Por outro lado, a efetivação de uma performance implica um poder e um saber realizá-la e, além disso, um querer e/ou dever executá-la”.

Além disso, não podemos perder de vista que diferentes esquemas narrativos podem ser articulados em um mesmo texto e que, em uma mesma narrativa, pode ocorrer o encadeamento de uma série de *programas de uso* que auxiliam na realização da principal transformação de estados, isto é, o *programa de base*. Isso vai depender, em última análise, da complexidade da trama narrativa. Por fim, face à exposição do esquema narrativo canônico, destacamos, em conformidade com Barros (2001, p. 28), que a análise narrativa utiliza esse quadro geral da

semiótica “buscando mostrar e analisar a especificidade de cada texto e não, como acreditam alguns criar uma camisa-de-força, uma fôrma, em que devam obrigatoriamente entrar os mais diversos discursos”. Ou seja, a análise implica um vai e vem entre o que a teoria propõe e as especificidades de cada texto/objeto de estudo. Dito isso, passemos, então, ao componente semântico do nível narrativo.

No percurso gerativo de sentido, a semântica narrativa é considerada a instância de atualização dos valores. Conforme Greimas e Courtés (2018, p. 438), “a passagem da semântica fundamental para a semântica narrativa consiste [...] essencialmente, na seleção dos valores disponíveis – e dispostos no (ou nos) quadrado(s) semiótico(s) – e em sua atualização pela junção com os sujeitos da sintaxe narrativa de superfície”. Assim, na narrativa da vida de Francisco, o sujeito estava, a princípio, em conjunção com os valores de segurança, conforto e tranquilidade, inseridos nos objetos manifestados no discurso como *comércio de peixe, sítio*, ou, de maneira mais ampla, a *Venezuela*, seu país de origem. Isso demonstra que “o valor do nível narrativo não é idêntico ao objeto concreto manifestado no nível mais superficial do percurso gerativo” (FIORIN, 2018, p. 37). Efetivamente, o valor do nível narrativo é o significado que tem um objeto concreto para o sujeito que está (ou deseja estar) em conjunção com ele.

Tendo em vista que as relações entre o sujeito e os valores (inscritos nos objetos) se dá a partir de determinações modais, a semântica narrativa se volta, então, para as modalizações do *fazer* e do *ser*. Nesse sentido, a semiótica estabelece essencialmente quatro modalidades: o querer, o dever, o poder e o saber (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 315). A modalização do fazer é responsável pela competência modal do sujeito de fazer: as quatro modalidades mencionadas se combinam com o *fazer*, gerando as modalidades *virtualizantes* (querer-fazer e dever-fazer) e as *atualizantes* (saber-fazer e poder-fazer) que, como vimos, se inscrevem nos PNs de manipulação e de competência.

No que tange à modalização do ser, diz Fontanille (2019, p. 184) que, “do ponto de vista da história da semiótica do discurso, a teoria das modalidades foi o primeiro passo na direção de uma semiótica das paixões”. A relação do sujeito de estado com os valores, determinada pelas modalidades do querer, dever, saber e poder (ser), resulta na alteração de sua existência modal. Desse modo, as compatibilidades e incompatibilidades entre essas modalidades geram “estados de alma” no sujeito – o que nos leva à semiótica das paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1993). No escopo da semiótica, as paixões são compreendidas como “efeitos de sentidos de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que [uma

paixão] é vista como uma modalidade do ser ou um arranjo delas, sejam elas compatíveis ou incompatíveis” (GREIMAS, 2014, p. 225-246).

Não obstante, Greimas e Fontanille (1993, p. 21) destacam que “as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro”, podendo projetar-se tanto sobre os sujeitos quanto sobre objetos ou sua junção. De todo modo, o sujeito *afetado* pelas paixões será sempre o sujeito modalizado pelo *ser*, isto é, o sujeito de estado (*Ibid.*, p. 50). As paixões organizam-se, então, sob a forma de arranjos sintagmáticos de modalidades, podendo ser simples ou complexas. As paixões simples são resultado de um único arranjo modal, como o medo (*não-querer-ser*), enquanto as paixões complexas desenvolvem um percurso passional como efeito da combinação de diferentes modalidades, como ocorre com a frustração, que resulta de um objeto desejável (modalizado pelo *querer-ser*) ser tomado como inacessível (modalizado pelo *não-poder-ser*) para o sujeito.

Cabe ainda destacar que, para a teoria semiótica, paixão e emoção não se confundem. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 299), a paixão é uma configuração discursiva; trata-se de “um acontecimento em sentido estrito, isto é, uma transformação apreendida e reconhecida por um observador”, enquanto a emoção exige apenas um corpo que sente. De maneira simplista, poderíamos dizer que a paixão tem nome, como *tristeza* ou *alegria*, enquanto a emoção seria uma perturbação corporal (um tremor, um rubor), que só passa a ser dizível quando se associa a uma paixão (MATTE; LARA, 2007).

Ainda no âmbito da modalização pelo ser (componente semântico), há que se considerar as modalidades veridictórias, que determinam a relação do sujeito com o objeto, conforme a articulação entre o *ser e o parecer*. Teremos, assim, a *verdade* (ser + parecer), a *falsidade* (não ser + não parecer), o *segredo* (ser + não parecer) e a *mentira* ou *ilusão* (parecer + não ser).

Encerrada a apresentação do componente semântico, concluímos o estudo do nível narrativo. Se nesse nível temos formas abstratas, como sujeitos que entram em conjunção ou em disjunção com objetos de valor, no nível discursivo, essas formas “são *revestidas* de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, 2018, p. 41, grifo do original), como veremos a seguir. Passemos, pois, ao patamar discursivo, o nível mais complexo e concreto do percurso gerativo de sentido e o que mais se aproxima da manifestação textual.

2.2.3. O nível discursivo

No âmbito da sintaxe discursiva, entram em jogo os procedimentos que se voltam para a instância da enunciação no momento em que é produzido o discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 473). Para Benveniste (1989, p. 82), a enunciação consiste em “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Nessa perspectiva, foi ele o responsável pela primeira formulação desse conceito como a instância em que se transforma a língua – previamente investigada por Saussure (1969) – em discurso. As reflexões de Benveniste (1988, 1989) em torno da subjetividade na linguagem e do aparelho formal da enunciação levaram à ampliação de tal domínio, que passou a ser reconhecido na centralidade da constituição do discurso. A partir desse ponto, a enunciação começou a ser percebida também como um sistema, uma vez constatado o esquema geral que opera sob os atos particulares de enunciação.

No quadro geral da teoria semiótica, a enunciação é concebida como “uma instância de mediação que produz o discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 167), o que significa que, quando as estruturas narrativas são assumidas pelo sujeito da enunciação, elas se convertem em estruturas discursivas. Trata-se, portanto, de “uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (*Ibid.*, p. 166). Já o enunciado, por sua vez, é entendido como um ato de linguagem, resultado do processo enunciativo (*Ibid.*, p. 168). Os “traços e marcas” de que trata Greimas, dizem respeito ao fato de que o enunciado frequentemente apresenta elementos que remetem à instância da enunciação.

Como pontua Fiorin (2016, p. 31), há, “de um lado, pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, dêiticos espaciais e temporais [...], de outro, termos que descrevem a enunciação, enunciados e reportados no enunciado”. Tudo isso se volta para as categorias da enunciação de que fala Benveniste (1988, 1989): a pessoa, o tempo e o espaço. Nesse sentido, a sintaxe discursiva possui dois mecanismos, a *debreagem* e a *embreagem*, responsáveis por instaurar tais categorias no enunciado.

A *debreagem*, conforme Greimas e Courtés (2018, p. 111), é a “operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso”. Desse modo, a *debreagem* pode ser actancial, temporal ou espacial. Quando esse mecanismo da sintaxe discursiva instala no enunciado a pessoa, temos então uma *debreagem* actancial. Na gramática tradicional, as formas linguísticas

eu e *tu* são tradicionalmente denominadas “pronomes pessoais”. No entanto, de acordo com Benveniste (1989), elas são, na verdade, formas de linguagem vazias de sentido figurativo, uma vez que não remetem a um conceito ou a um indivíduo empírico, mas às pessoas enunciativas.

Para a semiótica discursiva, *eu/tu* correspondem aos actantes da enunciação (enunciador e enunciatário), em conformidade com o fato de que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Em contrapartida, os pronomes referentes à “terceira pessoa” possuem uma condição diferenciada. Eles exercem, de fato, o papel gramatical que lhes dá o estatuto de pronome, já que são utilizados para substituir os nomes que estão fora da alocação. Ademais, em diferentes línguas, a terceira pessoa é empregada para ocultar a designação de uma pessoa em uma expressão impessoal, como ocorre em textos científicos, considerados objetivos.

Por essa razão, Benveniste (1989) opõe as categorias de pessoa (*eu/tu*) e não pessoa (*ele*). Enquanto *ele* pode variar em gênero (*ela*) e número (*eles/elas*) como as demais palavras do português, as pessoas *eu* e *tu*, não variam em gênero e possuem formas distintas para o plural, mostrando, conforme Fiorin (2016, p. 52), que não se trata de uma simples pluralização, mas de pessoas amplificadas. No caso de *nós*, ele pode ser inclusivo: *eu + você(s)*; exclusivo: *eu + ele(s) ou ela(s)*; ou misto: *eu + você(s) + ele(s) ou ela(s)*. Assim, para a semiótica, as pessoas são actantes da enunciação e as não pessoas actantes do enunciado. Nessa perspectiva, a debragem actancial se divide em duas formas: a *enunciativa* e a *enunciva*. Comparemos os seguintes enunciados:

- a) Agora, estou vivendo aqui.
- b) Ele vivia em seu país de origem.

No primeiro enunciado são projetados a pessoa *eu*, o tempo *agora* e o espaço *aqui*. No segundo enunciado, são projetados a (não) pessoa *ele*, o tempo *então* e o espaço *lá*⁸³. Nos dois casos operou-se uma debragem que, em suma, pode ser enunciativa quando existe a projeção de um *eu-aqui-agora*, ou *enunciva* quando há um *ele-lá-então*. A categoria de pessoa é hierarquizada no texto a partir de três níveis, tendo em vista que cada *eu* implica um *tu*. O primeiro nível refere-se ao enunciador, que corresponde à projeção do autor implícito no texto, e ao enunciatário, que remete ao leitor implícito. No segundo nível, encontramos as instâncias do narrador e do narratário, instauradas no enunciado pelo sujeito da enunciação, trata-se, nesse

⁸³ O tempo “então” se refere a qualquer tempo que não designe diretamente o momento da enunciação. O espaço “lá” se refere a qualquer espaço que não seja o “aqui” onde se produz a enunciação.

caso, de uma debreagem de 1º grau. Caso o narrador dê a voz a um personagem por meio do discurso direto, chegaremos ao terceiro nível, que diz respeito ao par interlocutor/interlocutário (debreagem de 2º grau).

Essa hierarquia concerne à polifonia que, segundo Fiorin (2016, p. 54), implica, nesse caso, duas questões: “a primeira diz respeito à existência pressuposta e hierarquizada de diferentes níveis de enunciação, ou seja, à questão da delegação de vozes; a segunda concerne à responsabilidade pelos enunciados”. Nesse sentido, Bakhtin (1988, p. 360), ao tratar do gênero romance, também aponta a necessidade de se distinguirem níveis enunciativos:

Se eu narrar (ou escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como narrador (ou escritor), fora do tempo-espço onde o evento se realizou. É tão impossível a identificação absoluta do meu “eu” com o “eu” de que falo como alguém suspender a si mesmo pelos cabelos. O mundo representado, mesmo que seja realista e verídico, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real representante, onde se encontra o autor-criador dessa imagem.

Com isso, é necessário nos atentarmos para o fato de que o enunciador não corresponde ao autor “de carne e osso”. Trata-se, na verdade, de sua projeção no enunciado, a qual emerge da/na leitura do texto. Conforme aponta Fiorin (2016, p. 55), o autor implícito “provém da leitura da obra toda e não das intervenções explícitas do narrador [...]. O autor e o leitor reais pertencem não ao texto, mas ao mundo”. Assim, para que possamos exemplificar as relações hierárquicas pontuadas pela semiótica discursiva em torno da enunciação, partiremos de um trecho retirado da obra *A memória do mar*, de Khaled Hosseini (2018, s/p), inspirada na história de Alan Kurdi⁸⁴:

Sua mãe está aqui com a gente esta noite, Marwan, nesta praia fria e enluzada, entre os bebês que choram e as mulheres que lamentam em línguas que não falamos. Afegãos, somalis, iraquianos, eritreus e sírios. Todos nós ansiosos pelo nascer do sol, todos nós com medo desse mesmo momento. Todos nós à procura de um lar. Ouvi dizer que somos indesejados. Que não somos bem-vindos. Que deveríamos levar nosso infortúnio à outra parte. Mas ouço a voz de sua mãe, por cima da maré, e ela sussurra em meu ouvido: “Ah, mas se eles pudessem ver, meu amor, só a metade do que vocês viram. Se eles simplesmente pudessem ver. Com certeza diriam coisas mais gentis”.

Nesse trecho, o enunciador corresponde ao *eu* implícito da enunciação (projeção do autor Khaled Hosseini) e o leitor (*tu*) seria o enunciatário implícito; trata-se, pois, das imagens do autor e do leitor construídas no/pelo texto. O narrador, instaurado no texto-enunciado pelo enunciador, é quem assume o *eu* que diz: “Ouvi dizer que somos indesejados” e que se dirige a

⁸⁴ Khaled Hosseini é um romancista nascido no Afeganistão e exilado nos Estados Unidos. Já Alan Kurdi, mencionado também em nosso primeiro capítulo, foi um imigrante sírio de três anos de idade que se afogou no Mar Mediterrâneo quando, juntamente com sua família, tentava chegar à Europa.

Marwan, seu narratário (embora pareça haver um outro narratário implícito a quem o narrador se dirige: aqueles que os consideram indesejáveis). Quando o narrador instalado no texto dá voz à mãe de Marwan, ele instaura um interlocutor, que fala por meio do discurso direto: “[...] ela sussurra em meu ouvido: ‘Ah, mas se eles pudessem ver, meu amor, só a metade do que vocês viram. Se eles simplesmente pudessem ver. Com certeza diriam coisas mais gentis’”. Nesse caso, o interlocutário a quem o interlocutor (mãe de Marwan) se dirige parece ser o próprio narrador, que nessa narrativa é também personagem.

Nesse trecho, de maneira geral, instaura-se uma debreagem enunciativa (um *eu-aqui- agora*). Na primeira frase, por exemplo, o tempo *agora* é marcado pela expressão “esta noite” e o uso do verbo *estar* no presente: “Sua mãe *está* aqui com a gente *esta noite*” (grifos nossos). De acordo com Benveniste (1989, p. 85), “poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo”. Para o autor, a própria noção de temporalidade se constitui pela linguagem, tendo em vista que a categoria de *presente*, instaurada pela enunciação, possui como referência um dado linguístico: “a coincidência do acontecimento descrito com a instância de discurso que o descreve” (BENVENISTE, 1988, p. 289).

Na esteira de Benveniste, o tempo, para a teoria semiótica, não se confunde com o tempo cronológico ou físico, trata-se, fundamentalmente, de um tempo *linguístico*. Para determiná-lo, é necessário que se considere: o momento da enunciação (ME) – presente implícito; o momento de referência (MR) – presente, pretérito ou futuro; e o momento do acontecimento (MA) – se é concomitante, anterior ou posterior ao momento de referência. Em consequência, os tempos verbais definidos pela semiótica discursiva diferem em parte daqueles elencados pela gramática tradicional. Assim, da mesma maneira que a debreagem actancial se divide em enunciativa (*eu/tu*) e *enunciva* (*ele*), a categoria de tempo estabelece um sistema enunciativo⁸⁵ (*agora*) e um sistema *enuncivo* (*então*), que se divide em dois subsistemas, um relativo ao MR pretérito⁸⁶ e outro ao MR futuro⁸⁷.

⁸⁵ Neste sistema, o presente do MR coincide com o presente do ME. Se o MA for concomitante ao MR, teremos o tempo *presente*, que pode ser pontual, durativo ou gnômico. Se o MA for anterior ao MR, teremos o *pretérito perfeito 1*, e se for posterior, teremos o *futuro do presente*.

⁸⁶ Neste subsistema, o MR é anterior ao ME. Se o MA for concomitante ao MR, teremos o *pretérito perfeito 2* (acabado, pontual) ou o *pretérito imperfeito* (inacabado, durativo). Se o MA for anterior ao MR, teremos o *pretérito mais-que-perfeito*. Se for posterior, teremos o *futuro do pretérito simples* (imperfectivo) ou o *futuro do pretérito composto* (perfectivo).

⁸⁷ No subsistema do futuro, o MR é posterior ao ME. Se o MA for concomitante ao MR, teremos o *futuro do presente*. Se for anterior, teremos o *futuro anterior*, e se for posterior, o *futuro do futuro*.

Finalmente, chegamos à categoria de espaço, que também deve ser recuperada a partir da enunciação, já que não se trata do espaço físico, mas da oposição entre um *aqui* (debreagem enunciativa) e um *lá* (debreagem *enunciva*). Em relação a essa categoria, Fiorin (2016, p. 229) aponta que “no âmbito dos estudos literários, há muitas análises sobre o espaço, mas não sobre sua sintaxe (relação entre o espaço da enunciação e o do enunciado e suas projeções) e sim a respeito de sua semântica”. Com efeito, nas narrativas, de forma geral, o espaço é utilizado para a construção de uma ambientação (de ordem semântica), como ocorre no trecho do livro *A memória do mar* citado anteriormente: “Sua mãe está aqui com a gente esta noite, Marwan, nesta praia fria e enluarada, entre os bebês que choram e as mulheres que lamentam em línguas que não falamos” (HOSSEINI, 2018, s/p). Nessa frase, há a presença de um *aqui*, que marca a debreagem enunciativa, assim como o pronome demonstrativo *nesta*. A descrição do espaço, por sua vez, serve à construção de sentido do texto como um todo.

O mecanismo de embreagem, por outro lado, ocorre quando uma dessas categorias é neutralizada no emprego de uma pela outra. De acordo com Greimas e Courtés (2018, p. 159-160), esse mecanismo, ao contrário da debreagem, é “o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Desse modo, “toda embreagem pressupõe [...] uma operação de debreagem que lhe é logicamente pressuposta” (*Ibid.*, p. 160). Esse mecanismo pode criar diferentes efeitos de sentido no discurso, como subjetividade, objetividade, distanciamento, aproximação, entre outros. Para ilustrar essa questão, utilizaremos um exemplo dado por Lara (2012, p. 35), que analisa parte do discurso de posse do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2003:

Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei, com toda clareza e com toda convicção, que nós podemos muito mais.

Nesse trecho, inicialmente, há uma debreagem enunciativa de pessoa (*eu*): “Quando *olho a minha* própria vida [...]” (grifo nosso). Porém, logo em seguida, o *eu* é substituído pela instauração de um *ele*, por meio de uma embreagem actancial, que neutraliza a primeira pessoa. Isso ocorre na maior parte do trecho, uma vez que o presidente passa a narrar sua trajetória de vida valendo-se da terceira pessoa “*menino que vendia* amendoim e laranja no cais de Santos, que *se tornou* torneiro mecânico e líder sindical, que um dia *fundou* o Partido dos Trabalhadores e *acreditou* no que estava fazendo, que agora *assume* o posto de supremo mandatário da nação” (grifos nossos). Ao chegar ao *agora* de quem fala como presidente da nação, o *eu* é novamente

assumido por meio de uma debreagem enunciativa: “vejo e sei”. Surge, então, a primeira pessoa do plural: “nós podemos muito mais”. Trata-se de um “nós misto”, que inclui o presidente, aqueles que o escutam e todos os cidadãos brasileiros (eu + você(s) + ele(s) ou ela(s)). Podemos pensar, nesse caso, em uma embreagem actancial (*nós* em lugar de *eu*), utilizada de forma persuasiva, a fim de aproximar o presidente da população e convencê-la das novas possibilidades que surgiriam com seu mandato.

Nesse sentido, as relações entre o enunciador e o enunciatário, sobretudo as argumentativas, também devem ser investigadas pela sintaxe discursiva. Entendido como desdobramento do sujeito da enunciação, o enunciador seria o “destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer” (BARROS, 2005, p. 60). Assim, um “contrato” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 99) é estabelecido entre o enunciador e o enunciatário, o que determina como o segundo deve interpretar o discurso e sua “verdade”, lembrando que, para a semiótica discursiva, como já sinalizamos, não interessa a verdade ontológica, mas a veridicção ou o dizer verdadeiro.

Segundo Fiorin (2018, p. 75), “o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite”. Para tanto, o enunciador dispõe de diversos procedimentos argumentativos com vistas a levar o enunciatário a admitir como verdadeiro o sentido produzido. A argumentação é entendida por Fiorin (2018, p. 75) como o “conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário”. Em sua obra *Argumentação*, Fiorin (2017) apresenta uma série de modelos argumentativos, que vão desde os argumentos “quase lógicos”, como a comparação e a definição; passam pelos argumentos fundamentados na estrutura da realidade, como a implicação e a causalidade; e chegam aos argumentos que fundamentam a estrutura do real, como o exemplo, a ilustração, o modelo e o antimodelo. O autor percorre diversas técnicas argumentativas, tais como o recurso aos valores, a ironia, o silêncio, argumentos que apelam ao *páthos*, o recurso ao *éthos*, entre outros. Cabe, em uma análise semiótica, identificar e examinar a maneira pela qual o enunciador faz uso de tais procedimentos.

Isso nos leva, por fim, à semântica discursiva. Nos níveis anteriores, fundamental e narrativo, tratamos de questões abstratas. Há, primeiramente, uma oposição semântica de base cujos valores, em seguida, se inscrevem em objetos com os quais os sujeitos mantêm relações de junção. No entanto, essas estruturas só chegam a ser concretizadas no nível discursivo: é nesse momento em que os sujeitos e objetos passam a ganhar nomes. A semântica discursiva reveste os esquemas narrativos por meio dos chamados percursos temáticos e figurativos. Nesse

sentido, Greimas e Courtés (2018, p. 435) oferecem, curiosamente, um exemplo que se aproxima de nossa temática:

Suponhamos que exista, no nível das estruturas narrativas, um programa narrativo cujo actante objeto esteja investido do valor “liberdade” (valor que está ligado à estrutura modal do poder); estando esse objeto inscrito como objeto disjunto do sujeito, o valor “liberdade” constituirá a meta do percurso narrativo do sujeito. Sendo assim, a inscrição desse percurso no discurso pode dar lugar, por exemplo, à sua espacialização, e o percurso “liberdade” poderá ser tematizado, com isso, como um percurso “evasão”. Entretanto, a evasão continua ainda sendo um percurso abstrato: novos investimentos são suscetíveis de o figurativizar, representando-o por exemplo, como um embarque para mares distantes.

Portanto, um percurso narrativo será convertido, no nível discursivo, em percursos temáticos, que poderão ou não ser figurativizados. Em nossa análise, falaremos em percursos “temático-figurativos”, uma vez que esses percursos se entrecruzam nas narrativas de vida. Mas afinal, o que são os temas e as figuras? No contexto semiótico, figuras são as categorias que remetem a algo existente no mundo natural (ou construído como tal, como ocorre, por exemplo, em textos de ficção científica). Já os temas são categorias mais abstratas que organizam e categorizam os elementos do mundo.

Assim, a tematização e a figurativização correspondem a dois níveis de concretização do sentido. Um texto que apresente como tema a riqueza (termo abstrato) poderá revesti-lo de figuras como dinheiro, joias, casas, automóveis etc. Esses dois procedimentos distinguem, então, duas classes textuais: textos predominantemente temáticos (por exemplo, textos científicos) e textos predominantemente figurativos (textos literários, históricos, entre outros). Enquanto os primeiros procuram explicar a realidade, os segundos constroem um simulacro do real, o que cria um “efeito de realidade”, isto é, os temas explicam o mundo, e as figuras o simulam (FIORIN, 2018, p. 91). Para a análise discursiva, não interessa identificar temas e figuras isoladamente, mas os percursos que constroem o sentido do texto. Além disso, na análise de textos figurativos, é necessário que se identifiquem os temas subjacentes que lhes conferem sentido (daí falarmos em percursos temático-figurativos).

Quando os temas e as figuras são reiterados no discurso, criando um plano de leitura, dizemos que se trata de uma *isotopia*. Segundo Barros (2005, p. 71), “a isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica”. Há quebras temáticas ou figurativas, no entanto, que podem criar diferentes efeitos de sentido, como humor, surpresa, estranhamento etc. Resta dizer que, como postula Fiorin (2018), os temas e as figuras constituem o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia que subjaz ao discurso. Torna-se, pois, relevante apreendê-los e examiná-los.

No próximo capítulo, utilizando o instrumental teórico-metodológico proposto pela teoria semiótica, apresentaremos a análise e as reflexões acerca das narrativas de vida que compõem o *corpus* desta pesquisa. Cabe esclarecer, no entanto, que não utilizaremos todos os níveis e categorias elencados neste capítulo. Optamos por fazer uma apresentação completa do percurso gerativo de sentido, a fim de dar ao leitor uma visão panorâmica desse dispositivo. Seguindo a proposta de Fiorin (1995, p. 175) de que “um texto pode trabalhar melhor um nível que outro, um componente do que outro”, devendo a análise centrar-se sobre os aspectos mais explorados pelos próprios textos, elegemos para este trabalho as seguintes categorias:

- 1) o esquema narrativo canônico, compreendendo os PNs de manipulação, competência, perfórmance e sanção;
- 2) os percursos temático-figurativos e as relações que mantêm entre si;
- 3) as projeções das categorias de pessoa, tempo e espaço;
- 4) os procedimentos argumentativos/persuasivos que se instauram entre enunciador/autor e enunciatário/leitor, inclusive no que tange às paixões (mobilizadas também como procedimento argumentativo nas narrativas).

A partir de um primeiro olhar sobre o *corpus*, essas categorias, entre as quais sobressaem as do nível discursivo, nos pareceram mais produtivas para a análise das narrativas de vida selecionadas. Nada impede, porém, que recorramos a outras categorias, oriundas do percurso gerativo de sentido, se a análise assim o exigir.

CAPÍTULO 3 – AS REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS NAS NARRATIVAS DE VIDA DE MIGRANTES E REFUGIADOS

“Porque a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.”

Cecília Meireles

Neste capítulo, propomo-nos a apreender as representações (socio)discursivas – de si, do outro, do mundo – construídas por migrantes e refugiados a partir de suas narrativas de vida. Lembramos que, no âmbito da psicologia social, Moscovici (2012, p. 62) entende por *representações* “um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e de nomes”. Assim, quando classificamos algo, nós o inserimos em um conjunto de comportamentos e de regras que estipulam o que é possível e o que não é possível, tendo em vista os indivíduos que pertencem a uma classe determinada. Já Charaudeau (2007; 2015), no escopo da Análise do Discurso, toma as representações (socio)discursivas como formas de “ver” e “julgar” o mundo que se manifestam por meio do discurso, concepção que assumimos aqui, dadas as inegáveis afinidades entre a perspectiva teórica de onde fala o autor e o nosso trabalho.

Inicialmente, voltaremos nosso olhar para as histórias de Ali Malikzada e Christiana Alaba a partir de seus diários de bordo e, em um segundo momento, examinaremos os depoimentos de Michael, Batu, Zachariah, Agnes e Salif. Ao longo das análises, buscaremos já ir destacando as interseções entre as narrativas estudadas, a fim de identificar as suas convergências e/ou divergências, uma vez que nosso objetivo e as perguntas a que pretendemos responder inscrevem-se na comparação entre os discursos dos sujeitos em deslocamento. Faremos isso, sem perder de vista, evidentemente, a singularidade de cada sujeito e de cada história, como já foi dito.

As narrativas de vida – tanto em um caso quanto no outro – foram formuladas a partir de entrevistas realizadas pela organização MSF. Os relatos foram obtidos oralmente e, posteriormente, transcritos conforme as normas convencionais de escrita. Sabemos que certos efeitos de sentido podem se perder nesse processo de retextualização. Acreditamos, porém, que as ideias mais relevantes tenham sido mantidas, o que é suficiente para nossos propósitos⁸⁸.

⁸⁸ Nesse sentido, seguimos a postura adotada por Ducard (2015, p. 111), que acredita que, apesar do que se perde na transcrição da voz falada, podemos supor que ela é, em linhas gerais, fiel à elocução.

Com esse mesmo princípio, optamos por apresentar as narrativas no idioma em que foram originalmente escritas: os diários de bordo em francês e os demais depoimentos em inglês. Ao longo das análises, porém, com vistas a tornar a exposição mais fluida e mais fácil de acompanhar, traremos entre parênteses a tradução para o português dos trechos reproduzidos.

Finalmente, antes de iniciar o exame dos textos, gostaríamos de salientar, seguindo Lara (2017, p. 35), que em nosso trabalho “não temos a pretensão de fazer ‘a’ leitura, mas uma entre outras possíveis”. Isto é, buscamos estabelecer, pela análise do discurso, um “possível interpretativo”, como sugere Charaudeau (1983, p. 57).

3.1. Diários de bordo

A exposição *La voix de mes blessures* foi lançada em 2018 pela organização Médicos sem Fronteiras na Suíça. Trata-se, a priori, de uma campanha para sensibilizar as pessoas, cuja realização é justificada da seguinte forma: “Mais de 65 milhões de pessoas no mundo estão em êxodo. Através de uma exposição interativa, queremos dar um rosto a essas pessoas e, assim, apresentamos dois diários de bordo pessoais e tocantes” (MSF, 2018)⁸⁹.

Essa exposição itinerante é realizada em uma tenda que se divide em três partes. Na primeira, cartazes explicam por que a organização MSF decidiu fazer essa exposição, oferecendo mais informações sobre o tema da migração em nível global. A segunda parte inclui fotos simbolizando os traumas vividos por Ali e Christiana e, no centro da sala, são dispostos seus objetos pessoais trazidos de seus países de origem. Na entrada da exposição, cada visitante recebe os diários de bordo que servem de guia para a compreensão não só das histórias contadas, mas também do significado de cada uma das fotos expostas no interior da tenda. Na última parte da exposição, os visitantes têm a possibilidade de assistir, com óculos de realidade virtual, uma seleção de cinco vídeos que mostram diferentes missões de MSF relacionadas à migração. Fisicamente na tenda, os visitantes estão virtualmente imersos em outras realidades e têm a oportunidade de visualizar o que significa ser migrante e empreender uma viagem perigosa.⁹⁰ Percebe-se, portanto, que a exposição busca suscitar a empatia e a solidariedade dos visitantes

⁸⁹ Tradução livre de: “Plus de 65 millions de personnes dans le monde sont en exode. Par une exposition interactive, nous voulons donner un visage à ces personnes et nous vous présentons ainsi deux récits de voyage individuels et touchants”. Disponível em: http://lp.msf.ch/2017/09/migration/index_fr.html. Acesso em: 25/10/2019.

⁹⁰ Essas informações nos foram disponibilizadas via e-mail pela coordenadora das campanhas de MSF sobre migração.

que venham a conhecer as histórias de Ali e Christiana. Passemos, então, à análise de suas narrativas de vida⁹¹.

3.1.1. Ali Malikzada

Aujourd'hui

Je m'appelle Ali Malikzada et je suis né en 1997 en Afghanistan. Je viens d'un village de la province de Ghazni, dans le centre-est du pays. Mes parents, mes cinq frères et soeurs et moi menions une vie tranquille. Mon père était conducteur de taxi et, après l'école, j'avais l'habitude de l'aider dans notre petite ferme.

En juin 2015, des altercations ont démarré entre l'armée afghane et un groupe Taliban opérant dans la région. Mon père a été arrêté par ce groupe, torturé et contraint à travailler pour les Talibans. Il a été obligé de faire semblant d'accepter pour être relâché. Quand il est rentré à la maison, nous avons immédiatement décidé de quitter notre village avec toute la famille pour chercher refuge à Kaboul.

Les Talibans n'avaient de cesse de traquer mon père. Rester en Afghanistan était trop dangereux. Mon père et moi avons pris la route de l'Iran, nous souhaitions nous installer à Téhéran et y faire venir le reste de la famille. Mais c'était impossible : sans permis de séjour, nous risquions la prison. C'est pour cela que mon père et moi avons décidé de partir à nouveau, pour trouver un endroit plus sûr en Europe. À la frontière entre l'Iran et la Turquie, les gardes-frontière ont commencé à nous tirer dessus. Pris de panique, nous nous sommes mis à courir dans tous les sens. C'est là que j'ai perdu la trace de mon père. À l'heure actuelle, je ne sais toujours pas ce qui lui est arrivé.

J'ai dû continuer mon voyage seul. Le 25 octobre 2015, je suis arrivé en Suisse et j'ai été conduit à Genève. Pas un jour ne passe sans que je me demande si mon père est toujours en vie, sans que ma famille à Kaboul ne me manque. Mon passé est un fardeau quotidien qui pèse sur mon présent. Mon périple et toutes les souffrances que j'ai endurées sont chaque jour présents en moi.

Voici mon histoire et ce que j'ai traversé.

26 juin 2015

Lorsque nous avons dû fuir notre village, Kaboul est la première ville dans laquelle nous avons cherché refuge. Nous y sommes restés une douzaine de jours. Mon père recevait sans arrêt des menaces par téléphone. Continuellement persécuté par les Talibans, il a pris la décision de quitter le pays. Il voulait que je parte avec lui en Iran, et que nous fassions ensuite venir le reste de la famille pour recommencer une nouvelle vie tous ensemble.

La route pour l'Iran passe par le Pakistan. Nous avons roulé de longues heures dans des véhicules pleins à craquer, empilés les uns sur les autres. Près des régions frontalières, nous avons dû parcourir des distances interminables à pied.

À la frontière pakistanaise par exemple, nous avons marché dans la montagne pendant deux jours et une nuit. La douleur et la peur nous tenaillaient : nous étions terrorisés à l'idée d'être découverts par les gardes-frontière ou dévorés par des loups ou des animaux sauvages. Un de mes amis qui tentait à nouveau le passage de la frontière après un premier échec me racontait que c'était arrivé à des personnes qui voyageaient avec lui. Pendant la nuit, nous ne pouvions pas vraiment dormir. Nous avions très peu à manger et le matin, nous luttions contre le froid.

Une fois cette frontière traversée, nous n'étions pas au bout du trajet ! Une voiture nous a amenés à Mashkel, une ville située à quelques kilomètres de l'Iran.

Pendant ce voyage exténuant, la tristesse et l'angoisse étaient mon fardeau quotidien. J'avais peur d'être découvert, peur pour ma mère et mes frères et soeurs restés à Kaboul. Je n'avais aucune nouvelle d'eux. Ils me manquaient énormément.

Heureusement, mon père était à mes côtés. Sa présence n'avait pas de prix pour moi, elle m'apportait un sentiment de sécurité et me donnait du courage. Même si nous étions rassurés de laisser l'Afghanistan derrière nous, nous souffrions beaucoup. Au milieu de cet environnement hostile, nous nous rendions compte du courage nécessaire pour aller de l'avant.

Malgré cette douleur et mon profond chagrin, je concentrais toute ma volonté pour tenir bon. Je savais que, pas à pas, j'atteindrai mon objectif.

⁹¹ Para que as análises possam ser acompanhadas de forma mais fácil, optamos por introduzir, no corpo do trabalho, a parte verbal dos relatos. As versões originais (completas), com recursos verbais e não verbais/visuais, encontram-se no Anexo.

Fin juin 2015

Entre l'Afghanistan et l'Iran, j'ai eu un accident. Nous étions tellement nombreux à l'arrière du pick-up que je suis tombé avec quatre autres personnes alors que le camion roulait à toute vitesse. L'un des passagers a frappé à la vitre pour que le chauffeur s'arrête. Nous avons finalement réussi à remonter dans le véhicule. Mon corps entier était douloureux et mon genou gauche était particulièrement abîmé. Je saignais et je souffrais terriblement.

Nous avons franchi la frontière iranienne à pied. Nous sommes descendus du véhicule et avons marché pendant sept heures. A cause de ma plaie, j'avais du mal à me déplacer. Mon père a abandonné son sac à dos, qui contenait les biens essentiels à notre survie et m'a pris sur ses épaules. Il m'a porté pendant ces heures interminables de marche. Malgré la douleur, je me retenais de crier ou d'exprimer ma souffrance car les passeurs m'auraient considéré comme un poids et m'auraient abandonné là.

Mon père faisait tout ce qu'il pouvait pour m'aider. Pour arrêter le saignement, il a pris de la terre et l'a mise sur la plaie puis l'a bandée avec un foulard. Après la frontière iranienne, nous avons trouvé quelqu'un qui m'a donné un antidouleur. Mon père l'a pilé et appliqué directement sur la plaie. Cela ne m'a pas soulagé longtemps, mais il faisait de son mieux pour pallier l'absence de soins.

Les sacs à dos que nous portions étaient tout ce qui nous reliait à notre pays d'origine. Aujourd'hui, j'ai toujours celui qui m'a accompagné tout au long du trajet.

Début septembre 2015

La cicatrice sur mon genou me rappelle la chute, mon douloureux périple mais aussi la disparition de mon père.

Lorsque nous avons traversé la frontière iranienne, nous sommes arrivés à Van, une région montagneuse à la limite de la Turquie. Là, les gardes-frontière ont ouvert le feu sur nous. Pris de panique, nous sommes mis à courir. Mon père et moi avons été obligés de nous séparer. C'est à cet instant que j'ai perdu sa trace. Depuis, je n'ai eu aucune nouvelle de lui.

Totalement abandonné et perdu, j'ai dû continuer le trajet seul.

Mon père avait déjà payé le passeur pour l'étape jusqu'en Grèce. J'avais 300 dollars en liquide avec moi.

Pas un jour ne passe sans qu'il ne me manque. Il était mon mentor et me faisait me sentir en sécurité. Je suis convaincu qu'il est toujours vivant.

Juin – septembre 2015

Pendant toute la durée de mon périple entre l'Afghanistan et Istanbul en Turquie, j'étais coincé dans des véhicules, sans pouvoir bouger. Chaque partie de mon corps a souffert. Les passeurs battaient aussi ceux d'entre nous qui ne respectaient pas les heures de rendez-vous. Cela m'est arrivé une fois, j'ai été frappé derrière la tête. En plus de ma blessure au genou, cette violence m'a beaucoup choqué. Mais j'ai essayé de ne rien laisser paraître, de rester fort et de souffrir en silence, car pour moi, le plus important était d'arriver au bout du voyage.

Je ne pouvais me montrer ni faible, ni désespéré devant les autres migrants et encore moins devant les trafiquants. Une personne blessée représente une menace et un fardeau pour les autres, quelqu'un qui ralentit la progression et qui peut causer l'arrestation du groupe entier. Même quand on m'a frappé, j'ai dû rester silencieux.

En plus des agressions physiques, nous devons supporter les pressions psychologiques. Dans les zones frontalières, nous devons faire attention non seulement à la police et aux gardes-frontière, mais aussi aux voleurs. Ils exploitent le triste destin des personnes forcées de fuir et utilisent ces lieux de passage stratégiques pour dérober l'argent des migrants et le peu de biens qu'ils possèdent.

Septembre – octobre 2015

Après avoir perdu mon père à la frontière entre la Turquie et l'Iran, je me suis arrêté plusieurs fois en chemin dans l'espoir que mon père rejoigne le groupe. Je l'attendais dès que je pouvais, car il m'était impossible d'imaginer continuer le trajet sans lui. J'étais totalement désespéré, mais je n'ai jamais arrêté d'y croire.

Juste après sa disparition, je suis resté à Van pendant une semaine. Je me disais qu'au moins je pourrais obtenir des renseignements, savoir où il se trouvait. Mais je n'ai rien pu apprendre. J'ai alors continué ma route vers Istanbul, seul. Là-bas, j'ai attendu encore trois semaines avant de prendre le ferry qui m'a conduit en Grèce. Mon père aurait bien pu arriver avec un autre groupe de réfugiés... De nouveau, je partais sans nouvelles de lui.

En Grèce, obtenir des documents d'autorisation d'un bureau d'enregistrement prit quelques jours. J'empruntais ensuite le chemin vers le nord : je traversais la Macédoine, la Serbie, la Croatie, la Slovénie et l'Autriche tantôt en bus, tantôt à pied. Sur tout ce parcours, mes pensées allaient à mon père, à ma famille qui était toujours à Kaboul.

Le 25 octobre 2015, j'arrivais à Altstätten en Suisse. Je vis aujourd'hui à Genève. L'assistant social qui s'occupe de moi m'accompagne dans ma recherche d'emploi et m'a aidé à m'inscrire à des cours de boxe, mais ma priorité reste de retrouver mon père, d'obtenir l'asile et de pouvoir faire venir le reste de ma famille.

6 juillet 2017

Sur cette photo, je suis sur l'un des vélos de l'association qui m'a engagé quand je suis arrivé.

Mes chaussures me rappellent mon passé, les longues heures de marche, d'abord aux côtés de mon père, puis seul. Tout ce temps où j'étais terrifié par les animaux sauvages dans les montagnes, par les passeurs et leur violence, par la police et les gardes-frontière, par les voleurs... par l'inconnu devant moi.

Le vélo symbolise mon présent, mon travail qui consiste à les réparer et les déplacer. C'est comme ça qu'a commencé ma nouvelle vie. Maintenant, un nouveau chapitre débute.

Les roues incarnent mon futur. J'espère pouvoir aller de l'avant, me sentir en sécurité, me sentir chez moi à nouveau. J'espère pouvoir trouver un contrat fixe, avoir un salaire régulier pour pouvoir envoyer de l'argent à ma mère. Je rêve aussi d'avoir, un jour, la chance de prendre mon père dans mes bras, encore une fois...

O texto é narrado por Ali Malikzada, um jovem refugiado nascido em 1997 no Afeganistão, país localizado no centro da Ásia. Ali conta sua jornada após ter sido forçado a deixar seu país de origem junto com seu pai, que foi preso, torturado e perseguido por membros do Talibã. Na tentativa de chegar ao continente europeu em busca de asilo, Ali se perdeu de seu pai, quando eles foram recebidos com tiros por guardas da fronteira entre o Irã e a Turquia, sendo levado a prosseguir sozinho. Após uma longa trajetória, ele chegou à Suíça, onde vive e trabalha e de onde conta sua história.

Por se tratar de um relato cuja cenografia, ou seja, a cena de enunciação com que se confronta o leitor diretamente (MAINGUENEAU, 2015), é a de um diário de bordo, o texto é organizado a partir de determinadas datas, que vão de junho de 2015 a julho de 2017. A narrativa se inicia em um “hoje”; momento em que Ali relembra os principais acontecimentos de sua jornada, passando por diferentes períodos do passado até chegar novamente ao presente da enunciação.

Lembrando a hierarquia enunciativa proposta por Fiorin (2016), consideraremos os migrantes, neste relato e nos demais, como enunciadores, já que eles são os sujeitos produtores do discurso, sem perder, porém, de vista que, no nível do texto-enunciado, eles são também narradores – aqueles que contam a história – e personagens, já que se trata de narrativas em 1ª. pessoa.

A fim de analisar a maneira pela qual ocorre a transformação de estados nas narrativas, isto é, as sequências narrativas que explicam por que e como o sujeito é levado a deixar seu país de origem e a se mudar para seu país de destino, seguiremos o esquema narrativo canônico estabelecido pela sintaxe do nível narrativo. Lembramos ainda que, as narrativas, de maneira geral, não possuem uma única sequência canônica, mas um conjunto delas. Como veremos,

essas sequências, muitas vezes, encaixam-se umas nas outras ou se sucedem (FIORIN, 2018, p. 33).

Na narrativa em questão, inicialmente, temos, como enunciado elementar, um sujeito de estado que se encontra em conjunção com o objeto de valor (Ov) país de origem. Em um programa narrativo (PN) de manipulação, a ameaça do grupo Talibã assume o papel de destinador-manipulador ao levar o destinatário-sujeito (Ali) a *dever* deixar, a princípio, sua aldeia: “Mon père a été arrêté par ce groupe, torturé et contraint à travailler pour les Talibans [...]. Quand il est rentré à la maison, nous avons immédiatement décidé de quitter notre village avec toute la famille pour chercher refuge à Kaboul.” (“Meu pai foi preso por esse grupo, torturado e obrigado a trabalhar para os Talibãs. [...] Quando ele voltou para casa, decidimos imediatamente abandonar nossa aldeia com toda a família para buscar refúgio em Kaboul.”).

Devido ao fato de que o grupo Talibã não deixou de perseguir o pai de Ali na capital do Afeganistão, eles se deram conta de que permanecer no país era muito perigoso: “Mon père recevait sans arrêt des menaces par téléphone. Continuellement persécuté par les Talibans, il a pris la décision de quitter le pays.” (“Meu pai recebia sem parar ameaças por telefone. Continuamente perseguido pelos Talibãs, ele tomou a decisão de deixar o país.”). Em um primeiro momento, eles decidiram ir para o Irã, onde pretendiam se estabelecer e reunir a família, mas logo perceberam que isso não seria possível: “Mais c’était impossible : sans permis de séjour, nous risquions la prison.” (“Mas isso era impossível: sem visto de residência, arriscaríamos a prisão.”). Então, decidiram partir novamente: “C’est pour cela que mon père et moi avons décidé de partir à nouveau, pour trouver un endroit plus sûr en Europe.” (“É por isso que meu pai e eu decidimos partir novamente, para encontrar um lugar mais seguro na Europa.”) – ou seja, eles partiram em busca de um novo “objeto” no qual se inscrevesse o valor primordial “segurança”.

A performance de sair do Afeganistão originou-se, portanto, de uma manipulação por *intimidação*, uma vez que a permanência de Ali e seu pai no Afeganistão simbolizava um grande risco para sua sobrevivência. No caso do Irã, primeiro destino de ambos, há uma outra manipulação por *intimidação*: o risco de prisão. A manipulação, nesse cenário, é fundamental para que se possa compreender o motivo pelo qual Ali vai rumo à Europa. Fica claro que, no que diz respeito ao nível fundamental, o texto é desenvolvido a partir da categoria semântica de base vida *versus* morte.

Para chegar até a Europa em busca de refúgio, o pai de Ali contrata o serviço de um “coiote”, isto é, uma pessoa que conduz os migrantes pelas áreas de fronteiras clandestinamente

em troca de grandes quantias: “Mon père avait déjà payé le passeur pour l’étape jusqu’en Grèce.” (“Meu pai já havia pago o atravessador para a etapa até a Grécia.”). Desse modo, no PN de competência, o sujeito, já manipulado, é dotado de um *saber* e um *poder-fazer*, isto é, Ali adquire as condições necessárias para deixar o Afeganistão e chegar à Europa. Já no PN de performance, uma série de acontecimentos se sucede até que ele alcança seu destino. Ou seja, há outras transformações “menores” que concorrem para a transformação principal da narrativa (PN de base) e que, a exemplo da competência, constituem programas de uso. Em sua trajetória, Ali enfrenta diversos obstáculos, atravessa diferentes locais caminhando por dias nos arredores das fronteiras ou sendo conduzido em transportes precários. Ao realizar a ação principal (chegar à Europa), o sujeito de fazer altera o estado de junção (da conjunção para a disjunção) do sujeito de estado com o Ov país de origem e faz com o que ele entre em conjunção com Ov país de chegada, o que compreende a principal transformação da narrativa. Lembramos que, sujeito de fazer e sujeito de estado são papéis actanciais distintos, mas que nesse caso são sincretizados em um mesmo ator do nível discursivo (Ali).

Ao chegar à Suíça, Ali é levado à Genebra, onde é acolhido por uma associação de apoio a refugiados. Assim, em um PN de sanção, a performance realizada pelo sujeito de fazer é reconhecida (sanção cognitiva) pelo destinador-julgador (a associação), que atribui a ele também uma sanção pragmática ao auxiliá-lo a se estabelecer no país. Vemos isso, por exemplo, na fala: “L’assistant social qui s’occupe de moi m’accompagne dans ma recherche d’emploi.” (“A assistente social que se responsabiliza por mim me acompanha na minha busca de emprego.”). Nesse cenário, podemos pensar na prova glorificante que Propp propõe no estudo do conto maravilhoso russo (juntamente com as provas qualificante e decisiva), em que há o reconhecimento do herói (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 395). Como não pensar em heroísmo em uma situação como a de Ali? Eis, portanto, em suas grandes linhas, o esquema narrativo canônico que sustenta, no nível intermediário (narrativo), o relato de Ali.

No nível mais próximo da manifestação textual, do ponto de vista das projeções de pessoa, tempo e espaço, temos, inicialmente, um *eu* (debreagem actancial enunciativa) que fala a partir de um *aqui* (Genebra) e de um *agora* (presente): debreagens enunciativas de espaço e de tempo, respectivamente. No entanto, a maior parte do texto se refere a um *lá* (o Afeganistão e diversos outros locais por onde Ali passa) e a um *então* (passado). Dessa forma, são constituídas debreagens *enuncivas* de espaço e de tempo, uma vez que o foco do texto é narrar os acontecimentos passados na longa trajetória do *eu* que narra e que carrega consigo tudo o

que viveu: “Mon passé est un fardeau quotidien qui pèse sur mon présent.” (“Meu passado é um fardo cotidiano que pesa sobre o meu presente”.)

Durante grande parte do texto, como mencionamos, há um “eu” que (se) conta. No entanto, podemos observar também, a instauração de uma pessoa amplificada (nós), cujo referente varia ao longo do texto. Ao tratar do período anterior aos conflitos com os Talibãs, por exemplo, o enunciador (Ali) – que se projeta no texto-enunciado como narrador (e também como personagem), como já mencionamos – instaura um *nós exclusivo* que compreende *eu + eles* (Ali e sua família): “*Mes parents, mes cinq frères et soeurs et moi* menions une vie tranquille” (grifos nossos) (“Meus pais, meus cinco irmãos e irmãs e eu levávamos uma vida tranquila”). Em outros momentos, enquanto Ali ainda contava com a presença de seu pai, percebe-se também a instauração de um *nós exclusivo*, mas que compreende somente *eu + ele* (Ali e seu pai), como ocorre no seguinte enunciado: “*Mon père et moi avons pris* la route de l’Iran” (grifos nossos) (“Meu pai e eu pegamos a rota do Irã”).

Nas demais circunstâncias, para tratar das experiências compartilhadas com os outros sujeitos em deslocamento, o “nós” se refere a *eu + eles* (Ali e os outros migrantes): “*Dans les zones frontalières, nous devions* faire attention non seulement à la police et aux gardes-frontière, mais aussi aux voleurs.” (grifos nossos) (“Nas zonas fronteiriças, nós devíamos prestar atenção não somente na polícia e nos guardas de fronteira, mas também nos ladrões.”). Observa-se, porém, que na sequência desse enunciado, esse mesmo “nós” é neutralizado pelo emprego de “eles”, por um mecanismo de *embreagem actancial*: “*Ils [les voleurs]* exploitent le triste destin des *personnes forcées de fuir* et utilisent ces lieux de passage stratégiques pour dérober l’argent des *migrants* et le peu de biens qu’*ils possèdent*.” (grifos nossos) (“Eles [os ladrões] exploram o triste destino das pessoas forçadas a fugir e utilizam esses locais estratégicos de passagem para roubar o dinheiro dos migrantes e os poucos bens que eles possuem.”).

Apesar de se enquadrar no grupo de “pessoas forçadas a fugir”, o enunciador opta por se referir à categoria de migrantes como “eles” (e não como “nós”), apresentando, como efeito de sentido, uma certa objetividade ao tratar da situação vivenciada por aqueles forçados a deixar seus lares e seguir esse caminho. Além disso, nesse mesmo enunciado, é instaurado um tempo peculiar do sistema enunciativo, o presente omnitemporal, que ocorre “quando o momento de referência é ilimitado e, portanto, também o é o momento do acontecimento” (FIORIN, 2018, p. 134). Isso significa que, quando Ali afirma que os ladrões “exploram” o triste destino dos migrantes e “utilizam” esses locais de passagem para roubar seus pertences, ele não se refere a um momento específico do presente, mas a uma situação que nos parece temporalmente

ilimitada (um sempre implícito) e que envolve todos aqueles que se arriscam em rotas clandestinas para chegar a um novo país.

Ainda em relação à projeção temporal, observa-se que, os tempos verbais – organizados em torno do *eu*-narrador –, quando utilizados para descrever os acontecimentos da narrativa, aparecem, de maneira geral, centrados em marcos temporais passados (as datas que ordenam o diário de bordo) – ou seja, emprega-se o subsistema *enuncivo* relativo ao momento de referência (MR) pretérito. Nesse subsistema, a concomitância do momento do acontecimento (MA) em relação ao MR pretérito é expressa por dois tempos verbais: o pretérito perfeito 2 e o pretérito imperfeito. Assim, quando o enunciador apresenta fatos de seu passado, podemos identificar aspectos distintos em sua maneira de narrar, como ocorre nas seguintes frases que se referem a um mesmo acontecimento (enunciado na introdução da narrativa e repetido no trecho referente a outubro de 2015):

- (a) “Le 25 octobre 2015, je suis arrivé en Suisse et j’ai été conduit à Genève.” (No dia 25 de outubro, eu cheguei na Suíça e fui conduzido à Genebra.”);
- (b) “Le 25 octobre 2015, j’arrivais à Altstätten en Suisse. Je vis aujourd’hui à Genève.” (“No dia 25 de outubro de 2015, eu chegava em Altstätten, na Suíça. Eu vivo hoje em Genebra.”).

Vemos, nos enunciados (a) e (b), que tanto “cheguei” quanto “chegava” marcam uma concomitância em relação ao MR pretérito (25 de outubro de 2015). Porém, no primeiro caso, a ação apresenta um aspecto pontual, acabado, enquanto no segundo a ação possui um aspecto durativo, inacabado. Com efeito, em (b), o enunciador parece optar por esse tempo (pretérito imperfeito) do sistema *enuncivo*, de aspecto estático, para se mostrar mais próximo do tempo do sistema enunciativo (presente) instaurado logo em seguida. Quando ele afirma que vive *hoje* em Genebra, há uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência. Trata-se, nesse caso, de um presente durativo, que ocorre “quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação” (FIORIN, 2016, p. 133). Esse tempo verbal diferencia-se do presente pontual, que decorre de uma tripla coincidência entre o MA, o MR e o momento de enunciação (ME), como se passa no seguinte enunciado: “*À l’heure actuelle*, je ne sais toujours pas ce qui lui est arrivé.” (grifo nosso) (“No momento atual, eu ainda não sei o que lhe aconteceu.”).

Na última página do diário de bordo, o enunciatário/leitor descobre que o “hoje” de que Ali fala está ancorado no dia 6 de julho de 2017. No entanto, esse mesmo “hoje” se repete em diferentes partes do texto em que o enunciador alterna entre os sistemas temporais *enuncivo* e

enunciativo, como ilustrado no seguinte trecho: “Les sacs à dos que nous portions étaient tout ce qui nous reliait à notre pays d’origine. Aujourd’hui, j’ai toujours celui qui m’a accompagné tout au long du trajet.” (“As mochilas que carregávamos eram tudo o que nos ligava a nosso país de origem. Hoje, eu ainda tenho aquela que me acompanhou ao longo de todo o trajeto.”). Nesse caso, as formas “carregávamos”, “eram” e “ligava” indicam uma concomitância durativa em relação ao MR pretérito, enquanto a forma “tenho” é concomitante ao MR presente, e a forma “acompanhou” é anterior a ele (o que corresponde ao pretérito perfeito 1)⁹².

Nota-se que, apesar de o texto se passar majoritariamente no passado, há, em diversos momentos, a instauração de *debreagens temporais enunciativas* que se entremeiam com *debreagens enuncivas*: “Pas un jour ne passe sans qu’il ne me manque. Il était mon mentor et me faisait me sentir en sécurité. Je suis convaincu qu’il est toujours vivant.” (“Não passa um dia sem que eu sinta a sua falta. Ele era meu mentor e fazia eu me sentir em segurança. Eu estou convencido de que ele ainda está vivo.”). Nesse enunciado, as formas “passa”, “estou” e “está” remetem ao presente, enquanto as formas “era” e “fazia” correspondem ao pretérito imperfeito.

Em dado momento, essa “flutuação” entre presente e pretérito chega a se confundir no enunciado: “Lorsque nous avons dû fuir notre village, Kaboul *est* la première ville dans laquelle nous avons cherché refuge.” (grifo nosso) (“Quando tivemos que fugir de nossa aldeia, Caboul é a primeira cidade na qual procuramos refúgio.”). Trata-se, nesse caso, de uma *embreagem temporal*, em que a forma verbal (“é” - presente) substitui a forma verbal (“foi” – pretérito perfeito 2). Assim, a instauração do presente no interior do enunciado cria o efeito de sentido de proximidade, isto é, faz entender que o enunciadador se encontra novamente no momento a que se refere o acontecimento.

No que diz respeito à categoria de espaço, percebe-se que, ao se abordar a temática da migração, a espacialização exerce um papel fundamental na construção de sentido do texto, tendo em vista a dimensão argumentativa⁹³ (AMOSSY, 2018) que ela assume na narrativa em questão. É a categoria de espaço que constrói a ambientação da narrativa. Por exemplo, ao se referir à viagem, empreendida com seu pai, rumo ao Irã, Ali afirma que: “Au milieu de cet environnement hostile, nous nous rendions compte du courage nécessaire pour aller de l’avant.”

⁹² Lembremos que o pretérito perfeito 1 é um tempo enunciativo, que implica uma não concomitância (anterioridade) em relação ao MR Presente. Já o pretérito perfeito 2 (juntamente com o pretérito imperfeito) implica uma concomitância com o MR pretérito, sendo, pois, um tempo enuncivo.

⁹³ Amossy (2018, p. 44) difere a dimensão argumentativa, inerente a muitos discursos, da visada argumentativa, presente em apenas alguns deles. Para a autora, “[...] a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo”.

(“No meio desse ambiente hostil, nós nos dávamos conta da coragem necessária para seguir adiante.”).

Com efeito, são numerosos os trechos em que ele descreve os obstáculos enfrentados pelos migrantes nesse percurso, o que se relaciona diretamente às condições espaciais. Exemplo disso é o fato de que, próximo às regiões de fronteiras, eles precisavam “parcourir des distances interminables à pied” (“percorrer distâncias intermináveis a pé”). Ali relata que: “À la frontière pakistanaise par exemple, nous avons marché dans la montagne pendant deux jours et une nuit” (“Na fronteira paquistanesa, por exemplo, nós caminhamos pela montanha durante dois dias e uma noite”), lutando contra o frio, a fome, e contra o medo de serem atacados por animais selvagens.

Nas rotas que não eram percorridas a pé, o enunciator afirma ter passado longas horas em veículos lotados com outros migrantes, empilhados uns sobre os outros. No caminho para o Irã, isso o levou a sofrer um acidente: devido ao grande número de pessoas que estava na parte de trás da caminhonete que os conduzia, Ali caiu do veículo – que andava em alta velocidade – ferindo seu joelho. Assim, para conseguir atravessar a fronteira iraniana, seu pai precisou abandonar a mochila que continha os bens essenciais para sua sobrevivência e carregar o filho sobre os ombros por sete horas. Ali relata que foi após atravessar essa divisa e chegar à Van – uma região montanhosa no limite da Turquia – que os guardas da fronteira começaram a atirar contra os migrantes, levando-o a se perder de seu pai. Após enfrentar essa situação traumática e finalmente chegar à Europa, ele ainda atravessou a Macedônia, a Sérvia, a Croácia, a Eslovênia e a Áustria, ora em ônibus, ora caminhando. Diante disso, percebemos que, se, por um lado, são as datas que ordenam o diário de bordo, por outro, são as referências aos espaços que organizam os sentidos atribuídos ao percurso narrado.

Ali afirma que, durante toda essa trajetória, seus pensamentos estavam em seu pai e no resto de sua família. Na narrativa, o reencontro do sujeito com seus familiares (principalmente, o pai) aparece como um *Ov* desejável (*querer-ser*), mas inalcançável (*não-poder-ser*), o que faz com que o sujeito vivencie certos “estados de alma”, como a saudade, por exemplo, ilustrada nos seguintes enunciados: “Pas un jour ne passe sans que je ne me demande si mon père est toujours en vie, sans que ma famille à Kaboul ne me manque”; “Je n’avais aucune nouvelle d’eux. Ils me manquaient énormément”; “Je rêve aussi d’avoir, un jour, la chance de prendre mon père dans mes bras, encore une fois” (“Não se passa um dia sem que eu me pergunte se meu pai ainda está vivo, sem que minha família em Cabul me faça falta”; “Eu não tinha nenhuma notícia deles. Eles me faziam uma falta enorme”; “Eu sonho também em um dia ter a

chance de abraçar meu pai mais uma vez”). Nesses enunciados, é evidente o sentimento de falta do Ov, embora o sujeito nada faça – ou melhor, nada possa fazer –, ao menos de imediato, para resolver a situação, sugerindo a instalação de outras paixões, como a frustração e mesmo uma certa resignação.

As “paixões” descritas podem provocar no enunciatário certos efeitos, levando-o, por exemplo, a sentir pena, tristeza, a se solidarizar com o outro (migrante/refugiado) diante de suas fragilidades e mazelas. Ao narrar sua trajetória, Ali adota, em determinados momentos, um tom dramático ou trágico ao reiterar, ao longo do texto, todo o sofrimento pelo qual passou e que ainda permanece em sua vida: “Pendant ce voyage exténuant, la tristesse et l’angoisse étaient mon fardeau quotidien”; “Mon périple et toutes les souffrances que j’ai endurées sont chaque jour présents en moi” (“Durante essa viagem extenuante, a tristeza e a angústia eram o meu fardo cotidiano”; “Minha jornada e todos os sofrimentos que suportei estão a cada dia presentes em mim”). Porém, apesar de expressar seus sentimentos durante grande parte da narrativa, em mais de um momento, Ali afirma ter agido de forma oposta em sua viagem, pois, do contrário, teria sofrido consequências.

Assim, enquanto no texto, o enunciador deixa fluir o sentimento, não só no que é dito (nível do enunciado), mas também no que é mostrado (nível da enunciação), construindo um *éthos* de vulnerabilidade e sofrimento, na sua performance de deslocamento o sujeito é movido pela necessidade de construir um simulacro de pessoa forte e controlada para não ser sancionado negativamente (considerado como “um peso” e abandonado). Convocando as modalidades veridictórias (ser *versus* parecer), temos algo da ordem da “mentira”, em que o sujeito *parece, mas não é*. Vejamos:

Je saignais et je souffrais terriblement. [...] Malgré la douleur, je me retenais de crier ou d’exprimer ma souffrance car les passeurs m’auraient considéré comme un poids et m’auraient abandonné là. Je ne pouvais me montrer ni faible, ni désespéré devant les autres migrants et encore moins devant les trafiquants. Une personne blessée représente une menace et un fardeau pour les autres, quelqu’un qui ralentit la progression et qui peut causer l’arrestation du groupe entier. Même quand on m’a frappé, j’ai dû rester silencieux. En plus des agressions physiques, nous devons supporter les pressions psychologiques.

(Eu sangrava e sofria terrivelmente. [...] Apesar da dor, eu me segurava para não chorar ou expressar meu sofrimento, pois os atravessadores teriam me considerado como um peso e teriam me abandonado ali. Eu não podia me mostrar nem fraco nem desesperado na frente dos outros migrantes, e ainda menos em frente aos traficantes. Uma pessoa ferida representa uma ameaça e um fardo para os outros, alguém que atrasa a progressão e que pode causar a prisão do grupo inteiro. Mesmo quando me bateram, eu precisei permanecer em silêncio. Além das agressões físicas, nós tínhamos que suportar as pressões psicológicas).

O apelo às paixões, nesse caso, mostra-se como uma *estratégia de captação* (CHARAUDEAU, 1992) do enunciatário/leitor, capaz de nele suscitar o sentimento de empatia, como foi dito. O medo, paixão modalizada pelo *não-querer-ser*, é recorrente no texto, como ilustram os seguintes trechos: “J’avais peur d’être découvert, peur pour ma mère et mes frères et sœurs restés à Kaboul.”; “La douleur et la peur nous tenaillaient : nous étions terrorisés à l’idée d’être découverts par les gardes-frontière ou dévorés par des loups ou des animaux sauvages.” (“Eu tinha medo de ser descoberto, medo pela minha mãe e pelos meus irmãos e irmãs que ficaram em Cabul.”; “A dor e o medo nos angustiavam: nós estávamos aterrorizados com a ideia de sermos descobertos pelos guardas da fronteira ou devorados por lobos ou animais selvagens.”). A partir desse discurso, cujos argumentos se esteiam, em grande medida, nas diferentes paixões explicitadas ou observadas no “tom” que o texto assume, o enunciador age sobre o enunciatário, levando-o a ser confrontado com sua (do enunciador) difícil realidade.

A história de Ali, precedente aos acontecimentos narrados, é reconstruída em sua memória em poucas linhas, mas de forma positiva: “Je viens d’un village de la province de Ghazni, dans le centre-est du pays. Mes parents, mes cinq frères et soeurs et moi menions une vie tranquille. Mon père était conducteur de taxi et, après l’école, j’avais l’habitude de l’aider dans notre petite ferme” (“Eu venho de uma aldeia da província de Ghazni, no centro-leste do país. Meus pais, meus cinco irmãos e eu levávamos uma vida tranquila. O meu pai era taxista e, depois da escola, eu costumava ajudá-lo em nossa pequena fazenda.”).

Nesse trecho, o encadeamento de figuras como *vida tranquila, taxista e pequena fazenda*, compõe o percurso temático-figurativo de *estabilidade/tranquilidade*. No entanto, na narrativa em foco, esse tema ocupa um espaço mínimo, enquanto a violência e os obstáculos que o sujeito encontra em seu caminho perpassam todo o texto. O percurso temático-figurativo da violência encadeia figuras como: *grupo Talibã, torturado, forçado a trabalhar, perseguido, perigoso, prisão, ameaças, fugir, ambiente hostil, guardas da fronteira, atiraram, traficantes, agressões físicas, polícia, ladrões, atravessadores, batiam*. Já o percurso temático-figurativo da adversidade, convoca figuras como: *veículos lotados, distâncias intermináveis, lobos, animais selvagens nas montanhas, pouco para comer, frio, viagem extenuante, ferida, falta de cuidados, cicatriz, viagem dolorosa, abandonado e perdido, sozinho, desesperado*.

Embora esses percursos denunciem a realidade vivenciada por milhares de pessoas, o enunciador não parece querer acusar diretamente quaisquer governos ou sistemas que admitem ou viabilizam a manutenção desse cenário (e da ideologia que subjaz a ele, ou seja, aquela que vê os migrantes/refugiados como indesejáveis, como uma ameaça para o país e seus “legítimos”

habitantes). Nessa perspectiva, os meios verbais utilizados para agir sobre o enunciatário apelam, especialmente, à emoção, o que já é apontado pela descrição dos diários de bordo como “pessoais e tocantes”, como vimos.

Na narrativa, Ali e os outros migrantes são representados como sujeitos que enfrentam situações inimagináveis na luta por sua sobrevivência. Nesse contexto, a Europa é figurativizada como a esperança de viver em segurança por aqueles forçados a partir. Isso pode ser constatado no final do texto, em que temos um novo *percurso temático-figurativo* que, por meio do encadeamento de figuras como *assistente social, emprego/trabalho, curso de boxe, (obter) asilo* etc., anuncia a volta de uma certa *estabilidade* à vida de Ali (mesmo que ainda haja pendências a ser resolvidas, o que se projeta no futuro: “j’espère” (eu espero); “je rêve” (eu sonho). De qualquer forma, como o próprio Ali diz, trata-se de “um novo capítulo que se inicia” (“un nouveau chapitre [qui] débute”) em sua história.

Considerando que o enunciatário do diário de bordo seria um cidadão europeu que está habituado a outros discursos que representam os migrantes e refugiados de maneira negativa, a narrativa de Ali, além de suscitar o sentimento de empatia, poderia também levantar um questionamento sobre essa representação estereotipada do migrante como um perigo ou ameaça, na medida em que orienta uma visão diferente acerca dos migrantes.

3.1.2. Christiana Alaba

Aujourd’hui

Je m’appelle Christiana Alaba. Je suis née en 1991 au Nigeria, où j’ai grandi avec mes parents et mes 11 frères et sœurs. Après l’obtention de mon diplôme et quelques années d’expérience professionnelle, j’ai ouvert mon propre salon de coiffure. J’ai toujours été passionnée par la mode et la coiffure.

En 2006, au Nigeria, j’ai rencontré Joseph, mon grand amour. Nous avons eu deux enfants. La vie était difficile et nous devions nous battre pour survivre. Afin d’offrir un futur meilleur à notre famille, mon mari et moi avons décidé de déménager. A la fin 2011, nous avons rejoint ma sœur au Ghana. La vie n’était pas plus facile là-bas et notre avenir était incertain. Nous avons alors réfléchi à partir à nouveau. Un ami d’enfance de Joseph nous a dit d’aller en Libye, car les conditions de vie semblaient préférables d’après lui. Nous sommes donc partis, laissant mes deux enfants sous la protection de ma sœur au Ghana, où ils vivent aujourd’hui encore.

Pendant deux ans, dans la ville de Benghazi, en Libye, nous avons eu une vie difficile mais décente. Toutefois, en 2015, lorsque les combats se sont intensifiés, notre vie « paisible » s’est transformée en un quotidien de peur et de violence. Les bombes explosaient chaque jour et la discrimination à l’encontre des personnes noires était monnaie courante. Fuir vers l’Europe était notre seule option, même si, en premier lieu, je n’avais pas l’intention de m’y rendre.

J’étais enceinte de huit mois, je savais que je prenais de gros risques, mais Joseph et moi avons quitté la côte libyenne pour sauver nos vies. Après quatre heures de bateau, l’eau a commencé à entrer dans l’embarcation. Nous allions couler au milieu de la mer Méditerranée. Finalement, le bateau MSF Dignity I est venu à notre secours. Après le débarquement, je suis arrivée à Reggio Calabria, en Italie, le 8 août 2015.

Voici mon parcours et ce que j’ai traversé.

20-25 février 2012

Une fois la décision de déménager en Libye prise, nous avons pris plusieurs bus depuis le Ghana jusqu'à rejoindre Agadez au Niger. Pour traverser la frontière, nous ne devions pas être vus. Nous étions à l'arrière d'un bus, serrés les uns contre les autres, luttant pour respirer dans une chaleur suffocante.

Mais ce n'était rien comparé à la suite du voyage : trois jours de traversée du désert pour atteindre la Libye. Le deuxième jour, le véhicule s'est embourbé dans le sable, dans l'impossibilité de continuer. Tout le monde a dû descendre. Les hommes poussaient la voiture pendant que les autres marchaient pieds nus dans le sable brûlant comme la braise pendant quatre heures.

Le vent, la chaleur et le sable ont meurtri chacune des parties de mon corps. Au milieu du désert, nous avons pris conscience qu'il était trop tard pour revenir en arrière. Mon mari Joseph pleurait sans arrêt. Autour de nous, il y avait des cadavres : des personnes qui n'avaient pas survécu.

Entre les températures élevées, l'attente dans la voiture et les douleurs atroces ressenties pendant la marche, mes pieds et mes chevilles ont gonflé comme des ballons. La douleur empirait d'heure en heure. Lorsque je suis arrivée à Al-Quatrun en Libye, je ne pouvais plus tenir debout. Je devais absolument voir un médecin, mais c'était impossible. Un homme qui prétendait avoir des connaissances médicales a fait des incisions sur mes pieds pour en faire sortir le liquide. Mais nous devions partir le lendemain et je n'avais pas le temps de soigner mes plaies. En chemin pour Benghazi, elles se sont infectées. Une fois dans la ville, nous avons pu aller à l'hôpital où j'ai finalement été soignée. Pendant des semaines, je ne pouvais plus porter de chaussures.

L'une des incisions a été faite trop profondément au niveau de ma cheville. J'ai couvert la cicatrice avec un tatouage.

23 février 2012

Le trajet entre Al-Quatrun et Tripoli, la capitale, a été le pire moment que j'ai vécu. J'étais à deux doigts de perdre mon mari.

Cette étape a duré trois heures. On était tous serrés les uns contre les autres à l'arrière du camion, cachés sous des bâches en plastique. Trois heures à supporter la chaleur extrême, sans possibilité de respirer, sans eau ni nourriture.

Pour rendre notre véhicule moins suspect, des chèvres ont été chargées dans le camion. Elles nous piétinaient. On pouvait à peine respirer. L'odeur de l'essence était très forte.

Sous la bâche, Joseph respirait avec beaucoup de difficulté, il était sur le point d'étouffer. J'étais à côté de lui, je partageais sa détresse. J'étais terrorisée à l'idée de perdre mon mari et je me sentais impuissante. Pour éviter d'être découverts, nous avons l'interdiction de bouger. J'ai quand même réussi à faire un petit trou dans le plastique afin que Joseph puisse respirer. S'il était mort au milieu de notre périple, qu'aurais-je fait ? En tant que femme seule, j'aurais été tellement vulnérable, une cible facile, exposée à être battue ou violée. J'avais entendu que c'était arrivé à un certain nombre de femmes non accompagnées. Comment aurais-je pu vivre sans lui ?

Joseph a continué à avoir de la peine à respirer et des nausées intenses. Une fois arrivés à Tripoli, nous avons fait une pause de deux jours, dans l'espoir qu'il récupère un peu.

5 août 2015

Nous avons refait notre vie à Benghazi, l'ancienne capitale de la Libye. Avec un permis de travail, j'ai ouvert mon salon de coiffure et Joseph travaillait en tant que peintre. En parallèle, j'ai commencé à apprendre l'arabe et m'intégrer assez rapidement à la société libyenne. Cela a duré deux ans et demi.

À la suite de la deuxième guerre civile en Libye, la situation politique a commencé à dégénérer et la violence a suivi. Au début 2015, les combats se sont intensifiés. L'insécurité est devenue de plus en plus palpable. Les histoires de mes clientes, majoritairement des migrantes du Ghana et du Nigeria, m'ont effrayée : elles me racontaient qu'elles avaient été battues et frappées par leurs employeurs libyens. Un soir, j'ai été menacée par plusieurs hommes alors que je rentrais en taxi, j'étais alors enceinte de cinq mois. Nous devions partir d'urgence de ce pays !

Mon mari et moi avons entendu parler de bateaux transportant les migrants vers l'Europe via un réseau de passeurs. Je n'avais aucune intention d'y aller au départ, mais c'était bel et bien notre seule option. Nous avons quitté Benghazi alors que j'étais enceinte de huit mois. Nous avons rejoint Zuwara, sur la côte nord-est de la Libye. Nous sommes restés trois jours là-bas dans l'attente de conditions météorologiques favorables. On dormait à l'extérieur, dans le désert, entourés de scorpions. Nous étions terrifiés.

Enfin, nous sommes montés à bord d'une embarcation pneumatique pleine à craquer. On était collés les uns aux autres. Mon ventre frottait constamment contre le jean d'un homme assis en face de moi. Ce frottement a créé une plaie qui s'est mise à saigner. J'ai souffert le martyr.

La cicatrice est encore visible.

5 août 2015

Les passeurs nous ont dit : « De l'autre côté de la mer, c'est l'Italie », et cela devait prendre sept heures pour y arriver. Nous n'avions pas de capitaine. Nous étions abandonnés au milieu de nulle part. Il faut vraiment être désespéré pour monter dans une embarcation qui vous conduit potentiellement à la mort... Nous avons passé une journée entière en haute mer. Les vagues étaient gigantesques. Nous n'avions pas d'eau, pas de nourriture. J'ai commencé à prier pour que des secours arrivent.

Sur 111 personnes, il y avait huit autres femmes enceintes. Nous n'avions pas été autorisés à prendre quoi que ce soit avec nous, pas même un téléphone. Mais j'avais gardé le mien en cachette, pour pouvoir appeler à l'aide et rester en contact avec ma famille en cas de problème. Je l'avais donc caché dans mon soutien-gorge.

A cause de la chaleur et de l'humidité, la batterie de mon téléphone a explosé. Ça a été très douloureux mais je ne devais rien laisser paraître. Nous n'étions pas encore au bout du trajet, je devais rester statique pendant des heures, j'ai tellement souffert.

Les marques de l'explosion sont toujours visibles sur mes seins, et la douleur toujours présente dans ma mémoire.

5 août 2015

Après des heures en mer, l'embarcation a commencé à prendre l'eau. La confusion s'est emparée du groupe, les enfants ont commencé à pleurer, et de nouveau, j'avais peur de perdre mon bébé ou de mourir, sans témoin. Je me suis sentie abandonnée.

Perdue dans mes pensées noires, coincée dans une position inconfortable, j'avais besoin de bouger, d'uriner, mais je ne pouvais pas. Je ne pouvais plus me retenir, je n'ai pas pu faire autrement que de me soulager. C'est alors que j'ai remarqué je saignais. J'étais terrorisée de devoir accoucher sur cette embarcation, sans assistance médicale. Après ce voyage exténuant et ce stress épouvantable, j'étais totalement épuisée.

Autour de 20h, alors que le soleil se couchait, les secours sont enfin arrivés. Le bateau Dignity I de MSF nous a sauvés. J'étais terrifiée que mon bébé n'ait pas survécu. Mais l'équipe MSF a fait un examen médical, et m'a confirmé que le bébé n'était pas en danger.

Le nom de mon enfant est celui du bateau qui nous a sauvés : Dignity. Elle est née à Brindisi, en Italie, où nous avons vécu pendant quatre ans. Ensuite, nous avons déménagé à Rome, où nous vivons encore aujourd'hui.

12 juin 2017

Cette photo a été prise au printemps 2017. Ce sont les pieds de mon enfant en train de jouer avec mes chaussures sur la plage.

Le sable est mon passé. Mes pieds se souviennent de l'horrible traversée du désert, de la peur de mourir, de la peur de la mer, de la peur de perdre mon mari. Je me souviens de la douleur que je ressentais aux pieds, de mon corps bloqué dans une seule position, de toutes ces péripéties que j'ai traversées. Je me souviens d'avoir prié pour arriver en lieu sûr.

Les chaussures sont mon présent. Grâce à elles, je suis protégée du sable brûlant, je suis protégée de ce qui se passe en Libye. Je suis protégée par l'Italie, mon pays d'accueil.

Les pieds de mon enfant sont mon futur. Mes enfants sont la génération suivante. Ils sont mon espoir. Je fais tout ce que je peux pour leur offrir un meilleur avenir et pour enfin réunir ma famille. Je souhaite de tout cœur faire venir mes deux enfants restés au Ghana.

O texto é narrado por Christiana Alaba, uma mulher migrante nascida em 1991 na Nigéria, país localizado na África Ocidental. Em sua narrativa, Christiana conta como era sua vida em seu país de origem, as dificuldades que a levaram a partir para Gana e, depois, para Líbia, onde precisou fugir de uma nova guerra civil que se intensificava. Na tentativa de chegar ao continente europeu, Christiana enfrentou a rota do Mar Mediterrâneo em um barco que, pouco antes de naufragar, foi resgatado por uma embarcação de MSF. Hoje, ela vive na Itália, em Roma, e é de lá que conta sua história.

A narrativa de vida, também disposta sob a cenografia de um diário de bordo, é organizada de acordo com as datas referentes aos momentos em que Christiana se encontrava

em um processo migratório. Sua história, que também parte de um “hoje”, retorna em seguida a períodos do passado: fevereiro de 2012 (época em que Christiana se deslocou para a Líbia); outubro de 2015 (ano em que ela enfrentou sua jornada para chegar à Europa); e, por fim, junho de 2017, quando ela retoma o presente da enunciação que se ancora nesse momento. Para examinar sua jornada, seguiremos, inicialmente, o esquema narrativo canônico, como fizemos com a narrativa anterior, mas, desta vez, dividido em duas partes: a primeira será dedicada ao percurso de Christiana até a Líbia, enquanto a segunda tratará de seu percurso para a Europa.

Nessa narrativa, também constatamos como enunciado elementar um sujeito de estado que está inicialmente em conjunção com o Ov país de origem e que entra em disjunção com esse objeto no decorrer da narrativa – o que já é esperado, uma vez que tratamos dos percursos de sujeitos migrantes. O que muda, entre as narrativas, são as relações que esses sujeitos mantêm com os objetos de valor referentes aos países de origem e de chegada. Diferentemente de Ali, que possuía uma vida tranquila no Afeganistão, Christiana afirma que, na Nigéria: “La vie était difficile et nous devions nous battre pour survivre.” (“A vida era difícil e tínhamos que lutar para sobreviver.”).

Diante disso, a enunciadora admite que: “Afin d’offrir un futur meilleur à notre famille, mon mari et moi avons décidé de déménager.” (“A fim de oferecer um futuro melhor à nossa família, meu marido e eu decidimos nos mudar.”). Isso nos mostra que, movida pela difícil situação econômica de seu país (destinador-manipulador), Christiana (destinatário-sujeito) adquire um *querer-fazer* (mudar de país para melhorar as condições de vida de sua família). Nesse cenário, a manipulação ocorre tanto por *tentação* (a ideia de que mudar de país lhe traria um futuro melhor), quanto por *intimidação*, tendo em vista as dificuldades que ela e sua família enfrentavam para sobreviver na Nigéria. Em vista disso, Christiana se muda para Gana, onde vivia sua irmã. No entanto, ao contrário do que esperava, a vida não era mais fácil lá, e seu futuro permanecia incerto. Logo, ela e Joseph, seu marido, decidiram partir mais uma vez. Christiana conta que, um amigo de infância de Joseph lhes recomendou ir para a Líbia, onde as condições de vida pareciam mais favoráveis. Assim, em um novo PN de manipulação, mas ainda motivada pelas mesmas circunstâncias, Christiana decide ir para a Líbia com seu marido, deixando seus filhos em Gana, aos cuidados de sua irmã.

Embora não seja enunciado, como no caso de Ali, de que forma o sujeito adquiriu um *saber* e um *poder fazer*, o PN de competência fica pressuposto pelos outros PNs. De todo modo, podemos supor que Christiana e seu marido tenham pagado por serviços de transporte que lhes permitiram chegar à Líbia sem serem vistos. Logo, o sujeito de fazer realiza a performance de

deslocamento, o que faz com que o sujeito de estado entre em conjunção com um novo Ov, o país de chegada. Essa performance é reconhecida (sanção cognitiva) pelo destinador-julgador (governo líbio), que lhe atribui uma sanção pragmática: a permissão para permanecer e trabalhar legalmente em Bengasi, antiga capital da Líbia.

Assim, Christiana e Joseph refizeram suas vidas. Ela estudava a língua árabe, buscando se integrar à sociedade líbia, e até abriu um salão de beleza, enquanto o marido trabalhava como pintor. Não era uma vida fácil, como ela mesma afirma, mas era decente. No entanto, dois anos depois, uma nova guerra civil se iniciou no país, e sua vida se transformou em um “cotidiano de medo e violência” (“quotidien de peur et de violence”): “Les bombes explosaient chaque jour et la discrimination à l’encontre des personnes noires était monnaie courante.” (“As bombas explodiam a cada dia e a discriminação contra as pessoas negras era moeda corrente.”).

À medida que a situação política se degenerava, os combates se intensificavam, assim como a insegurança, especialmente para uma mulher negra. Christiana afirma que as clientes de seu salão, em particular as migrantes que vinham da Gana ou da Nigéria, lhe contavam sobre a violência que haviam sofrido por parte de seus patrões líbios. Pouco tempo depois, Christiana foi ameaçada por vários homens enquanto entrava em um táxi, grávida de cinco meses. Foi nesse momento que ela percebeu que deveria deixar o país. E assim, entramos em um novo esquema narrativo.

Diante do que se passava, Christiana concluiu que: “Fuir vers l’Europe était notre seule option, même si, en premier lieu, je n’avais pas l’intention de m’y rendre.” (“Fugir rumo à Europa era nossa única opção, mesmo se, em um primeiro momento, eu não tivesse a intenção de ir para lá.”). Assim, se, ao partir de seu país natal, Ali e seu pai fugiam da perseguição do grupo Talibã, Christiana e o marido buscavam, inicialmente, escapar da miséria. Porém, uma vez que se muda para a Líbia, Christiana também é levada a fugir de uma guerra civil. Embora tanto Ali quanto Christiana apresentem particularidades em seus percursos de vida, ambos tomam a segurança como valor primordial inscrito no objeto desejável (modalizado, portanto, pelo *querer-ser*), que é figurativizado, no nível discursivo, como Europa.

Em um novo PN de manipulação, a guerra civil (destinador-manipulador) transmite à Christiana (destinatário-sujeito) um *dever-fazer*. Ocorre, portanto, uma manipulação por *intimidação*, uma vez que permanecer na Líbia simbolizava um risco para a vida do casal. Desta vez, os meios utilizados para o deslocamento até a Europa são explicitados. Diz Christiana: “Mon mari et moi avons entendu parler de bateaux transportant les migrants vers l’Europe via un réseau de passeurs.” (“Meu marido e eu ouvimos falar de barcos que transportavam

migrantes para a Europa, por meio de uma rede de atravessadores.”). Assim, o sujeito adquire um *saber* e um *poder-fazer* (PN de competência) e realiza a performance de deslocamento. A exemplo da narrativa de Ali, temos na de Christiana uma série de programas de uso que contribuem para a transformação principal: chegar ao destino final (figurativizado pela Europa). A nigeriana atravessa o Mar Mediterrâneo em um barco lotado e em condições precárias. Em dado momento, o barco começa a afundar, fazendo com que os migrantes a bordo corram o risco de afogamento. Eles são, porém, resgatados por uma embarcação de MSF. A performance realizada pelo sujeito de fazer é reconhecida pelo *destinador-julgador* (governo italiano) e Christiana é acolhida na Itália (PN de sanção).

Antes de passar às projeções da enunciação no enunciado – nossa próxima categoria –, fazemos um parêntese para refletir sobre a figura emblemática do “atravessador” (ou “coiote”) (no nível discursivo), presente tanto no caso de Ali quanto no de Christiana (e, via de regra, no de todos aqueles ditos “migrantes clandestinos”). No nível narrativo, poderíamos tomá-lo como um sujeito-adjuvante, ou seja, aquele que auxilia o sujeito de fazer em sua performance. Mas será que poderíamos considerá-lo como um “auxiliar positivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 23-24), diante de tudo aquilo que nos contam Ali e Christiana sobre eles? Fica a questão em aberto para as reflexões do(a) leitor(a).

No que diz respeito às projeções de pessoa, tempo e espaço, observamos, a princípio, debreagens enunciativas: trata-se de um “eu”, que fala a partir de um “aqui” (Roma) e de um “agora” (presente). No entanto, como ocorre na narrativa de Ali, a maior parte do texto é dedicada a um “lá” (Nigéria, Gana, Líbia e outros locais por onde Christiana passou) e a um “então” (passado), debreagens *enuncivas* de espaço e de tempo. O “eu” que fala é alternado ora por um *nós exclusivo* que se refere a *eu + ele* (Christiana e Joseph): “*Nous devions* partir d’urgence de ce pays !” (grifos nossos) (“Nós devíamos sair desse país com urgência!”); ora por um *nós também exclusivo*, mas que se refere a *eu + eles* (Christiana e os outros migrantes): “*Nous avons* passé une journée entière en haute mer” (grifo nosso) (“Nós passamos um dia inteiro em alto mar”).

Em dado momento, ao tratar do processo de travessia no Mar Mediterrâneo, a enunciativa, que se projeta, no texto-enunciado como narradora, dá a palavra, em discurso direto, a um outro personagem (interlocutor) por meio de uma debreagem interna ou de segundo grau: “Les passeurs nous ont dit : ‘De l’autre côté de la mer, c’est l’Italie’, et cela devait prendre sept heures pour y arriver.” (“Os atravessadores nos disseram: ‘Do outro lado do mar, é a Itália’ e devia levar sete horas para chegar lá.”). O “nós”, que antes falava (“[...] *nous ont dit*”, grifo

nosso), retoma a palavra para ser, logo em seguida, neutralizado pela instauração de um “você”: “Nous n’avions pas de capitaine. Nous étions abandonnés au milieu de nulle part. Il faut vraiment être désespéré pour monter dans une embarcation qui *vous* conduit potentiellement à la mort...” (grifo nosso) (“Nós não tínhamos capitão. Nós estávamos abandonados no meio do nada. É preciso realmente estar desesperado para subir em uma embarcação que conduz você potencialmente à morte...”).

Trata-se, portanto, de uma *embreagem actancial*, que substitui a primeira pessoa do plural pela segunda. Percebe-se que, na tentativa de explicar o motivo que leva uma pessoa a enfrentar essa situação, a enunciativa, por meio do mecanismo de embreagem, coloca o enunciatário em seu lugar, criando um efeito de sentido de proximidade. Nesse momento, é também instaurado o presente (omnitemporal ou gnômico), para indicar que se trata de uma situação permanente, inscrita, portanto, em uma temporalidade ilimitada, no percurso de migrantes/refugiados que empreendem travessias arriscadas.

Também no que diz respeito à categoria de tempo, a narrativa de Christiana possui características semelhantes à de Ali, uma vez que os diários de bordo se organizam a partir de datas específicas. Assim, para tratar dos acontecimentos passados, a enunciativa também emprega, na maior parte da narrativa, o subsistema temporal *enuncivo* relativo ao pretérito. Há, portanto, fatos narrados que possuem um momento de referência pontual no passado, como no seguinte enunciado: “Après le débarquement, je suis arrivée à Reggio Calabria, en Italie, le 8 août 2015” (“Após o desembarque, cheguei em Reggio Calabria, na Itália, no dia 8 de agosto de 2015”). Nessa frase, a forma verbal “cheguei” encontra-se no pretérito perfeito 2, cujo MR corresponde à data citada.

Observa-se, também, o relato de informações que possuem um aspecto durativo, como expresso no enunciado: “J’étais enceinte de huit mois, je savais que je prenais de gros risques, mais Joseph et moi avons quitté la côte libyenne pour sauver nos vies.” (“Eu estava grávida de oito meses, eu sabia que corria grandes riscos, mas Joseph e eu deixamos a costa líbia para salvar nossas vidas.”). Nesse caso, as formas verbais “estava”, “sabia” e “corria” correspondem ao pretérito imperfeito, e parecem atribuir um aspecto estático à situação narrada, o período da gravidez. Já a forma verbal “deixamos” remete a um acontecimento pontual, o momento da partida.

Por outro lado, ao contrário de Ali, são poucos os momentos em que Christiana emprega o tempo presente. De maneira geral, as poucas embreagens temporais enunciativas reforçam as marcas físicas e psicológicas deixadas pelos acontecimentos passados: “La cicatrice est encore

visible”; “Les marques de l’explosion sont toujours visibles sur mes seins, et la douleur toujours présente dans ma mémoire” (“A cicatriz é ainda visível”; “As marcas da explosão são ainda visíveis sobre meus seios, e a dor ainda presente em minha memória”).

A categoria de espaço, por sua vez, atua na construção da ambientação da narrativa. Assim, certas descrições, quando associadas ao tom dramático que Christiana assume ao tratar dos momentos dolorosos de sua trajetória, contribuem para a captação do enunciatário, como ocorre no seguinte trecho:

Nous étions à l’arrière d’un bus, serrés les uns contre les autres, luttant pour respirer dans une chaleur suffocante. Mais ce n’était rien comparé à la suite du voyage : trois jours de traversée du désert pour atteindre la Libye. Le deuxième jour, le véhicule s’est embourbé dans le sable, dans l’impossibilité de continuer. Tout le monde a dû descendre. Les hommes poussaient la voiture pendant que les autres marchaient pieds nus dans le sable brûlant comme la braise pendant quatre heures. Le vent, la chaleur et le sable ont meurtri chacune des parties de mon corps. Au milieu du désert, nous avons pris conscience qu’il était trop tard pour revenir en arrière. Mon mari Joseph pleurait sans arrêt. Autour de nous, il y avait des cadavres : des personnes qui n’avaient pas survécu.

(Nós estávamos na traseira de um ônibus, apertados uns contra os outros, lutando para respirar em um calor sufocante. Mas isso não era nada comparado à continuação da viagem: três dias de travessia do deserto para chegar à Líbia. No segundo dia, o veículo encalhou na areia, impossibilitado de continuar. Todo mundo precisou descer. Os homens empurravam o carro enquanto os outros caminhavam descalços na areia quente como brasa durante quatro horas. O vento, o calor e a areia feriram cada parte do meu corpo. No meio do deserto, nós nos demos conta de que era tarde demais para voltar. Meu marido Joseph chorava sem parar. Em torno de nós, havia cadáveres: pessoas que não tinham sobrevivido.)

A travessia do deserto fez com que os pés e os tornozelos de Christiana “inchassem como dois balões”, e, na falta de assistência adequada, um homem que possuía certos conhecimentos médicos fez incisões em sua pele para liberar o líquido retido. Podemos observar que a falta de acesso a cuidados médicos é um tema que se repete nas narrativas de Ali e Christiana. Além dessa situação, Christiana enfrentou outras circunstâncias em que precisou de auxílio. Na viagem de barco, por exemplo, grávida de oito meses e sem poder se mexer devido à grande quantidade de pessoas, Christiana feriu seu ventre que estava pressionado contra o *jeans* de um homem sentado à sua frente. Além disso, como os migrantes haviam sido proibidos de levar qualquer pertence, Christiana escondeu um celular em seu sutiã para usá-lo em caso de emergência e, então, devido ao calor e à umidade, a bateria do aparelho acabou explodindo, ferindo-a mais uma vez. Não bastasse isso, Christiana começou a sangrar, e imaginou que teria que dar à luz sem assistência médica no meio de uma embarcação em que a água subia, fazendo com que ela corresse o risco de morrer e/ou perder seu bebê. Tudo isso representa obstáculos –

e mais do que isso, provações – que o sujeito deve enfrentar para obter êxito e chegar ao “final feliz” (prova glorificante): o novo país que o acolherá.

De acordo com Christiana, havia mais oito mulheres grávidas no barco que carregava cerca de cem pessoas. Com isso, ela mostra que as condições enfrentadas por ela, não são meramente individuais, mas uma ilustração do que acontece com tantas outras pessoas em circunstâncias similares. Essa situação é também atestada pela organização MSF, que afirma ter auxiliado o parto de inúmeros bebês a bordo de seus navios de resgate⁹⁴. Segundo Fiorin (2017, p. 185), a ilustração é considerada um modo de organização da realidade. Assim, por meio das situações que se repetem entre as narrativas, é criada uma representação dos processos migratórios forçados de que tratamos aqui.

Exemplo disso são as condições precárias de transporte a que se submetem os sujeitos em deslocamento. Christiana conta que: “Le trajet entre Al-Quatrun et Tripoli, la capitale, a été le pire moment que j’ai vécu. J’étais à deux doigts de perdre mon mari” (“O trajeto entre Al-Quatrun e Tripoli, a capital, foi o pior momento que já vivi. Eu estava a dois passos de perder meu marido”), criando, assim, uma tensão (ou clímax) na narrativa. Durante esse trajeto, Christiana e os outros migrantes permaneceram deitados na parte traseira de um caminhão cobertos por lonas de plástico. Para tornar o veículo menos suspeito, foram colocadas cabras em cima das lonas. Debaixo delas, eles não podiam se mexer, e Joseph começou a se sufocar. Christiana conseguiu fazer um pequeno buraco no plástico para que ele pudesse respirar. Enquanto isso, ela permanecia aterrorizada com a ideia de perder seu marido: “S’il était mort au milieu de notre périple, qu’aurais-je fait ? En tant que femme seule, j’aurais été tellement vulnérable, une cible facile, exposée à être battue ou violée [...]. Comment aurais-je pu vivre sans lui ?” (“Se ele morresse no meio da nossa jornada, o que eu teria feito? Como mulher sozinha, eu teria ficado muito vulnerável, uma presa fácil, exposta a ser agredida ou violada [...] Como eu teria podido viver sem ele?”). Nesse trecho, as figuras *mulher sozinha*, *presa fácil*, *agredida* e *violada* encadeiam-se em torno do tema da violência contra as mulheres, uma das barbaridades denunciadas por esta e por outras narrativas que analisaremos.

Diante dessa série de acontecimentos, o medo, em diferentes graus de intensidade, é a paixão que parece modular, em maior ou menor grau, a narrativa, como mostram os seguintes trechos: “[...] j’avais peur de perdre mon bébé ou de mourir, sans témoin. Je me suis sentie abandonnée.”; “J’étais terrorisée de devoir accoucher sur cette embarcation, sans assistance médicale.”; “J’étais terrifiée que mon bébé n’ait pas survécu.”; “On dormait à l’extérieur, dans

⁹⁴ Informação disponível em: <http://searchandrescue.msf.org/>. Acesso em: 10/8/2020.

le désert, entourés de scorpions. Nous étions *terrifiés*.”; “Mes pieds se souviennent de l’horrible traversée du désert, de la *peur* de mourir, de la *peur* de la mer, de la *peur* de perdre mon mari.” (grifos nossos) (“[...] eu tinha medo de perder meu bebê ou de morrer, sem testemunha. Eu me senti abandonada”; “Eu estava aterrorizada com a ideia de ter que dar à luz nessa embarcação, sem assistência médica”; “Eu estava aterrorizada com a ideia de que meu bebê não havia sobrevivido.”; “A gente dormia no exterior, no deserto, cercados por escorpiões. Nós estávamos aterrorizados.”; “Meus pés se lembram da horrível travessia do deserto, do medo de morrer, do medo do mar, do medo de perder meu marido.”).

Com efeito, a narrativa apresenta percursos temático-figurativos que parecem justificar a recorrência desse sentimento. O tema da violência, que também atravessa a narrativa de Ali, perpassa todo o texto, encadeando figuras como: *combates, bombas, discriminação, guerra civil, atacadas, agredidas, ameaçada, insegurança*, entre outras. Outro tema que se repete nas narrativas é o da adversidade, encadeando figuras como: *sem água, sem comida, vida difícil, lutando para respirar, calor sufocante, temperaturas elevadas, dores, sofrimento, viagem extenuante, exausta*, entre outras. Diante desses percursos que revelam os perigos enfrentados pelos migrantes, o *páthos* do enunciatário é mobilizado. Logo, ele é levado a se solidarizar com a enunciativa quando confrontado com sua (da enunciativa) realidade.

Nesse cenário de perigos e ameaças, a Europa é representada como um objeto desejável que materializa um valor positivo, a segurança. Para Christiana, estar na Itália significa estar protegida: “[...] je suis protégée du sable brûlant, je suis protégée de ce qui se passe en Libye. Je suis protégée par l’Italie, mon pays d’accueil.” (“[...] estou protegida da areia ardente, estou protegida do que se passa na Líbia. Estou protegida pela Itália, meu país de acolhimento.”). Estando em segurança, a enunciativa, a exemplo de Ali, se vê capaz de sonhar com o futuro, de ter esperança graças a seus filhos, que representam a geração seguinte. Christiana afirma fazer tudo o que pode para oferecer um futuro melhor a seus filhos e reunir sua família (“Je fais tout ce que je peux pour leur offrir un meilleur avenir et pour enfin réunir ma famille.”). Nessa perspectiva, o fato de Christiana e Ali se verem separados de suas respectivas famílias aponta para uma situação recorrente no discurso (e na vida) de migrantes e refugiados.

Na próxima seção, analisaremos as narrativas de vida de outros migrantes que, assim como Christiana, foram resgatados no meio do Mar Mediterrâneo pela organização MSF.

3.2. Depoimentos a bordo no Mediterrâneo

De acordo com a organização MSF (2020)⁹⁵, o Mediterrâneo Central é a fronteira marítima mais mortal do mundo. Apesar disso, os governos europeus continuam fazendo “vista grossa” ao que se passa ao seu redor, deixando que centenas de pessoas permaneçam por dias no mar sem qualquer auxílio. É por esse motivo que a organização MSF afirma se comprometer a resgatar e a fornecer assistência humanitária às pessoas vulneráveis que enfrentam essa jornada, e uma das maneiras pelas quais as equipes de MSF se propõem a defendê-las é contando suas histórias.

As narrativas de vida que examinaremos nesta seção, foram coletadas durante uma das operações de busca e resgate realizada em águas internacionais próximas à Líbia, Malta e Itália, onde ocorre a maior parte dos “acidentes”. Desde 2015, 81.540 pessoas já foram resgatadas no mar por MSF (*Ibid.*). Entre as 332 pessoas resgatadas no dia 2 de setembro de 2015, foram narradas as histórias de Michael, Batu, Zachariah, Agnes e Salif, como veremos a seguir.

3.2.1. Michael

Life in Eritrea is sweet but our government is cruel, the laws are out of control. We have enough food, enough water and enough work but there are no rights, there is no democracy. The only solution is to leave and we can't ask for help from other governments, so we choose to go the dangerous way. We choose to put ourselves in the hands of God.

When I told my mother I was going to Libya to try to get to Europe, she begged me not to do it. She was afraid because many, many Eritrean people have died this way. Three years ago, my best friend died on his way to Europe and a few months ago my uncle tried but was taken by Daesh [Islamic State] and killed. But I couldn't listen to my mother, I knew the journey would be long and dangerous but there's no opportunity at home.

I first tried to leave in 2012 but I was caught and put in prison. I eventually made it to Ethiopia where there is democracy, but no work. I then went to Khartoum in Sudan and started my journey through the desert to Libya.

The Sahara is a very dangerous place, you see many dead people. Six of the people travelling with me died on the way to Ajdabiya. Ajdabiya is a hungry city and it is where we paid the smugglers. It was big money but my brother, who is in Israel, and my wife's sister, who is in Sweden, helped us.

The trip to Tripoli passed through many checkpoints and took eight days. We were terribly afraid. If Daesh finds you, they will kill you and if the police find you, they will rob you. In fact, in Libya, it seems like every man, big or small, has a gun. Once we made it to Tripoli, we lived in a big house with 700 other people divided into men and women and by nationality. At night we didn't sleep because we could hear gunshots and fighting outside -there is no peace in Libya.

After 12 nights in Tripoli we were put on a small rubber boat in the middle of the night. Then, they took us, group by group, to a bigger wood boat. I was with about 200 men in the hull of the boat, under the deck - water was coming in, it was very hot and the engine was making so much noise. The women, the children and three “drivers” were on top but they were people like us, not smugglers, not captains. We prayed and most girls cried, everyone begged God to allow us to survive.

After seven hours we found the MY Phoenix and we were saved. Now I want to go to Sweden. There it is nice and they know about Eritrea's problems and they will help us. My wife wants to go to Holland but we'll talk about that.

⁹⁵ Informações disponíveis em: <http://searchandrescue.msf.org/>. Acesso em: 29/8/2020.

Em sua narrativa, Michael, um jovem migrante, conta as razões que o levaram a deixar a Eritreia, país localizado no Chifre da África, para chegar até a Líbia na tentativa de fazer a travessia para a Europa. Seu relato, a exemplo das narrativas de Ali e Christiana, é centrado em seu percurso como migrante, focalizando os locais por onde passou e os obstáculos enfrentados em sua jornada.

Do ponto de vista da sintaxe narrativa, assim como nos demais relatos, temos, a princípio, um sujeito de estado que se encontra em conjunção com o Ov país de origem. A narrativa possui uma estrutura que permite a transformação de estados do sujeito com esse Ov, passando da conjunção para a disjunção com ele. No entanto, diferentemente do que se passa nos diários de bordo, o sujeito de estado não chega a entrar em conjunção com um Ov denominado país de destino (na Europa), tendo em vista que sua história é narrada em um “entre-lugares” (a embarcação de MSF).

Logo no início do texto, Michael reconhece que, embora seu país de origem possua certos atributos positivos como água e comida suficiente, lá, “there are no rights, there is no democracy” (“não há direitos, não há democracia”). Portanto, diante do autoritarismo do governo e da falta de controle das leis do país (“our government is cruel, the laws are out of control”), o sujeito considera que a única solução é partir. Identificamos, assim, um PN de manipulação em que a situação política do país assume o papel de destinador-manipulador na narrativa, transmitindo um *dever* e um *querer-fazer* ao destinatário-sujeito. Essa manipulação ocorre tanto por intimidação quanto por tentação, uma vez que permanecer na Eritreia implica ter que viver sob o comando de um governo autoritário, e deixá-la representa uma nova oportunidade de vida.

Michael afirma que, ao tomar essa decisão, sua mãe implorou para que ele não fosse para a Líbia: “She was afraid because many, many Eritrean people have died this way.” (“Ela teve medo porque muitos, muitos eritreus morreram dessa forma.”). Apesar disso, Michael decidiu prosseguir com sua jornada: “I knew the journey would be long and dangerous but there’s no opportunity at home.” (“Eu sabia que a jornada seria longa e perigosa, mas não há nenhuma oportunidade em casa.”). Nesse cenário, é importante observarmos que na narrativa há a presença de dois destinadores-manipuladores antagônicos, já que encarnam valores contrários: a situação política do país, destinador-manipulador maior que faz o sujeito partir, e a mãe, (anti)destinador-manipulador que implora, sem sucesso, ao sujeito que fique.

Ao pagar aos contrabandistas para poder chegar a Trípoli e atravessar o Mar Mediterrâneo, o sujeito adquire um *saber* e um *poder-fazer* (PN de competência): “It was big

money but my brother, who is in Israel, and my wife's sister, who is in Sweden, helped us.” (“Era muito dinheiro, mas meu irmão, que está em Israel, e a irmã da minha esposa, que está na Suécia, nos ajudaram.”). Assim, o sujeito de fazer realiza a performance de deslocamento, alterando o estado de junção do sujeito de estado com o Ov país de origem, principal transformação narrativa. É possível observar também, como nas duas narrativas já analisadas, outras transformações menores (programas de uso) que contribuem com o PN de base, como ilustra o seguinte enunciado: “I first tried to leave in 2012 but I was caught and put in prison. I eventually made it to Ethiopia where there is democracy, but no work. I then went to Khartoum in Sudan and started my journey through the desert to Libya.” (“Tentei sair pela primeira vez em 2012, mas fui apanhado e preso. Eventualmente, cheguei na Etiópia, onde há democracia, mas não há trabalho. Depois fui para Cartum, no Sudão, e comecei minha jornada pelo deserto para a Líbia.”). Percebemos que, no texto enunciado por Michael, a democracia aparece reiteradamente como um Ov desejável (modalizado pelo *querer-ser*).

Após passar doze noites em Trípoli em uma casa que abrigava outras 700 pessoas, separadas por gênero e nacionalidade, Michael relata que: “[...] we were put on a small rubber boat in the middle of the night. Then, they took us, group by group, to a bigger wood boat.” (“[...] fomos colocados em um pequeno barco de borracha no meio da noite. Então, eles nos levaram, grupo por grupo, para um barco maior de madeira.”). Devido às condições precárias do barco que os conduzia, assim como na história de Christiana, eles precisaram ser resgatados por uma embarcação de MSF (destinador-julgador, responsável pelo PN de sanção) – situação que se repete nas outras narrativas desse grupo.

No que concerne às projeções da enunciação no enunciado, diferentemente do que ocorre nas outras narrativas, no relato de Michael, nos deparamos a princípio com uma debreagem actancial enunciativa em que a pessoa que fala não corresponde a um “eu”, mas a um “nós”. Trata-se de uma pessoa amplificada, um *nós exclusivo* (*eu + eles*) que se refere ao povo eritreu: “We have enough food, enough water and enough work but there are no rights, there is no democracy.” (grifo nosso) (“Nós temos comida suficiente, água suficiente e trabalho suficiente, mas não há direitos, não há democracia.”).

A história do sujeito propriamente dita só vai começar no 2º parágrafo, quando, referindo-se à sua situação específica, ele assume a 1ª pessoa do singular: “When I told my mother I was going to Libya [...]” (Quando eu disse à minha mãe que eu estava indo para a Líbia [...]). Em outros momentos, o enunciator reemprega a 1ª pessoa do plural, também utilizando um *nós exclusivo* (*eu + eles*), mas para se referir a si mesmo junto aos outros

migrantes (não aos outros eritreus, como antes). Isso ocorre, por exemplo, em “we prayed” (“nós rezamos”) ou em “we lived in a big house with 700 other people” (“nós moramos em uma casa grande com outras 700 pessoas”).

Ainda em relação à categoria de pessoa, nota-se que o enunciador instaura repetidas vezes a segunda pessoa (você) por meio do mecanismo de embreagem actancial: “If Daesh finds *you*, they will kill *you* and if the police find *you*, they will rob *you*.” (grifos nossos). (“Se o Daesh te encontrar, eles vão te matar e se a polícia te encontrar, eles vão te roubar.”). O uso da segunda pessoa, nesse caso, cria uma aproximação entre enunciador e enunciatário. Além disso, sua associação ao sistema temporal enunciativo (com o emprego de formais verbais no futuro do presente), parece tornar o dizer mais crível para o enunciatário/leitor, como o de quem enuncia verdades absolutas. Ademais, quando o enunciador introduz esses elementos que fazem com que o enunciatário “entre” em seu relato, notamos a instauração de um tom narrativo que apresenta uma certa dramaticidade, o que corrobora a captação do leitor, como discutiremos mais adiante.

Em relação à projeção de tempo, em um primeiro momento, o enunciador, por meio de uma debreagem enunciativa, resgata o *antes*: a vida na Eritréia, mas presentificando-a e generalizando-a a todos os eritreus: “Life in Eritrea *is* sweet but our government *is* cruel [...] The only solution *is* to leave [...], so we *choose* to go the dangerous way. We *choose* to put ourselves in the hands of God.” (grifos nossos) (A vida na Eritréia é boa, mas nosso governo é cruel [...] A única solução é partir [...] então, escolhemos tomar o caminho perigoso. Escolhemos colocar-nos nas mãos de Deus.”). Em sua fala, é como se a vida na Eritréia fosse sempre agradável (sugerindo o uso omnitemporal do tempo presente), exceto no que diz respeito ao governo atual, o que remete a um presente durativo (maior que o momento de enunciação), que corresponde ao período de duração desse governo, quando não restaria ao sujeito outra opção senão ir embora.

Em outros momentos (que predominam na narrativa), o enunciador, para tratar dos acontecimentos que vivenciou na sua trajetória rumo à Europa, desde que tomou a decisão de partir, emprega as formas verbais do subsistema *enuncivo* do MR pretérito. Por exemplo, em “I first tried to leave in 2012 but I was caught and put in prison. I eventually made it to Ethiopia [...]. I then went to Khartoum in Sudan and started my journey through the desert to Libya” (“Tentei sair pela primeira vez em 2012, mas fui apanhado e preso. Eventualmente, cheguei na Etiópia [...]. Depois fui para Cartum, no Sudão, e comecei minha jornada pelo deserto para a Líbia”), há uma série de acontecimentos sucessivos que remetem a um marco temporal pretérito

(a partir de 2012). Temos, pois, o uso do *Simple Past* (tempo *enuncivo*, com valor de algo pontual e acabado em “tentei”, “fui”, “cheguei”, “comecei” = pretérito perfeito 2).

Já na descrição da travessia, ao dizer: “I was with about 200 men in the hull of the boat, under the deck – water was coming in, it was very hot and the engine was making so much noise” (“Eu estava com uns 200 homens no casco do barco, debaixo do convés – entrava (ou estava entrando) água, fazia muito calor e o motor fazia (ou estava fazendo) muito barulho”), Michael toma como momento de referência aquele em que se encontrava no barco, sendo o acontecimento marcado por verbos também no passado, mas agora com valor durativo, inacabado, indicando simultaneidade (= pretérito imperfeito): “estava”, “entrava”, “fazia”.⁹⁶

Nessa narrativa, o sistema temporal enunciativo é também marcado ao longo do texto para abordar o passado com o emprego de expressões como “três anos atrás” ou “alguns meses atrás”, que se ancoram no momento da enunciação.

Algo que chama a atenção no relato em foco é que, ao descrever os locais por onde passou, o enunciador, a exemplo de quando fala da vida na Eritreia (1º parágrafo), instaura o presente (debreagem enunciativa), criando um efeito de realidade na ambientação de sua história. Isso se repete em diferentes momentos: “The Sahara *is* a very dangerous place, you *see* many dead people”; “Ajdabiya *is* a hungry city”; “In fact, in Libya, it *seems* like every man, big or small, *has* a gun [...] there *is* no peace in Libya” (grifos nossos) (O Saara é um lugar muito perigoso, você vê muitas pessoas mortas”; “Ajdabiya é uma cidade faminta”; “De fato, na Líbia parece que todo homem, grande ou pequeno tem uma arma [...]. Não há paz na Líbia”). Esses enunciados, que se encontram no presente, são seguidos de enunciados que voltam ao passado do enunciador, adicionando informações sobre sua história que corroboram a imagem criada acerca dos espaços descritos, como, por exemplo, em: “Six of the people travelling with me *died* on the way to Ajdabiya.” (grifos nossos) (“Seis entre as pessoas que viajavam comigo morreram no caminho para Ajdabiya.”).

Observamos que, no que diz respeito ao espaço, o enunciador se refere à Eritreia e aos outros lugares por onde passa como um “lá”, uma vez que seu “aqui” compreende a embarcação de MSF em que ele se encontra. Portanto, mesmo que ele em determinados momentos utilize debreagens enunciativas de pessoa e de tempo, a debreagem espacial se mantém *enunciva*.

Embora Michael nomeie o que estava sentindo em apenas um momento da narrativa (“We were terribly afraid”) (“Nós estávamos terrivelmente assustados”), durante todo o texto,

⁹⁶ O tempo verbal que aparece em (water) *was coming in*, (the engine) *was making* é o Past Continuous, utilizado para se referir a uma ação ou um estado contínuo que estava em curso em algum ponto do passado. Disponível em: <https://www.grammarly.com/blog/past-continuous-tense>. Acesso em: 06/01/2021.

sua maneira particular de descrever espaços e acontecimentos mostra-se capaz de suscitar “paixões” no enunciatário, que se vê mais próximo do seu mundo e mais perto de compreender tudo o que ele viveu. Em determinados momentos, podemos notar que seu relato adota até mesmo um tom mais literário para descrever o que se passa: “At night, we didn’t sleep because we could hear gunshots and fighting outside – there is no peace in Libya.” (“À noite, não dormíamos porque podíamos ouvir tiros e combates do lado de fora – não há paz na Líbia.”). De qualquer forma, o medo parece ser um sentimento inerente ao percurso do migrante/refugiado.

Por outro lado, há momentos em que a narração parece ser isenta de subjetividade, certos sentimentos são silenciados diante de acontecimentos que, apesar de trágicos, já não causam surpresa ao enunciatário. Trata-se de uma “escrita branca” (RANCIÈRE, 2001), o que ocorre, por exemplo, quando Michael fala sobre as pessoas da Eritreia que morreram tentando chegar na Europa, incluindo seu melhor amigo e seu tio: “Three years ago, my best friend died on his way to Europe and a few months ago my uncle tried but was taken by Daesh [Islamic State] and killed”. (“Três anos atrás, meu melhor amigo morreu a caminho da Europa e há alguns meses meu tio tentou, mas foi levado pelo Daesh [Estado Islâmico] e assassinado.”).

Com efeito, a relação do enunciatário com a Eritreia é figurativizada no nível discursivo por meio de dois percursos antitéticos: no primeiro, o enunciatário retrata seu país de origem de forma positiva, encadeando as figuras (vida) *boa, comida suficiente, água suficiente, trabalho suficiente*; enquanto, no segundo, ele o representa negativamente, o que vem introduzido pelo operador argumentativo de contrajunção *mas (but)* – encadeando as figuras: *governo cruel, leis fora de controle, sem direitos, sem democracia, problemas*.

Face à representação negativa do Ov país de origem, assim como nas outras narrativas, a Europa também aparece como um Ov desejável. Contudo, Michael apresenta um interesse particular pela Suécia: “Now I want to go to Sweden. There it is nice and they know about Eritrea’s problems and they will help us.” (“Agora, eu quero ir para a Suécia. Lá é bom e eles sabem dos problemas da Eritreia e vão nos ajudar.”). No enunciado, Michael parece apresentar uma visão idealizada sobre a realidade dos imigrantes que chegam aos países europeus. Movido pela esperança de um futuro melhor (ou pela falta de opções), ele parece ignorar as políticas migratórias restritivas da União Europeia e a representação negativa sustentada em torno dos imigrantes africanos.

3.2.2. Batu

I am married to a Lebanese man that I met in Sierra Leone after my first husband, with whom I had two boys, died 12 years ago. We had three more children together and at first, we had money but in 2012 we started struggling. So we went back to his family in Lebanon.

They didn't like me. My father in law, my mother in law, his brothers and his sister all disliked me. They said that their son must not marry a black woman. When I gave birth to my children, they were darker than the Lebanese people, so his family hit me. We suffered a lot and even eating was a problem because my husband didn't have a job.

Eventually they sent me back to Sierra Leone and allowed me to take only the youngest of my children with me, two year old Mohammed. I had no choice but to take him and leave the others behind.

Back in Kailahun, one of my friends told me his sister was in Libya and that I should go meet her. They gave me the number of a driver and soon I had borrowed enough money for the trip. The travel was difficult, we had very little food and the people along the way really harassed us. The men asked us to have sex with them, they did that to me many times. When they see you have a baby they ask you if you're married and sometimes they leave you in peace. But the single girls ... they do whatever they want to them and beat them if they refuse.

Once in Libya, I went to Tripoli but I had no money and I needed to find a job. I found a man who needed care and a housekeeper and I worked for him but for a black person it is not easy to live in Libya. If they see you in the streets they take everything from you, sometimes they beat you, kidnap you and even kill you. In the nights they shoot, shoot, shoot. People break into your house, take your money and all you have. They say that this is their country's money and we have no right to have it. That's why black people stick together, it is safer that way.

I had planned to stay in Libya but the conditions were so bad that after a month, I decided to go to Europe. The smugglers asked me for 1,200 dinars for the crossing, which is around 600 dollars, and took me to a place in the naked sun. One night they came to us and took us to the boat but the boat was made of rubber. We thought we would be rescued in an hour or two but after many hours the boat started losing air, everybody prayed and cried. Nobody thought that we would have survived but we continued praying. After a while we saw a helicopter, then we saw a plane and finally we saw a ship and were rescued.

In the future I want to go back to my children. I don't know anyone in Europe. I have my sons Seita and Husman in Sierra Leone and Jad and Aloushe in Lebanon.

O texto é narrado por Batu, uma mulher originária de Serra Leoa, país da África Ocidental. Em sua narrativa, Batu conta os motivos pelos quais ela foi levada a se deslocar, mais de uma vez, apresentando seu ponto de vista de mulher, negra e migrante. Para examinar sua jornada, seguiremos o esquema narrativo canônico dividido em três partes: a primeira tratará da viagem de Batu até o Líbano, a segunda será dedicada a seu trajeto para a Líbia, e a terceira ao seu percurso até a Europa.

A primeira alteração de estados da narrativa – quando o sujeito entra em disjunção com o país de origem – ocorre quando Batu, acompanhada do marido e dos filhos, deixa a Serra Leoa para viver no Líbano, onde se encontrava a família de seu marido: “at first, we had money but in 2012 we started struggling” (“primeiramente, nós tínhamos dinheiro, mas em 2012 começamos a ter dificuldade”). Na sequência narrativa, a dificuldade financeira assume o papel de destinador-manipulador ao transmitir ao destinatário-sujeito um *querer* e um *dever-fazer*. A manipulação ocorre tanto por intimidação quanto por tentação, uma vez que permanecer na Serra Leoa representaria um risco para a sobrevivência da família, e ir ao encontro dos parentes do marido poderia ajudá-los financeiramente.

O PN de competência é pressuposto pelo PN de performance realizado pelo sujeito de fazer: “So we went back to his family in Lebanon” (“Então voltamos para a família dele no Líbano”). No entanto, ao realizar a performance, o sujeito é sancionado negativamente pela família que assume o papel de destinador-julgador: “They didn’t like me. My father in law, my mother in law, his brothers and his sister all disliked me.” (“Eles não gostavam de mim. Meu sogro, minha sogra, seus [do marido] irmãos e irmãs não gostavam de mim.”). Batu é vítima de racismo da parte de seus cunhados e sogros para quem “their son must not marry a black woman” (“o filho deles não deveria se casar com uma mulher negra”). O sujeito sofre, também, duas sanções pragmáticas (realizadas por um destinador-julgador que se vê no direito de punir a por ser negra): após dar à luz crianças com a pele mais escura que a dos libaneses, Batu é agredida e mandada de volta para Serra Leoa: “Eventually they sent me back to Sierra Leone and allowed me to take only the youngest of my children with me, two year old Mohammed. I had no choice but to take him and leave the others behind.” (Eventualmente, eles me mandaram de volta para Serra Leoa e permitiram que eu levasse apenas o mais novo dos meus filhos, Mohammed, de dois anos. Eu não tive escolha a não ser pegá-lo e deixar os outros para trás.”).

Após retornar a seu país de origem, Batu decide se mudar para a Líbia na tentativa de recomeçar, e assim, um novo esquema narrativo é iniciado. Em um PN de manipulação, um de seus amigos assume o papel de destinador-manipulador ao transmitir ao sujeito um *querer-fazer*: “Back in Kailahun, one of my friends told me his sister was in Libya and that I should go meet her.” (“De volta a Kailahun, um dos meus amigos me disse que sua irmã estava na Líbia e que eu deveria ir encontrá-la.”). Em seguida, em um PN de competência, o sujeito adquire um *saber* e um *poder-fazer*: “They gave me the number of a driver and soon I had borrowed enough money for the trip.” (“Eles me deram o número de um motorista e logo eu tinha pegado emprestado dinheiro suficiente para a viagem.”). Logo, o sujeito realiza a difícil performance de deslocamento: “The travel was difficult, we had very little food and the people along the way really harassed us” (“A viagem foi difícil, tínhamos muito pouca comida e as pessoas ao longo do caminho realmente nos assediavam”). Como é possível constatar, o vocábulo “difícil” (e similares), convocado pelos quatro enunciadores dos relatos analisados até agora (e também nas duas outras narrativas que seguem, como se verá), assume um grande protagonismo nas narrativas de vida de migrantes e refugiados, tornando-se uma espécie de palavra-chave – ou um “ponto de cristalização semântica”, como diria Maingueneau (2005).

Após passar um tempo na Líbia, a realidade encontrada no país levou Batu a tomar a decisão de se mudar novamente, o que nos leva à terceira sequência canônica: “I had planned

to stay in Libya but the conditions were so bad that after a month, I decided to go to Europe” (“Eu tinha planejado ficar na Líbia, mas as condições eram tão ruins que depois de um mês, decidi ir para a Europa”). Nesse caso, as terríveis condições do país (destinador-manipulador) transmitem ao sujeito um *dever-fazer*. Trata-se, portanto, de uma manipulação por intimidação. Em seguida, o sujeito adquire a competência necessária para realizar a performance de deslocamento ao pagar pela travessia de barco, o que reconvoca a figura do “atravessador”, presença constante nas narrativas examinadas: “The smugglers asked me for 1,200 dinars for the crossing, which is around 600 dollars, and took me to a place in the naked sun” (“Os contrabandistas me pediram 1.200 dinares para a travessia, o que dá em torno de 600 dólares, e me levaram para um lugar ao sol aberto”)

Como ocorre nas outras narrativas desse grupo, a performance de deslocamento (a perigosa travessia de barco) é reconhecida pela organização MSF que os resgata no Mar Mediterrâneo: “After a while we saw a helicopter, then we saw a plane and finally we saw a ship and were rescued” (“Depois de um tempo vimos um helicóptero, então vimos um avião e finalmente vimos um navio e fomos resgatados”). Concluimos, assim, o exame da sintaxe narrativa do texto em questão.

Do ponto de vista da sintaxe discursiva, e, mais especificamente, das categorias de pessoa, tempo e espaço, inicialmente, já nos deparamos com uma debreagem enunciativa de pessoa e de tempo, e um debreagem *enunciva* de espaço. Isto é, temos um “eu” que fala no “agora” sobre um “lá”: “*I am married to a Lebanese man that I met in Sierra Leone after my first husband, with whom I had two boys, died 12 years ago.*” (grifos nossos) (“Sou casada com um libanês que conheci em Serra Leoa depois que o meu primeiro marido, com quem tive dois filhos, morreu há 12 anos.”). No entanto, quase todo o texto é dedicado aos acontecimentos do passado, predominando, portanto, na narrativa, os tempos *enuncivos*.

Em relação à categoria de pessoa, além da presença predominante de um “eu” que (se) conta ao outro, o que é próprio do gênero “narrativa de vida”, a enunciadora também instaura, por vezes, uma pessoa amplificada (nós), cujo referente varia ao longo do texto. No início da narrativa, enquanto trata de um período em que ela ainda contava com a presença do marido, é instaurado um *nós exclusivo* que compreende *eu + ele* (Batu e seu marido): “We had three more children together” (“Nós tivemos mais três filhos juntos”). Depois, para se referir ao grupo de migrantes com quem viajava, o “nós” passa a se referir a *eu + eles*: “Nobody thought that we would have survived” (“Ninguém pensou que teríamos sobrevivido”).

Observamos que, ao tratar do tema da violência contra as mulheres, a enunciativa instaura um “nós” se refere a *eu + elas* (Batu e as outras mulheres migrantes). Como é relatado em outras narrativas, o trajeto para a Líbia contém grandes perigos. Batu, como mulher, destaca que: “The men asked us to have sex with them, they did that to me many times. When they see you have a baby they ask you if you’re married and sometimes they leave you in peace. But the single girls... they do whatever they want to them and beat them if they refuse.” (“Os homens nos pediam para fazer sexo com eles, eles fizeram isso comigo muitas vezes. Quando eles veem que você tem um bebê, perguntam se você é casada e às vezes a deixam em paz. Mas as moças solteiras... eles fazem o que querem com elas e batem nelas se elas recusam.”) (grifos nossos).

Ao abordar esse tema, em um primeiro momento, a enunciativa instaura, como mencionamos, a primeira pessoa do plural que, nesse caso, faz referência a Batu e às outras mulheres migrantes (*eu + elas*): “The men asked *us* (...)” (grifo nosso). Em seguida, a primeira pessoa do singular é marcada no enunciado “(...) they did that to *me* many times” (grifo nosso), criando um tom mais pessoal em relação ao que é narrado. Porém, logo depois, o “eu” que fala é apagado do enunciado e substituído por um “você”, por meio do mecanismo de embreagem actancial: “When they see *you* have a baby they ask *you* if *you*’re married and sometimes they leave *you* in peace.” (grifos nossos). Assim, embora a enunciativa se enquadre entre as mulheres que possuem um bebê e são casadas, ela opta por evocar o enunciatário em seu lugar, seja para ganhar sua adesão, seja para distanciar-se de uma situação difícil de ser narrada.

A expressão adverbial *às vezes* (*sometimes*), inscrita no último enunciado citado, mostra que ser casada e estar com filhos não garante nenhum tipo de respeito. Porém, o pior é reservado às mulheres solteiras, que são violentadas e espancadas, caso se recusem a fazer sexo. Trata-se de uma estranha sanção negativa, já que não há propriamente uma performance: elas são punidas pelo simples fato de serem mulheres. O mesmo ocorre quando a enunciativa aborda a temática do racismo, primeiro, como vimos, em relação às atitudes da família de seu marido, e, depois, ao se referir à sua experiência na Líbia: “for a black person it is not easy to live in Libya” (“para uma pessoa negra não é fácil viver na Líbia”).

Batu relata que: “If they see you in the streets they take everything from you, sometimes they beat you, kidnap you and even kill you. In the nights they shoot, shoot, shoot. People break into your house, take your money and all you have” (“Se te veem na rua, tiram tudo de você, às vezes te batem, te sequestram e até te matam. À noite, eles atiram, atiram, atiram. Pessoas invadem sua casa, pegam seu dinheiro e tudo o que você tem”).

Nesse ponto da narrativa, a enunciativa também substitui repetidamente o “nós” pelo “você”, aproximando o enunciatário da realidade experimentada pelos migrantes negros que vivem na Líbia. Porém, logo em seguida, marca a presença de um *nós exclusivo* (*eu + outros migrantes negros*) em sua fala: “They say that this is their country’s money and *we* have no right to have it. That’s why black people stick together, it is safer that way” (grifo nosso) (“Eles dizem que é o dinheiro do país deles e que não temos direito de tê-lo. É por isso que as pessoas negras ficam juntas, é o modo mais seguro”). Reafirmando, pois, sua identidade como imigrante negra diante do *outro* e seu discurso xenófobo.

Em relação à categoria de tempo, percebe-se que os tempos verbais enunciativos do subsistema temporal relativo ao MR pretérito são predominantes na narrativa, como já se espera de um texto que descreve situações passadas. Ao mencionar o tempo que viveu no Lóvão, por exemplo, Batu relata que: “We suffered a lot and even eating was a problem because my husband didn’t have a job.” (“Nós sofriamos muito e até comer era um problema porque meu marido não tinha emprego.”). Nesse caso, as formas verbais “sofriamos”, “era” e “tinha”, no *Simple Past* (com valor de pretérito imperfeito) remetem à duratividade da situação enfrentada por Batu e sua família.

Por outro lado, ao tratar dos temas da violência contra as mulheres e contra os migrantes negros, a enunciativa utiliza o tempo presente (debreagem enunciativa), como ilustram as frases citadas anteriormente: “eles *fazem* o que querem com elas”; “para uma pessoa negra não é fácil viver na Líbia” (grifos nossos). Nesses enunciados, o uso do presente omnitemporal sugere que essas situações tratam de circunstâncias permanentes ligadas à realidade de grupos minoritários que enfrentam a mencionada jornada em busca de sobrevivência e melhores condições de vida.

A categoria de espaço não é tão explorada nessa narrativa quanto nas outras examinadas até aqui. Em seu relato, Batu privilegia a descrição das ações em detrimento dos locais por onde passa. De todo modo, ao descrever sua travessia para a Europa pelo Mar Mediterrâneo, a enunciativa utiliza um tom que poderiam despertar certos “estados de alma” no enunciatário, como compaixão e empatia, o que o levaria a aliar-se à voz que narra aspectos sensíveis de sua história.

Exemplo disso é o fato de que, ao mencionar como seria transportada, Batu não parecia saber, de antemão, que a travessia se daria em um barco de borracha: “One night they came to us and took us to the boat but the boat was made of rubber.” (“Uma noite eles vieram até nós e nos levaram para o barco, mas o barco era feito de borracha.”). Desse modo, ao abordar a paixão

do medo (que não é nomeado, como nas outras narrativas, mas descrito de forma bastante realista), durante a perigosa viagem, a enunciativa, por meio da dramatização da palavra, leva seu enunciatário a se solidarizar com a situação vivenciada por ela e pelos outros migrantes a bordo do barco: “after many hours the boat started losing air, everybody prayed and cried. Nobody thought that we would have survived but we continued praying”) (“depois de muitas horas, o barco começou a perder ar, todo mundo rezava e chorava. Ninguém pensou que teríamos sobrevivido, mas continuamos rezando”).

Na narrativa de Batu, o percurso temático-figurativo que parece encaminhá-la ao momento da travessia é também construído em torno da violência, que encadeia figuras como: *bater, matar, atirar (em), sequestrar, matar, invadir (a casa), roubar* (levar seu dinheiro e tudo o que você tem). No caso de Batu, ela destaca ainda a violência cometida contra negros e, especialmente, contra mulheres, grupos nos quais ela se reconhece. Assim, no percurso temático-figurativo da violência contra a mulher (que integra o percurso anterior, mais amplo), encadeiam-se figuras como *assedada, fazer sexo com, fazer o que eles querem, bater* (nelas). Fica evidente, dessa forma, que o tema da violência – seja de maneira generalizada ou voltada a grupos específicos – é o que mais se repete no discurso dos migrantes/refugiados de que tratamos aqui.

Diante disso, embora o valor de segurança inscrito na Europa apareça como um *Ov* desejável (modalizado pelo *querer-ser*), no final de sua narrativa, Batu afirma que: “In the future I want to go back to my children. I don’t know anyone in Europe. I have my sons Seita and Husman in Sierra Leone and Jad and Aloushe in Lebanon.” (“No futuro quero voltar para meus filhos. Não conheço ninguém na Europa. Tenho meus filhos Seita e Husman em Serra Leoa e Jad e Aloushe no Líbano.”). Isso indica que, embora Batu decida ir para a Europa em busca de melhores condições de vida, seu percurso não se resume a uma migração voluntária ou meramente econômica (como é comumente representado), mas, sim, da única alternativa encontrada por ela para escapar da violência sofrida nos países em que viveu. Indica também, que o desejo de retorno para reencontrar a família (ou parte dela) é uma constante no “horizonte de expectativas” do migrante/refugiado.

3.2.3. Zachariah

My parents were forced from Palestine in 1947 and moved to Syr in Lebanon. I fled from there to Benghazi in Libya in 1994. I worked as a carpenter for over 20 years. But now Libya is in bad condition and I also have some physical problems. I can't find medical help and I can't work anymore.

Before Libya was very good but now, in Benghazi there are a lot of problems. There are many people with guns and many militias in Libya who all fight against each other and us small guys, Bangladeshis, Pakistanis, Palestinians, Ghanaians and other Africans are caught in the middle.

They come at you and ask how much money you have and take it all. They shoot you, they burn you, they slap you. They abuse your body and very violent. If you have a daughter and they see her in the road, and they like her, they will come at night and rape her in front of you. There are thieves everywhere – they took my car, my money, my documents but there's nothing you can do. There's no police, no army and there are no rules at all. Nobody can help you. The worst is in the streets, especially in the evening, from 6 pm onwards, if you work late you meet a lot of bad people on the way back home. You never know what they will do.

One year ago, I made the decision to take my family to Europe but being Palestinians, we had document problems and it was impossible to leave. Those of us, who have come, have come this way because we have no other option. The rest of my family is still in Benghazi, but there was not enough money for all of us to leave.

When I first got into the boat I thought I would die. But I thought, look, if God decides that I will die at sea, I will die at sea. Now, I want to go to Sweden or to Norway.

O texto é narrado por Zachariah, um homem de 60 anos nascido na Palestina, que fica no Oriente Médio (Ásia). Ele conta que seus pais foram expulsos da região e se deslocaram para o Líbano, de onde, mais tarde, ele partiu para viver na Líbia. Após passar muitos anos no país e assistir à sua transformação de estados (disjunção com a paz e conjunção com a guerra), ele decide tentar a travessia para a Europa junto à sua família.

O esquema narrativo canônico é pouco explorado na narrativa de Zachariah, que prefere empreender uma minuciosa descrição dos problemas – sobretudo de violência (tema recorrente nos relatos, como já observamos) – que assolam a Líbia atual e que podem ser tomados como valores negativos inscritos nesse Ov, com o qual o sujeito estava em conjunção antes de partir para a Europa.

Diz ele: “When I first got into the boat I thought I would die. But I thought, look, if God decides that I will die at sea, I will die at sea.” (“A primeira vez que entrei no barco, pensei que ia morrer. Mas eu pensei, olha, se Deus decidir que eu vou morrer no mar, eu vou morrer no mar.”). Nesse pequeno trecho final, a ação do sujeito de fazer (a performance do deslocamento) é rapidamente mencionada. Nela, revela-se o medo (“pensei que ia morrer”), que, assim como na narrativa de Batu, não é nomeado e que se resolve, de certa forma, pela fê numa instância maior que responde pelo destino do sujeito e que gera, inclusive, uma certa resignação (“...se Deus decidir que eu vou morrer no mar, eu vou morrer no mar”). Tendo sido, ao que tudo indica, resgatado como os demais sujeitos deste grupo, Zachariah volta ao presente para enunciar seu desejo de ir para a Suécia ou para a Noruega, reafirmando, assim, a figura da Europa – aqui representada pelos dois países citados – como um Ov desejável.

Na narrativa, há um “eu” que fala, isto é, uma debreagem enunciativa actancial: “*I fled from there*” (grifo nosso) (“Eu fugi dali”). No que diz respeito à categoria de tempo, diferentemente do que ocorre nos outros relatos, o texto de Zachariah se volta, sobretudo, para o presente (debreagem enunciativa de tempo), visto que ele se empenha em descrever a situação atual da Líbia, país onde viveu grande parte de sua vida: “*But now Libya is in bad condition [...] in Benghazi there are a lot of problems.*” (grifos nossos) (“Mas agora a Líbia está em más condições [...] in Benghazi há muitos problemas”).

Ainda no que se refere à categoria do tempo, quando fala, mais especificamente, da sua história, Zachariah utiliza tempos do sistema enuncivo (pretérito), como no 1º parágrafo do texto: “*My parents were forced from Palestine in 1947 and moved to Syr in Lebanon. I fled from there to Benghazi in Libya in 1994. I worked as a carpenter for over 20 years.*” (grifos nossos) (“Meus pais foram forçados a sair da Palestina em 1974 e se mudaram para Syr, no Líbano. Eu fugi de lá para Behghazi na Líbia em 1994. Eu trabalhei como carpinteiro por mais de 20 anos.”). Trata-se do *Simple Past*, utilizado, nesse caso, como pretérito perfeito 2. Já em relação à categoria do espaço, observamos a presença prioritária de uma debreagem *enunciva*. O texto é dedicado a um “lá”, mais especificamente, à Líbia, país de onde partiu o enunciador.

Com efeito, como mencionamos, a maior parte da narrativa se volta para o que se passa na Líbia atual. Constatamos, mais uma vez, a construção de um percurso temático-figurativo da violência, tanto em seu caráter geral quanto no que se refere especificamente à mulher (mas agora sob o ponto de vista de um homem): encadeiam-se figuras, que chamam umas às outras, como *armas, milícias, luta, atirar (em), queimar, bater, abusar, estuprar*. Ao mesmo tempo, os termos que poderiam compor um percurso temático-figurativo de segurança, aparecem negados, reforçando o percurso da violência: “*There’s no police, no army and there are no rules at all. Nobody can help you.*” (grifos nossos) (“Não há polícia, nem exército e não há regras em absoluto. Ninguém pode te ajudar.”).

Para tratar dessa questão, o enunciador insere seu enunciatário no discurso por meio do mecanismo de embreagem actancial. No lugar de “nós” (*eu + eles*, migrantes que vivem na Líbia), é instaurado um “você” (*you*), que se repete onze vezes durante o texto. Isso se dá, por exemplo, no trecho já citado: *They come at you and ask how much money you have and take it all. They shoot you, they burn you, they slap you. They abuse your body and very violent.*” (grifos nossos) (“Eles chegam até você e perguntam quanto dinheiro você tem e levam tudo. Eles atiram em você, queimam você, batem em você. Eles abusam do seu corpo e de forma violenta.”). Como ocorre em outros textos, essa embreagem actancial tem como efeito de

sentido a aproximação com o enunciatório, que é levado a se colocar no lugar do outro diante de uma situação trágica. Trata-se, além disso, da instauração, pelo uso do presente, de uma situação generalizada e constante, que é particularizada em seguida, pelo uso do *Simple Past* (com valor de pretérito perfeito 1, tempo enunciativo, de anterioridade em relação ao momento de referência presente): “There are thieves everywhere – they took my car, my money, my documents but there’s nothing you can do.” (“Há ladrões em toda parte – eles levaram meu carro, meu dinheiro, meus documentos, mas não há nada que você possa fazer.”). Embora o enunciado seja iniciado no presente, o enunciador evoca algo pontual que ocorreu com ele no passado, inserindo-se brevemente no texto – o que traz uma certa subjetividade para a narrativa, ou seja, a de que ele viveu “na pele” o que relata – mas logo ele retoma a embreagem actancial, ao dizer que “não há nada que *você* possa fazer” (grifo nosso).

Ainda no que diz respeito à categoria de pessoa, o enunciador aponta para sua condição de migrante por meio dela em dois momentos. No primeiro, afirma: “There are many people with guns and many militias in Libya who all fight against each other and *us* small guys, Bangladeshis, Pakistanis, Palestinians, Ghanaians and other Africans are caught in the middle” (grifo nosso) (“Há muitas pessoas armadas e muitas milícias na Líbia que lutam entre si e nós, os pequenos, Bengaleses, Paquistaneses, Palestinos, Ganenses e outros africanos somos pegos no meio”).

Nesse enunciado, há uma debreagem actancial enunciativa que instaura um *nós exclusivo* (*eu + eles*, os migrantes das nacionalidades citadas), indicando que esses sujeitos são vítimas dos conflitos criados entre as milícias líbias em função do país de onde vieram. Em um segundo momento, Zachariah afirma que: “Those of *us*, who have come, have come this way because we have no other option” (grifo nosso) (“Aqueles de nós que vieram, vieram até aqui porque não temos outra opção”. Nesse caso, o “nós” que representa os migrantes não se refere somente àqueles que possuem as nacionalidades citadas acima, mas a todos que decidem enfrentar essa jornada em um barco de borracha que pode conduzi-los potencialmente à morte.

Essa declaração demonstra que, de maneira geral, os migrantes que se deslocam para a Europa são manipulados primordialmente por um *dever-fazer*, ao contrário do que muitas vezes se considera. Com isso, reafirma-se que, para os migrantes/refugiados, partir costuma ser a única alternativa viável, uma opção sem opção, embora eles tenham consciência dos muitos perigos e obstáculos que os aguardam no trajeto.

3.2.4. Agnes

I left Eritrea four years ago with my husband. My husband was made to serve in the army, and he couldn't provide for us. If he left the army, he'd be put in jail. Many people go to jail for no reason in Eritrea.

When we left we went to Sudan. We spent three years going from place to place, looking for work and trying to make enough money to come to Europe. Finally we made a bit of money, but it wasn't enough for all of us, so I left with my daughter. My husband couldn't come with us.

Crossing the desert between Sudan and Libya was very difficult. It took seven days, non-stop, in an overcrowded car.

After crossing the border, we moved from one town to the next until we arrived in Tripoli. We travelled in containers, like animals or objects. It was very dark and hot in the containers. Many people fainted because of the heat, and some died.

Libya is a very dangerous place. There are a lot of armed people. Some of them are Daesh. They kill a lot of people and carry out a lot of kidnappings.

When we arrived in Tripoli they put us in a house with 600 to 700 other people and locked us in. We had no water to wash ourselves, we had very little food and we were forced to sleep one upon the other. It was very difficult for my daughter – she fell sick many times.

There was a lot of violence. I was beaten with bare hands, with sticks, with guns. If you move, they beat you. If you talk, they beat you. We spent two months like that, being beaten every day.

They asked us to pay to go to Europe, so I paid US\$1,700 for me and my daughter. We were lucky because women and children were put on the deck of the boat. The people below were in the dark and it was really hot down there. I could hear some of them saying they couldn't breathe.

I knew that the journey would be very dangerous and difficult, especially for my daughter. But what was the alternative? We could not survive in Eritrea or Sudan. Our government does not allow people to leave. With our documents in Eritrea, there was no other way for us to get to Europe.

Em sua narrativa, Agnes, uma mulher nascida na Eritreia, conta como foi sua jornada para chegar até a Europa junto com a sua filha. Mais uma vez, o “eu” que narra oferece a seu enunciatário/leitor sua visão em torno de um percurso migratório difícil e perigoso, representado como a única solução possível para sua sobrevivência.

O texto é iniciado com uma referência à primeira performance de deslocamento realizada pelo sujeito, o momento em que Agnes deixou a Eritreia. A enunciadora explica: “My husband was made to serve in the army, and he couldn't provide for us. If he left the army, he'd be put in jail” (“Meu marido foi obrigado a servir no exército e não podia nos sustentar. Se ele deixasse o exército, ele seria colocado na prisão”). Do ponto de vista da sequência canônica, temos, então, um destinador-manipulador (situação econômica) que transmite um *dever-fazer* ao sujeito-destinatário. Trata-se de uma manipulação por intimidação, uma vez que o sujeito parece não ter outra opção (se o marido de Agnes deixasse o exército para poder procurar um emprego e ser capaz de sustentá-los, ele seria preso e Agnes permaneceria sem meios para cuidar de sua família).

Para realizar a transformação de estados maior (entrar em conjunção com o Ov Europa), primeiro, o sujeito de fazer realiza uma performance menor (programa de uso): Agnes se muda para o Sudão com sua família. Lá, adquire a competência necessária para realizar uma nova performance de deslocamento (chegar à Líbia para, de lá, partir rumo à Europa, ainda que não

da forma desejada: “We spent three years going from place to place, looking for work and trying to make enough money to come to Europe. Finally we made a bit of money, but it wasn’t enough for all of us, so I left with my daughter.” (“Passamos três anos indo de um lugar para outro, procurando trabalho e tentando ganhar dinheiro suficiente para vir para a Europa. Finalmente ganhamos um pouco de dinheiro, mas não foi o suficiente para todos nós, então parti com minha filha.”).

Como é possível perceber, diferentemente de outros migrantes, como Christiana e Batu, que se deslocaram até a Líbia com o intuito de permanecer no país africano, o plano de Agnes, desde o princípio, era chegar à Europa (programa de base), sendo a Líbia apenas um local de passagem. Para tanto, em um novo PN de competência, o sujeito adquire um *poder-fazer* ao pagar aos “coiotes” pela travessia: “They asked us to pay to go to Europe, so I paid US\$1,700 for me and my daughter.” (“Eles nos pediram para pagar para ir para a Europa, então eu paguei US \$ 1.700 para mim e minha filha.”). Logo, o sujeito de fazer realiza a performance de deslocamento (a viagem de barco) (“We were lucky because women and children were put on the deck of the boat.”). Podemos pressupor que Agnes tenha sido resgatada como os outros migrantes, embora o PN de sanção não seja explicitado nessa narrativa.

No que diz respeito às categorias de pessoa, tempo e espaço, o texto é, primordialmente, narrado em primeira pessoa (debreagem enunciativa) e dedicado a um “lá” e a um “então” (debreagens *enuncivas*). Há, porém, alguns deslizamentos actanciais em que a enunciativa instaura a pessoa amplificada “nós” que apresenta diferentes referentes ao longo da narrativa. Nos primeiros parágrafos do texto, a primeira pessoa do plural é utilizada para se referir à Agnes e sua família, como ocorre em: “When we left we went to Sudan” (“Quando nós partimos nós fomos para o Sudão”). Depois, para se referir aos outros migrantes com quem viajava, é também utilizado um *nós exclusivo* que compreende (*eu + eles*): “After crossing the border, we moved from one town to the next until we arrived in Tripoli” (“Depois de cruzar a fronteira, mudamos de uma cidade a outra até chegar a Trípoli”).

Em um determinado trecho a enunciativa faz uso do mecanismo de embreagem actancial – como ocorre nos demais relatos – ao tratar de uma questão sensível de seu passado relativa à violência sofrida na Líbia: “I was beaten with bare hands, with sticks, with guns. If *you* move, they beat *you*. If *you* talk, they beat *you*. We spent two months like that, being beaten every day.” (grifos nossos) (“Eu fui espancada com mãos nuas, com paus, com armas. Se você se mover, eles batem em você. Se você fala, eles batem em você. Passamos dois meses assim, apanhando todos os dias.”).

Nesse enunciado, há, inicialmente, uma debreagem enunciativa actancial em que a enunciativa, ao se posicionar como “eu”, cria uma certa subjetividade em relação à violência cometida contra ela, mostrando que não se trata apenas de algo que ela viu, mas algo que ela sofreu. Porém, em seguida, por meio de uma embreagem actancial, a enunciativa substitui o “eu” por um “você”, colocando o enunciatário/leitor em seu lugar na narrativa, o que cria um efeito de sentido de proximidade. Na continuidade da frase, a enunciativa volta a utilizar uma debreagem enunciativa, nesse caso, instaurando um *nós exclusivo* (*eu + eles*), que engloba a narradora e os outros migrantes que foram agredidos como ela, o que indica que não se tratava de situação direcionada apenas a Agnes, mas ao grupo de migrantes como um todo.

Em relação à categoria de tempo, predominam no texto os tempos verbais do subsistema *enuncivo* relativo ao MR pretérito. Por meio deles, Agnes enumera e descreve as etapas sucessivas de sua “saga” rumo à Europa. Observamos, porém, em alguns momentos do texto, a instauração de debreagens temporais enunciativas: por exemplo, quando a enunciativa fala sobre certas características de seu país de origem: “Many people *go* to jail for no reason in Eritrea.” (grifo nosso); “Our government *does* not allow people to leave” (grifo nosso) (“Muitas pessoas vão para a prisão sem motivo na Eritreia.”; “Nosso governo não permite que as pessoas saiam”). Nesse caso, trata-se de um presente durativo, isto é, a duratividade temporal engloba o momento da enunciação. Trata-se, portanto, de um tempo longo, que equivale à duração do governo em questão. No entanto, quando a enunciativa se refere à Líbia utilizando o presente com valor gnômico, como ocorre na frase “Libya is a very dangerous place” (“A Líbia é um lugar muito perigoso”), ela parece sugerir que essa característica é algo imutável, uma “verdade” ligada a um sempre implícito. Todavia, para descrever sua experiência como migrante nesse país, a enunciativa utiliza tempos verbais *enuncivos* do passado, como ocorre em: “There was a lot of violence” (“Tinha muita violência”).

A categoria de espaço ocupa um papel importante nessa narrativa. Embora Agnes não nomeie o medo como os outros sujeitos (paixão que nos parece inerente aos discursos examinados), ela o expressa por meio das descrições relativas aos locais por onde passa, como ocorre no trecho relativo ao trajeto para Trípoli: “We travelled in containers, like animals or objects. It was very dark and hot in the containers. Many people fainted because of the heat, and some died” (“Viajamos em contêineres, como animais ou objetos. Estava muito escuro e quente nos contêineres. Muitas pessoas desmaiaram por causa do calor, e algumas morreram”). Apesar de a enunciativa não mencionar qualquer sentimento em relação ao que se passou, como não se aterrorizar com a situação descrita?

De maneira semelhante, Agnes relata que: “When we arrived in Tripoli they put us in a house with 600 to 700 other people and locked us in. We had no water to wash ourselves, we had very little food and we were forced to sleep one upon the other. It was very difficult for my daughter – she fell sick many times.” (“Quando chegamos a Trípoli, nos colocaram em uma casa com 600 a 700 outras pessoas e nos trancaram. Não tínhamos água para nos lavar, tínhamos muito pouca comida e éramos obrigados a dormir uns sobre os outros. Foi muito difícil para minha filha – ela adoeceu várias vezes.”). A descrição detalhada que a enunciativa nos oferece sobre sua experiência na Líbia é um poderoso recurso argumentativo que cria efeitos de realidade e ajuda a captar o enunciatário/leitor. O fato de ela mencionar como essa situação afetou a sua filha, faz com que o enunciatário se solidarize ainda mais com a enunciativa.

A Líbia, que parece ser um país de passagem para todos aqueles que vêm da África em direção à Europa, é mais uma vez representada como um lugar perigoso, e o percurso temático-figurativo da violência se repete, encadeando figuras como: *pessoas armadas, matar, sequestros, espancar, armas*. Também se repete nessa narrativa o percurso temático-figurativo da adversidade, que encadeia figuras como: *carro lotado, (viajar em) contêineres como animais ou objetos, muito escuro e quente, sem água, muito pouca comida, forçados a dormir uns sobre os outros, (se sentir) doente, (pessoas) desmaiaram e (algumas) morreram, muito difícil*. Dentro desse percurso, destaca-se o subtema da desumanidade, que encadeia as figuras *animais* e *objetos*, denunciando condições absurdas a que são sujeitados os migrantes que enfrentam essa jornada.

Em relação à sua jornada em direção à Europa, Agnes afirma que: “I knew that the journey would be very dangerous and difficult, especially for my daughter. But what was the alternative? We could not survive in Eritrea or Sudan.” (“Eu sabia que a viagem seria muito perigosa e difícil, especialmente para minha filha. Mas qual era a alternativa? Não poderíamos sobreviver na Eritreia ou no Sudão.”). Reafirma-se, assim, a única opção de grande parte dos migrantes, sobretudo aqueles oriundos de países pobres ou em conflito: partir em busca de um “porto seguro”, apesar de terem a consciência de que enfrentarão muitos percalços ao longo do caminho.

3.2.5. Salif

I am my mother's oldest son so when my father died, I had to quit school and start working. Where I come from it is hard to make a living and if you don't have the means to provide for your family, it is humiliating. Our government is corrupt, only those who are well connected benefit from government aid and government jobs. So I was forced to take to the road and search for better opportunities. I had heard from friends who left years ago that there were jobs in Libya, so I decided to go there.

When I arrived in Niger, I paid some people to take me from Agadez to Saba. When I arrived in Saba, the same people immediately detained me and told me I had to pay for my freedom. I told them I already paid for my transport all the way to Libya but that didn't matter to them and after five days I called my family who sent the money to my kidnappers.

After I was freed, I started working with someone from Burkina Faso who offered me 10 dinars (EUR 6.50) per day for work as construction worker. The work was hard and painful for me but I did it because I needed money. I worked for 40 days but was never paid. I found other jobs and, as soon as I gathered enough money, I went to Tripoli hoping for a better situation.

When I arrived in Tripoli, I met an African who had been living there for a while. I explained that I needed help because I didn't know the city. He took me to an apartment building where only Africans lived and told me I could stay there with them. Life in Tripoli was much harder than in Saba. Even the people who drove us to Tripoli treated us very badly and beat us often. All of us tried to hide from the police.

One day I was told of a person who made it to Europe and he gave me the contacts for a man with a boat. I wanted to leave and once in Libya you cannot exit the country by land, the only way you can leave is by sea. So I called this man with a boat and we agreed I would pay him 900 dinars (EUR600) for the trip to Italy.

Once we saw the rubber boat, we realised how dangerous the journey at sea would be. Around 30 minutes before we met the rescue ship our rubber boat started leaking. When the rescue boat arrived, they told us to be patient, to get on the ladder one by one, but some of us did not manage to be patient. At one point everybody tried to save themselves and a lot of people fell into the water but now I am safe.

I left home so I could to provide for my mother. I pray that I can make her comfortable. For now, I would like to go to England or Switzerland. But most of all, I hope one day I will be able to go back to Burkina and hug my mum.

O texto é narrado por Salif, um jovem migrante nascido em Burkina Faso, país localizado na região da África Ocidental. Salif conta que, após a morte de seu pai, ele precisou deixar os estudos e começar a trabalhar para sustentar sua família. Logo, devido à falta de empregos no país, Salif decidiu se mudar, primeiro, para a Líbia e, em seguida, para a Europa – percurso que se repete nas outras narrativas.

Do ponto de vista da sintaxe narrativa, temos, a princípio, um sujeito de estado que se encontra em conjunção com o Ov país de origem. Diante da impossibilidade de prover para a família, devido à situação política e econômica do país (destinador-manipulador), o sujeito é manipulado por um *dever-fazer*: “So I was forced to take to the road and search for better opportunities” (“Então, eu fui forçado a pegar a Estrada e procurar por melhores oportunidades”).

Observamos que, nas narrativas, de maneira geral, os sujeitos são movidos, primordialmente, por um *dever-fazer* (embora o *querer-fazer* também se manifeste quando eles pensam em migrar porque acreditam que outros países, sobretudo, os da Europa lhes propiciarão segurança e tranquilidade). O *dever-fazer* instaura uma manipulação por intimidação, ou seja, se eles permanecerem em um dado país – o país de origem ou outro país

para o qual eles se deslocaram previamente – terão inúmeros problemas (fome, falta de trabalho) e correrão inúmeros riscos (de prisão, de morte). Não à toa eles enfrentam longas e extenuantes caminhadas, em transportes precários e abarrotados, além, é claro, das travessias arriscadas pelo Mar Mediterrâneo.

Na narrativa em questão, o sujeito adquire, em seguida, a competência necessária para realizar sua performance ao pagar pelo (inevitável) serviço dos “coiotes”: “I paid some people to take me from Agadez to Saba.” (“Eu paguei algumas pessoas para me levarem de Agadez para Saba.”). No entanto, há uma particularidade: apesar de realizar a performance de deslocamento, Salif é sequestrado pelas pessoas responsáveis por sua travessia, que exigem que ele pague uma nova quantia para ser libertado. Desse modo, um novo esquema narrativo é articulado: o sujeito passa a dever pagar por sua liberdade (PN de manipulação), que é tomada como um *Ov* desejável. Após entrar em contato com sua família e adquirir os meios (PN de competência) para realizar o pagamento (PN de performance), o sujeito é libertado por seus sequestradores (PN de sanção).

Embora Salif consiga chegar à Líbia, suas expectativas são contrariadas no que diz respeito às oportunidades de emprego. Em Saba, ele é explorado ao trabalhar em uma construção, e ao se mudar para Trípoli, ele sofre com a violência e com a necessidade de se esconder da polícia junto com os outros africanos que viviam com ele. Salif afirma ter deixado sua casa para poder cuidar de sua mãe, e como ele não alcança seu objetivo na Líbia, ele decide tentar se mudar para o continente europeu: “I wanted to leave and once in Libya you cannot exit the country by land, the only way you can leave is by sea” (“Eu queria ir embora e uma vez na Líbia você não pode sair do país por terra, a única maneira de sair é por mar”).

Assim, em um novo esquema narrativo, o sujeito, manipulado, desta vez, mais por um *querer-fazer*, recorre a um homem que possui um barco para poder fazer a travessia, pagando-lhe o serviço e adquirindo, assim, a competência necessária para realizar sua performance de deslocamento rumo à Europa: “So I called this man with a boat and we agreed I would pay him 900 dinars (EUR600) for the trip to Italy.” (“Então liguei para esse homem com um barco e combinamos que pagaria a ele 900 dinares (600 euros) pela viagem para a Itália.”).

Durante a perigosa travessia, Salif, assim como Christiana e os outros migrantes deste grupo, enfrenta uma situação assustadora: “Around 30 minutes before we met the rescue ship our rubber boat started leaking” (“Cerca de 30 minutos antes de encontrarmos o navio de resgate, nosso barco de borracha começou a vazar”). Porém, como nas demais narrativas, a embarcação dos MSF (destinador-julgador) foi capaz de resgatá-los: “When the rescue boat

arrived, they told us to be patient, to get on the ladder one by one. At one point everybody tried to save themselves and a lot of people fell into the water but now I am safe.” (“Quando o barco de resgate chegou, eles nos disseram para sermos pacientes, para subirmos na escada um por um. Em determinado ponto, todos tentaram se salvar e muitas pessoas caíram na água, mas agora estou seguro.”).

No que diz respeito às projeções da enunciação no enunciado, nos deparamos, inicialmente, com uma debreagem actancial e temporal enunciativa: “*I am my mother’s oldest son*” (grifo nosso) (“Eu sou o filho mais velho da minha mãe”); e uma debreagem *enunciva* de espaço: “Where I come from [...]” (“De onde eu venho [...]”), uma vez que o enunciador fala sobre um local que ele já deixou, um “lá”.

Em relação à categoria de pessoa, além do “eu” que narra sua história, percebe-se, também, a flutuação de referentes relativos ao emprego da pessoa amplificada “nós”. Em um primeiro momento, ao caracterizar o governo de seu país de origem, o enunciador instaura um *nós exclusivo* (*eu + eles*), que se refere ao próprio Salif e à população da Burkina Faso: “*Our government is corrupt, only those who are well connected benefit from government aid and government jobs*” (grifo nosso) (“Nosso governo é corrupto, apenas aqueles que são bem relacionados se beneficiam da ajuda governamental e de empregos públicos”).

O enunciador instaura, também, um *nós exclusivo* (*eu = Salif + eles = outros migrantes que empreendiam a mesma jornada*): “Once we saw the rubber boat, we realised how dangerous the journey at sea would be” (“Quando vimos o barco de borracha, nós percebemos o quão perigosa seria a jornada no mar”).

No dialeto local, Burkina Fasso significa “terra dos homens dignos”, e Salif afirma que, de onde ele vem, “if *you* don’t have the means to provide for *your* family, it is humiliating” (grifos nossos) (“se você não tem como sustentar sua família, é humilhante”). Observamos, nesse enunciado, a instauração da segunda pessoa (você) por meio do mecanismo de embreagem actancial, aproximando o enunciatário do sentimento descrito pelo enunciador, o que, como vimos, é uma constante nas narrativas analisadas.

Para tratar de seu país de origem, o enunciador faz uso do presente (debreagem enunciativa) ora com valor omnitemporal (ou seja, como algo permanente, imutável), como ocorre na seguinte frase: “Where I come from it is hard to make a living” (grifo nosso) (“De onde eu venho é difícil ganhar a vida”); ora com valor durativo, como vimos em “nosso governo é corrupto”. No entanto, a maior parte do texto é dedicada a um “então”, o que significa que o uso dos tempos verbais *enuncivos* é privilegiado na narração, como vemos em: “Life in Tripoli

was much harder than in Saba. Even the people who drove us to Tripoli treated us very badly and beat us often. All of us tried to hide from the police” (“A vida em Trípoli era muito mais difícil do que em Saba. Até mesmo as pessoas que nos levaram a Trípoli nos tratavam muito mal e nos batiam frequentemente. Todos nós tentamos nos esconder da polícia”). Nesse trecho, as formas verbais utilizadas (*Simple Past*) ora têm valor durativo, inacabado: “era”, “batiam” (reforçada pelo advérbio *often* = frequentemente), “tratavam”; ora valor pontual, acabado: “levaram”, “tentamos”, mostrando que, do ponto de vista aspectual, os tempos que chamamos, em português, respectivamente, de pretérito imperfeito e pretérito perfeito 2, se mesclam nos relatos dos migrantes. Como afirma Fiorin (2003, p. 171), “o pretérito perfeito [2] é o tempo por excelência da narração”, enquanto o imperfeito “é o que melhor atende aos propósitos da descrição”.

Diferentemente de todas as outras narrativas que apresentaram um percurso temático-figurativo de violência, o enunciador apresenta apenas duas figuras relativas a esse tema: “treated us very badly and beat us often” (“nos tratavam muito mal e nos batiam com frequência”). No entanto, isso não significa que a violência não é um tema relevante no percurso de Salif. Com efeito, o enunciador denuncia outros tipos de violência, como a exploração do trabalho do imigrante: “After I was freed, I started working with someone from Burkina Faso who offered me 10 dinars (EUR 6.50) per day for work as construction worker. The work was hard and painful for me but I did it because I needed money. I worked for 40 days but was never paid” (“Depois que fui libertado, comecei a trabalhar com alguém de Burkina Faso que me ofereceu 10 dinares (6,50 euros) por dia para trabalhar como operário de construção. O trabalho era pesado e doloroso para mim, mas eu o fiz porque precisava de dinheiro. Trabalhei 40 dias mas nunca fui pago”).

O uso de termos como “pesado” e “doloroso” aponta para possíveis “estados de alma” vivenciados pelo sujeito (ainda que não nomeados), como angústia, raiva ou frustração, considerando que ele é privado (*não-poder-ser*) de um objeto desejável (modalizado pelo *querer-ser*). Isto é, Salif, além de não ser pago pelo trabalho realizado em Saba, encontra uma situação ainda pior em Trípoli, o que o impede de cumprir seu objetivo principal: “I left home so I could provide for my mother. I pray that I can make her comfortable” (“Saí de casa para poder sustentar minha mãe. Eu rezo para que eu possa deixá-la confortável”). A declaração de Salif, bem como a descrição das difíceis situações vivenciadas por ele, podem provocar, também “estados de alma” em seu enunciatário/leitor, levando-o a criar empatia, a se solidarizar com o enunciador.

Sobre seus planos futuros, Salif afirma que: “For now, I would like to go to England or Switzerland. But most of all, I hope one day I will be able to go back to Burkina and hug my mum” (“Por enquanto, gostaria de ir para a Inglaterra ou Suíça. Mas, acima de tudo, espero um dia poder voltar a Burkina e abraçar minha mãe”). Seu desejo de poder voltar para casa indica que, em geral, independentemente dos motivos que levaram os migrantes/refugiados a deixarem seus países de origem, estamos diante de situações-limite e de pessoas que precisam que a sociedade (seja a de onde vieram, seja a de onde chegaram) as trate de maneira mais humana.

Terminada a análise do *corpus* (diários de bordo e depoimentos de migrantes e refugiados que rumaram para a Europa) pelas categorias semióticas selecionadas – esquema narrativo canônico, percursos temático-figurativos, projeções de pessoa, tempo e espaço e procedimentos argumentativos/persuasivos, inclusive no que diz respeito às paixões – só nos resta partir para as considerações finais. Antes, porém, queremos deixar claro que não realizamos – nem tivemos a pretensão de realizar – uma análise exaustiva das narrativas de vida aqui apresentadas, que permanecem abertas para novas investigações tanto no domínio dos estudos da linguagem (do discurso), quanto em domínios afins, sobretudo no escopo das ciências humanas e sociais. Afinal, como propusemos na introdução do Capítulo 3, não fizemos “a” leitura, mas “uma” leitura entre outras possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, buscamos, essencialmente, apreender e discutir as representações sociodiscursivas – de si, do outro, do mundo – de migrantes e refugiados a partir de suas narrativas de vida. Nosso trabalho se insere em um contexto sociopolítico que implica um grande desafio na atualidade: o de compreender, em suas múltiplas facetas, o aumento exponencial do fluxo migratório internacional, que já conta com mais de 270 milhões de pessoas deslocadas e, dentre elas, 80 milhões de refugiados. Considerando as novas crises humanitárias que resultam em tamanho êxodo populacional, nos propusemos a examinar, à luz da semiótica discursiva, uma série de relatos que desvelam o ponto de vista de migrantes e refugiados – a partir de suas experiências pessoais – acerca desse fenômeno mundial. Como mencionamos ao longo do trabalho, julgamos primordial “dar a palavra” a esses sujeitos, a fim de que eles próprios possam legitimar suas representações sobre os processos de deslocamento. E, sem perder de vista que cada sujeito é único e sua história, singular, pudemos perceber aspectos comuns que aproximam as narrativas estudadas (questão que retomaremos, com mais detalhes, adiante). Nesse caso, assumimos, em sintonia com Fiorin (1988), que o texto é individual, mas o discurso que o sustenta é social.

Na primeira parte do trabalho, buscamos traçar um panorama em torno das migrações contemporâneas, partindo das categorizações atribuídas aos indivíduos em deslocamento e ao fluxo migratório, até chegar às principais políticas migratórias que norteiam as questões relativas ao sistema de acolhimento da Europa. Em nossa investigação, observamos que, diante da dicotomia migrante/refugiado – termos que são ora empregados como sinônimos, ora questionados em debates de cunho semântico –, os atos de nomeação têm como consequência o fortalecimento de um imaginário que admite que determinados grupos de migrantes sejam legítimos (refugiados que provam ter sofrido ameaças às suas vidas) enquanto outros devem ser rejeitados (migrantes que fogem da fome e da miséria).

Vimos que a reiteração da representação desse fenômeno como uma “crise” de migrantes e refugiados tem corroborado a construção de um imaginário negativo em relação a esses grupos, associando a imagem dos refugiados à possibilidade de ataques terroristas e à ocupação, em detrimentos dos nativos, de empregos e benefícios sociais. Com efeito, o fortalecimento do imaginário criado em torno da noção de uma “migração econômica” – que

seria voluntária e motivada apenas pela busca por melhores condições financeiras – ignora todos as outras facetas dos processos múltiplos e complexos de que tratamos aqui.

Apesar de constantemente nos depararmos com notícias que abordam o drama dos migrantes que atravessam o Mar Mediterrâneo, as providências legais tomadas em torno dessa questão não parecem se preocupar com a situação vivenciada por esses sujeitos, já que são centradas em medidas de contenção que se ocupam de números e não de vidas. Em nosso estudo, mostramos que as políticas migratórias dos governos europeus que buscam apenas restringir o número de entrada de imigrantes em seus países (inclusive impedindo a entrada legal daqueles que procuram refúgio) resulta no crescimento do fluxo migratório irregular e a consequente morte de milhares de indivíduos.

Portanto, diante do fato de que, mesmo sabendo dos riscos mortais contidos nessa travessia (e em outras similares), milhares de pessoas continuam empreendendo essa perigosa jornada, buscamos, com nosso trabalho, questionar as representações sustentadas por uma noção errônea de migração voluntária. A partir do exame do *corpus* da pesquisa, e norteados pelas questões que nos propusemos a investigar, identificamos, como foi dito, semelhanças nas narrativas de vida, o que nos permite apreender um discurso comum aos migrantes/refugiados.

Ao compararmos as narrativas de vida, chama a atenção, já de início, a saga usualmente enfrentada pelos migrantes/refugiados: a passagem por vários lugares, em um trajeto perigoso, degradante e cheio de percalços, até chegar ao destino final (no caso, a Europa), sendo os sujeitos movidos pela tentativa desesperada de sobreviver: à fome, ao desemprego, à guerra, à perseguição política.

Não há motivos menos ou mais relevantes do que outros, não há sujeitos menos ou mais legítimos do que outros, o que nos leva à já citada posição de Akoka (2018, p. 183), que se indaga sobre o significado de certas hierarquias: “Por que morrer de fome seria mais grave do que morrer na prisão? Por que a violência política seria mais grave que a violência econômica e por que a ausência de liberdade política seria mais grave do que a ausência de horizonte socioeconômico?”. De qualquer forma, do ponto de vista semiótico, vemos que a disjunção com certos objetos de valor negativos e a busca por conjunção com outros objetos de valor (mais) positivos são uma constante no percurso desses sujeitos.

Nos diários de bordo, Ali e Christiana chegam a entrar em conjunção com o valor segurança/tranquilidade figurativizado pelo objeto Europa. No entanto, nos demais relatos, o resultado da transformação é um estado de disjunção: trata-se, portanto, de um programa de privação. Os sujeitos deixam tudo para trás (casa, família, amigos), correndo riscos de vida sem

a garantia de serem acolhidos pela Europa. Aliás, o destino de boa parte dos migrantes é o de serem abandonados em um campo de refugiados em condições precárias para, posteriormente, serem enviados de volta ao país do qual precisaram fugir. Além disso, mesmo Ali e Christiana, que alcançaram um “final feliz” (a concessão de asilo no continente europeu), ainda se encontram em um estado de privação, sem poderem reunir suas famílias, e sujeitos a todos os desafios enfrentados pelos migrantes que vivem em locais que os representam, em grande medida, como ameaças.

De maneira geral, nas narrativas, os enunciadores constroem um *éthos* de vulnerabilidade e sofrimento na medida em que relatam os grandes percalços encontrados em suas jornadas. O processo migratório é representado como um trajeto árduo e perigoso, mas, paradoxalmente, como a única alternativa possível, diante das críticas condições de vida a que eles se submetem nos países de origem. Por se tratar de uma situação tão sensível, há narrativas que descrevem e nomeiam as “paixões” experienciadas pelos sujeitos (como o medo e a tristeza) e outras que apenas as demonstram por meio das descrições dos acontecimentos e dos espaços que constroem a ambientação das narrativas. De todo modo, o *páthos* do enunciatário é constantemente mobilizado: seja pelo tom assumido na narrativa, seja pelos temas levantados. As “paixões” abordadas podem provocar certos efeitos no leitor, levando-o a sentir pena, tristeza, empatia e, assim, a se solidarizar com os migrantes e refugiados de maneira geral. Trata-se, portanto, de um recurso argumentativo poderoso, capaz de levar o enunciatário a aderir à voz daqueles que (se) contam.

Nas narrativas, o medo parece ser a “paixão” comum ao discurso dos migrantes/refugiados, o que poderia ser facilmente justificado pelo tema da violência que atravessa todas elas, ainda que ele possa ser figurativizado de maneiras distintas. Nesse sentido, os temas da xenofobia, do racismo e da violência contra os migrantes/refugiados ocupam um grande espaço nas histórias contadas. Nas falas de Christiana e Batu, aparece, de forma privilegiada, o tema da violência contra a mulher.

Nessa perspectiva, o nível de violência denunciado pelos relatos é alarmante: assassinatos, agressões físicas e psicológicas, exploração sexual, assaltos e sequestros são alguns dos exemplos citados. Observamos que, em grande parte das narrativas, ao tratar desses temas, os enunciadores buscam inserir o enunciatário/leitor em seus relatos por meio de uma embreagem actancial que substitui o “eu” ou o “nós” pelo “você”. Portanto, em diversos momentos, o enunciatário/leitor é levado a se confrontar com a realidade do *outro*. Não é à toa

que, como já tínhamos previsto, as categorias semânticas de base vida *versus* morte e identidade *versus* alteridade se mostram como a base de construção desses textos.

Há outros temas, porém, que são silenciados (ou muito pouco abordados) nessas narrativas. É o que ocorre, por exemplo, no que diz respeito ao fato de que esses sujeitos arriscam suas vidas ao entrarem em barcos de borracha lotados, na esperança de serem resgatados por embarcações de ONGs que se responsabilizam por isso, devido à falta de políticas migratórias que protejam esses indivíduos que se encontram em situação de extrema vulnerabilidade.

As narrativas de vida de Ali, Christiana, Michael, Batu, Zachariah, Agnes e Salif, apresentam, como já sinalizamos, aspectos individuais e coletivos de seus percursos, de modo a apagar, em suas falas, os limites entre o pessoal e o social, construindo, assim, um discurso comum no que diz respeito à trajetória dos migrantes/refugiados que empreendem jornadas perigosas para chegar até a Europa em busca de segurança. Diante disso, destacamos a necessidade de se ampliar e assegurar o “lugar de fala” desses sujeitos, para que possamos pensar em uma democratização efetiva das sociedades, reconhecendo e respeitando os atores dos diferentes grupos que as integram. A nosso ver, é fundamental que haja uma escuta atenta e aberta ao que os migrantes e refugiados têm a dizer sobre si e sobre esse fenômeno que demanda urgentemente o desenvolvimento de políticas migratórias que respeitem os direitos humanos e que se comprometam com a melhoria da gestão das migrações internacionais e com a resolução de questões ligadas à crise de acolhimento.

Com a modesta contribuição empreendida neste trabalho, esperamos ensejar novas investigações que venham a contribuir com o estudo das representações sociais de migrantes e refugiados e com a diminuição das desigualdades entre os povos.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Définir les réfugiés ? La demande d'asile en mots et en situation. In: AGIER, Michel; MADEIRA, Anne-Virginie (dir.). *Définir les réfugiés*. Paris: PUF/Vie des idées, 201. p. 9-27.

AKOKA, Karen. Qu'est-ce qu'un réfugié ? Des usages politiques des définitions juridiques. In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p. 183-197.

_____. Distinguer les réfugiés des migrants au xx^e siècle : enjeux et usages des politiques de classification. In: AGIER, Michel; MADEIRA, Anne-Virginie (dir.). *Définir les réfugiés*. Paris: PUF/Vie des idées, 2017. p. 47-58.

_____. Crise des réfugiés, ou des politiques d'asile ? In: *La vies des idées*, maio de 2016. Disponível em: <https://laviedesidees.fr/Crise-des-refugies-ou-des-politiques-d-asile.html> Acesso em: 4/4/2020.

APRILE, Sylvie. Des exilés de 1789 aux exilés d'aujourd'hui. In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p. 107-111.

ASSEMBLEIA Geral da Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (217 [III] A). Paris, 1948.

BAHKIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Editora da Unesp, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso – fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BENVENISTE, Émile. A subjetividade da linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie*. Paris: Nathan, 1997.

_____. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2010.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BHABHA, Jacqueline. Embodied rights: Gender Persecution, State Sovereignty, and Refugees. *Public Culture*, n. 9 (1), p. 3-32, 1996.

CALABRESE, Laura; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018.

CALABRESE, Laura. Migrant ou refugié ? L'enjeu des dénominations. In: CALABRESE, Laura; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p. 153-160.

CARVALHO, Aline. *O discurso da "santidade" em narrativas de vida de São Francisco de Assis e Francisco Cândido Xavier*. 2016. 220f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et Discours - Eléments de sémiolinguistique*. Paris : Hachette-Université, 1983.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri (org.). *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007.

_____. Os imaginários de verdade do discurso político. In: _____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 185-245.

CHOJNICKI, Xavier; RAGOT, Lionel. *On entend dire que l'immigration coûte cher à la France – Qu'en pensent les économistes ?* Paris : Les Échos Editions et Eyrolles, 2012.

CLOCHARD, Olivier. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, v. 2, p. 1-8, sep./nov. 2007. Disponível em: <http://echogeo.revues.org/1696>. Acesso em: 25/10/2019.

COHEN, Daniel. *In war's wake: Europe's displaced persons in the postwar order*. New York: Oxford University Press, 2012.

CONVENÇÃO das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. 28 de julho de 1951.

CORRADO, Alessandra. Migrations et autovalorisation. Enquête aux marges du système. In: *Multitudes*, n. 19, p. 95-102, 2004.

CÔRREA, Adriana; BRUM, Adriana. A União Europeia e a crise que não é somente migratória. *Conjuntura Internacional*, n. 44, p. 44-51, Belo Horizonte, 2018.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DEL PRIORE, Mary. Biografia - quando o indivíduo encontra a história. In: *TOPOI*, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul-dez. 2009.

DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

DUCARD, Dominique. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, GLaucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-128.

EMMANUELLI, Xavier. *Accueillons les migrants ! Ouvrons nos portes, ouvrons nos coeurs*. Paris: Éditions de l'Archipel, 2017.

FIALA, Pierre. Encore le racisme, et toujours l'analyse du discours. In: *Langage et société*, n. 34, p. 9-16, 1985.

_____. La famille migr-, champ lexical et affrontements discursifs. In: *Penser les mots, dire la migration*. In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds.). Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattan, 2018. p. 145-152.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. A noção de texto em Semiótica. *Organon*, v. 9, p.163-173, 1995.

_____. Pragmática. In: _____ (org.). *Introdução à linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.

_____. *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2019.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GLOSSARY on Immigration. International Organization for Migration (IOM). IML Series N. 34, Geneve, 2019.

GOHARD-RADENKOVIC, Aline; RACHEDI, Lilyane. Récits de vie, récits de langues et mobilités. In: _____ (org.). *Nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'alterité*. Paris: L'Harmattan, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II – ensaios semióticos*. São Paulo: Edusp, 2014.

_____. L'Énonciation (une posture épistémologique). *Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, n. 1, p. 9-25, 1974.

_____. De la modalisation de l'être. *Actes sémiotiques - Le Bulletin*, Paris, Groupe de recherches sémio-linguistiques, v. II, n. 9, p. 9-19, jun. 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

GROPPO, Bruno. Entre immigration et exil : les réfugiés politiques italiens dans la France de l'entre-deux guerres. *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, n.44, p. 27-35, 1996.

GUILBERT, Lucille. L'expérience migratoire et le sentiment d'appartenance. *Ethnologies*, v. 27, n. 1, p. 5-32, 2005.

- HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. São Paulo: Parábola, 2006.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une théorie du langage – La structure fondamentale du langage*. Paris: Minuit, 1968.
- HOSSEINI, Khaled. *A memória do mar*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LARA, Gláucia M. P. *Semiótica discursiva – questões teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFGM, 2012. Coleção Proleitura.
- _____. Abrindo as portas: a voz dos imigrantes e refugiados. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Brasília, v. 18, n. 1, p. 28-48, jun. 2017.
- LARA, Gláucia Muniz Proença; MATE, Ana Cristina Fricke. Um panorama da semiótica greimasiana. *Alfa – Revista de Linguística*, v. 53, n. 2, p. 339-350, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em: 18/5/2020.
- MACHADO, Ida Lucia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. *Revista Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, 2011.
- _____. O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 43, p. 1129-1139, 2014.
- _____. A narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da Abralin*, v. XIV, n. 2, p. 95-108, jul/dez. 2015.
- _____. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016a.
- _____. Narrativa de vida: um espaço de liberação para vozes femininas? In: MACHADO, Ida Lucia; SANTOS, João Bosco; NUNES DE JESUS, Sérgio (org.). *Análise do discurso*. Afinidades epistêmicas franco-brasileiras. Curitiba: CRV, 2016b. p. 12-22.
- MACHADO, Ida Lucia; LESSA, Cláudio Humberto. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, Sérgio; SILVA, Sueli. (org.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João, 2013. v. 1, p. 102-122.
- MADEIRA, Anne-Virginie. L'Asile, droit de l'individu ou prérogative de l'État. In: AGIER, Michel; MADEIRA, Anne-Virginie (dir.). *Définir les réfugiés*. Paris: PUF/Vie des idées, 2017. p. 69-88).
- MAMEDE, Anna Paula Ribeiro Araújo. *Os Novos Poderes Institucionais do Parlamento Europeu e a Política Migratória Europeia Após o Tratado de Lisboa*. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005

_____. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MATTE, Ana Cristina F.; LARA, Glaucia M. P. A paixão da cólera em “O cobrador” de Rubem Fonseca. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Org.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 45-59.

MAZZELLA, Sylvie. *Sociologie des migrations. Que sais-je ?*. Paris: PUF, 2014.

MOREIRA, Gabriela. *Figures de migrants brésiliens en France : approche anthropologique et sociolinguistique*. 2018. 1495f. Tese (Doutorado em Sciences du langage) – Université Paul Valéry - Montpellier III, 2018.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis : Vozes, 2012.

MOUHOUD, El Mouhoub. Quelles sont les conséquences de l'immigration dans les pays riches ? », *Regards croisés sur l'économie*, n. 8, 2/2010, p. 138-141.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

PROTOCOLO de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados. 31 de janeiro de 1967.

RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2013, p. 19-66.

RANCIÈRE, J. S'il y a de l'irreprésentable. In: NANCY, J.L. (org.) *Le genre humain numéro 36. L'Art et la mémoire des camps. Représenter, exterminer*. Paris : Seuil, 2001. p. 81-102.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SALMON, C. *Storytelling - la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: La Découverte, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. Bruxelles: De Boeck-Wesmael, 1992.

_____. *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil, 1999.

ANEXO

LA VOIX
DE MES BLESSURES

CARNET
DE BORD
-
ALI



 **MEDECINS SANS FRONTIERES**
ÄRZTE OHNE GRENZEN

AFGHANISTAN - SUISSE

ALI



PEUX-TU IMAGINER VIVRE
DANS LA SOUFFRANCE ET L'ANGOISSE
PERMANENTES D'ÊTRE SÉPARÉ
DE TES PROCHES ?

AUJOUR'HUI

Je m'appelle Ali Malikzada et je suis né en 1997 en Afghanistan. Je viens d'un village de la province de Ghazni, dans le centre-est du pays. Mes parents, mes cinq frères et sœurs et moi menions une vie tranquille. Mon père était conducteur de taxi et, après l'école, j'avais l'habitude de l'aider dans notre petite ferme.

En juin 2015, des altercations ont démarré entre l'armée afghane et un groupe Taliban opérant dans la région. Mon père a été arrêté par ce groupe, torturé et contraint à travailler pour les Talibans. Il a été obligé de faire semblant d'accepter pour être relâché. Quand il est rentré à la maison, nous avons immédiatement décidé de quitter notre village avec toute la famille pour chercher refuge à Kaboul.

Les Talibans n'avaient de cesse de traquer mon père. Rester en Afghanistan était trop dangereux. Mon père et moi avons pris la route de l'Iran, nous souhaitions nous installer à Téhéran et y faire venir le reste de la famille. Mais c'était impossible : sans permis de séjour, nous risquions la prison. C'est pour cela que mon père et moi avons décidé de partir à nouveau, pour trouver un endroit plus sûr en Europe. A la frontière entre l'Iran et la Turquie, les gardes-frontière ont commencé à nous tirer dessus. Pris de panique, nous nous sommes mis à courir dans tous les sens. C'est là que j'ai perdu la trace de mon père. A l'heure actuelle, je ne sais toujours pas ce qui lui est arrivé.

J'ai dû continuer mon voyage seul. Le 25 octobre 2015, je suis arrivé en Suisse et j'ai été conduit à Genève. Pas un jour ne passe sans que je ne me demande si mon père est toujours en vie, sans que ma famille à Kaboul ne me manque. **Mon passé est un fardeau quotidien qui pèse sur mon présent. Mon périple et toutes les souffrances que j'ai endurées sont chaque jour présents en moi.**

Voici mon histoire et ce que j'ai traversé.

À PARTIR DU
26 JUIN 2015



Lorsque nous avons dû fuir notre village, Kaboul est la première ville dans laquelle nous avons cherché refuge. Nous y sommes restés une douzaine de jours. Mon père recevait sans arrêt des menaces par téléphone. Continuellement persécuté par les Talibans, il a pris la décision de quitter le pays. Il voulait que je parte avec lui en Iran, et que nous fassions ensuite venir le reste de la famille pour recommencer une nouvelle vie tous ensemble.

La route pour l'Iran passe par le Pakistan. Nous avons roulé de longues heures dans des véhicules pleins à craquer, empilés les uns sur les autres. Près des régions frontalières, nous avons dû parcourir des distances interminables à pied.

À la frontière pakistanaise par exemple, nous avons marché dans la montagne pendant deux jours et une nuit. La douleur et la peur nous tenaillaient: nous étions terrorisés à l'idée d'être découverts par les gardes-frontière ou dévorés par des loups ou des animaux sauvages. Un de mes amis qui tentait à nouveau le passage de la frontière après un premier échec me racontait que c'était arrivé à des personnes qui voyageaient avec lui. Pendant la nuit, nous ne pouvions pas vraiment dormir. Nous avions très peu à manger et le matin, nous luttions contre le froid.

Une fois cette frontière traversée, nous n'étions pas au bout du trajet ! Une voiture nous a amenés à Mashkel, une ville située à quelques kilomètres de l'Iran.

Pendant ce voyage exténuant, la tristesse et l'angoisse étaient mon fardeau quotidien. J'avais peur d'être découvert, peur pour ma mère et mes frères et sœurs restés à Kaboul. Je n'avais aucune nouvelle d'eux. Ils me manquaient énormément.

Heureusement, mon père était à mes côtés. Sa présence n'avait pas de prix pour moi, elle m'apportait un sentiment de sécurité et me donnait du courage. Même si nous étions rassurés de laisser l'Afghanistan derrière nous, nous souffrions beaucoup. Au milieu de cet environnement hostile, nous nous rendions compte du courage nécessaire pour aller de l'avant.

Malgré cette douleur et mon profond chagrin, je concentrais toute ma volonté pour tenir bon. Je savais que, pas à pas, j'atteindrai mon objectif.



AFGHANISTAN - PAKISTAN



POURRAIS-TU ENVISAGER
DE QUITTER TES PROCHES,
SANS AUCUNE GARANTIE
DE LES REVOIR UN JOUR ?

PAKISTAN - IRAN

AS-TU DÉJÀ DÛ SUPPORTER
UNE DOULEUR SANS AUCUN
MOYEN DE LA SOULAGER ?



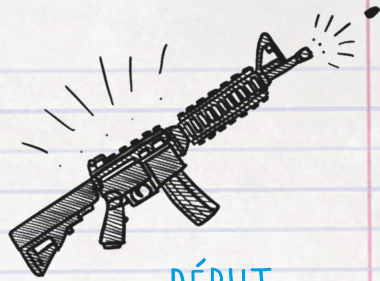
FIN JUIN 2015

Entre l'Afghanistan et l'Iran, j'ai eu un accident. Nous étions tellement nombreux à l'arrière du pick-up que je suis tombé avec quatre autres personnes alors que le camion roulait à toute vitesse. L'un des passagers a frappé à la vitre pour que le chauffeur s'arrête. Nous avons finalement réussi à remonter dans le véhicule. Mon corps entier était douloureux et mon genou gauche était particulièrement abîmé. Je saignais et je souffrais terriblement.

Nous avons franchis la frontière iranienne à pied. Nous sommes descendus du véhicule et avons marché pendant sept heures. A cause de ma plaie, j'avais du mal à me déplacer. Mon père a abandonné son sac à dos, qui contenait les biens essentiels à notre survie et m'a pris sur ses épaules. Il m'a porté pendant ces heures interminables de marche. Malgré la douleur, je me retenais de crier ou d'exprimer ma souffrance car les passeurs m'auraient considéré comme un poids et m'auraient abandonné là.

Mon père faisait tout ce qu'il pouvait pour m'aider. Pour arrêter le saignement, il a pris de la terre et l'a mise sur la plaie puis l'a bandée avec un foulard. Après la frontière iranienne, nous avons trouvé quelqu'un qui m'a donné un antidouleur. Mon père l'a pilé et appliqué directement sur la plaie. **Cela ne m'a pas soulagé longtemps, mais il faisait de son mieux pour pallier l'absence de soins.**

Les sacs à dos que nous portions étaient tout ce qui nous reliait à notre pays d'origine. Aujourd'hui, j'ai toujours celui qui m'a accompagné tout au long du trajet.



DÉBUT
SEPTEMBRE 2015

La cicatrice sur mon genou me rappelle la chute, mon douloureux périple mais aussi la disparition de mon père.

Lorsque nous avons traversé la frontière iranienne, nous sommes arrivés à Van, une région montagneuse à la limite de la Turquie. Là, les gardes-frontière ont ouvert le feu sur nous. Pris de panique, nous sommes mis à courir. Mon père et moi avons été obligés de nous séparer. **C'est à cet instant que j'ai perdu sa trace.** Depuis, je n'ai eu aucune nouvelle de lui.

Totalement abandonné et perdu, j'ai dû continuer le trajet seul.

Mon père avait déjà payé le passeur pour l'étape jusqu'en Grèce. J'avais 300 dollars en liquide avec moi.

Pas un jour ne passe sans qu'il ne me manque. Il était mon mentor et me faisait me sentir en sécurité. Je suis convaincu qu'il est toujours vivant.



IRAN - TURQUIE

TURQUIE VAN TÉHÉRAN IRAN

QU'AURAS-TU FAIT
SI ADOLESCENT, TU ÉTAIS
SEUL ET LIVRÉ À TOI-MÊME ?

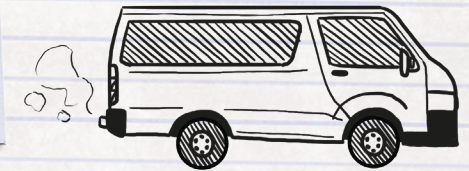
AFGHANISTAN - TURQUIE

A map showing the migration route from Afghanistan to Turkey. The route is marked with red dots and lines, starting from Mashkel in Pakistan, passing through Ghazni and Téhéran in Iran, then Van in Turkey, and finally Istanbul in Turkey. The map also labels the countries: TURQUIE, AFGHANISTAN, IRAN, and PAKISTAN.

QUAND IL EN VA DE TA VIE,
QUEL NIVEAU DE VIOLENCE
PHYSIQUE ET MENTALE
SERAIS-TU PRÊT À ENDURER ?



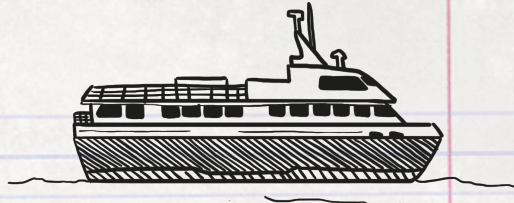
JUIN - SEPTEMBRE 2015



Pendant toute la durée de mon périple entre l'Afghanistan et Istanbul en Turquie, j'étais coincé dans des véhicules, sans pouvoir bouger. Chaque partie de mon corps a souffert. Les passeurs battaient aussi ceux d'entre nous qui ne respectaient pas les heures de rendez-vous. Cela m'est arrivé une fois, j'ai été frappé derrière la tête. En plus de ma blessure au genou, cette violence m'a beaucoup choqué. **Mais j'ai essayé de ne rien laisser paraître, de rester fort et de souffrir en silence**, car pour moi, le plus important était d'arriver au bout du voyage.

Je ne pouvais me montrer ni faible, ni désespéré devant les autres migrants et encore moins devant les trafiquants. Une personne blessée représente une menace et un fardeau pour les autres, quelqu'un qui ralentit la progression et qui peut causer l'arrestation du groupe entier. Même quand on m'a frappé, j'ai dû rester silencieux.

En plus des agressions physiques, nous devons supporter les pressions psychologiques. Dans les zones frontalières, nous devons faire attention non seulement à la police et aux gardes-frontière, mais aussi aux voleurs. Ils exploitent le triste destin des personnes forcées de fuir et utilisent ces lieux de passage stratégiques pour dérober l'argent des migrants et le peu de biens qu'ils possèdent.



SEPTEMBRE - OCTOBRE
2015

Après avoir perdu mon père à la frontière entre la Turquie et l'Iran, je me suis arrêté plusieurs fois en chemin dans l'espoir que mon père rejoigne le groupe. Je l'attendais dès que je pouvais, car il m'était impossible d'imaginer continuer le trajet sans lui. J'étais totalement désespéré, mais je n'ai jamais arrêté d'y croire.

Juste après sa disparition, je suis resté à Van pendant une semaine. Je me disais qu'au moins je pourrais obtenir des renseignements, savoir où il se trouvait. Mais je n'ai rien pu apprendre. J'ai alors continué ma route vers Istanbul, seul. Là-bas, j'ai attendu encore trois semaines avant de prendre le ferry qui m'a conduit en Grèce. Mon père aurait bien pu arriver avec un autre groupe de réfugiés... De nouveau, je partais sans nouvelles de lui.

En Grèce, obtenir des documents d'autorisation d'un bureau d'enregistrement prit quelques jours. J'empruntais ensuite le chemin vers le nord : je traversais la Macédoine, la Serbie, la Croatie, la Slovénie et l'Autriche tantôt en bus, tantôt à pied. **Sur tout ce parcours, mes pensées allaient à mon père, à ma famille qui était toujours à Kaboul.**

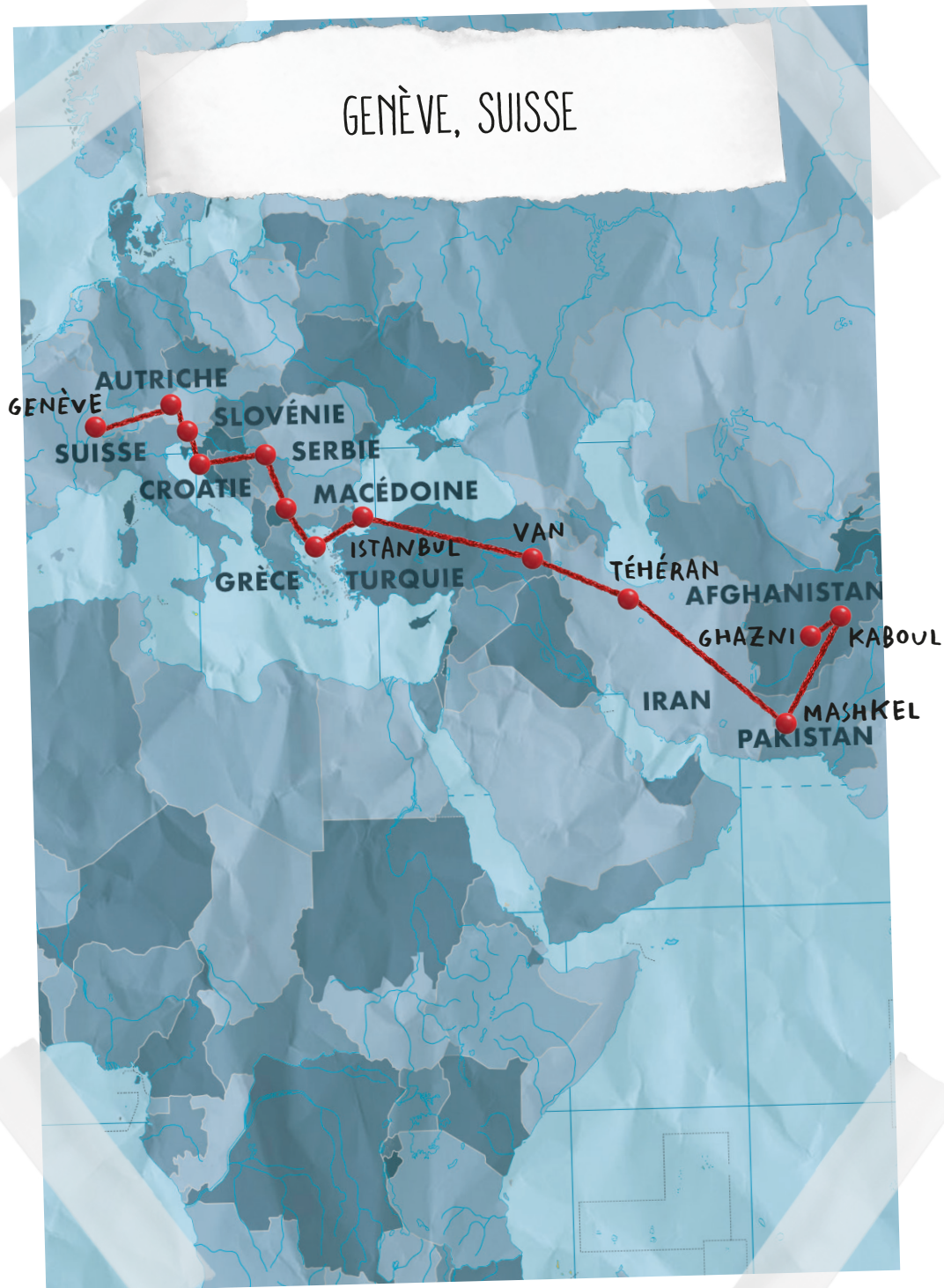
Le 25 octobre 2015, j'arrivais à Altstätten en Suisse. Je vis aujourd'hui à Genève. L'assistant social qui s'occupe de moi m'accompagne dans ma recherche d'emploi et m'a aidé à m'inscrire à des cours de boxe, mais ma priorité reste de retrouver mon père, d'obtenir l'asile et de pouvoir faire venir le reste de ma famille.

TURQUIE - GRÈCE - MACÉDOINE - SERBIE -
CROATIE - SLOVÉNIE - AUTRICHE - SUISSE



SÉRAIS-TU CAPABLE
D'ARRÊTER DE CHERCHER
L'UN DE TES
PROCHES DISPARU?

GENÈVE, SUISSE



6 JUILLET 2017



Sur cette photo, je suis sur l'un des vélos de l'association qui m'a engagé quand je suis arrivé.

Mes chaussures me rappellent mon passé, les longues heures de marche, d'abord aux côtés de mon père, puis seul. Tout ce temps où j'étais terrifié par les animaux sauvages dans les montagnes, par les passeurs et leur violence, par la police et les gardes-frontière, par les voleurs... par l'inconnu devant moi.

Le vélo symbolise mon présent, mon travail qui consiste à les réparer et les déplacer. C'est comme ça qu'a commencé ma nouvelle vie. Maintenant, un nouveau chapitre débute.

Les roues incarnent mon futur. J'espère pouvoir aller de l'avant, me sentir en sécurité, me sentir chez moi à nouveau. J'espère pouvoir trouver un contrat fixe, avoir un salaire régulier pour pouvoir envoyer de l'argent à ma mère. Je rêve aussi d'avoir, un jour, la chance de prendre mon père dans mes bras, encore une fois ...

MIGRATIONS INTERNATIONALES

Selon les estimations du Haut Commissariat des Nations Unies pour les réfugiés, 65,6 millions de personnes ont fait l'objet de déplacements forcés en 2016, soit une multiplication par deux en l'espace de cinq ans. Parmi elles, 22,5 millions étaient des personnes réfugiées, tandis que 40,3 millions étaient déplacées à l'intérieur de leur propre pays. Bien que les grands médias européens continuent de parler de « crise des migrants », plus de 84% des réfugiés dans le monde sont accueillis en Afrique, au Moyen-Orient et en Asie.

La plupart des pays d'accueil, comme la Turquie, le Liban et l'Ouganda, sont confrontés à une situation politique, économique et sanitaire déjà difficile. Or, les conflits et la persécution sont les principales raisons qui poussent les populations à abandonner leur foyer, ce qui ne fait qu'exacerber la situation économique et la pauvreté déjà endémiques dans ces pays. Laissant tous leurs biens derrière elles, ces populations déplacées se retrouvent dans des camps, souvent privées de toute liberté de mouvement et de leurs droits de travailler. Pire encore, elles ne bénéficient d'aucun accès aux soins médicaux et vivent dans des conditions indécentes. Par ailleurs, 51% des réfugiés sont mineurs, et plus de la moitié est non-accompagnée. Ces chiffres accablants traduisent des situations humaines dramatiques.

Depuis sa création en 1971, venir en aide aux déplacés, demandeurs d'asile et réfugiés est au cœur des activités de Médecins Sans Frontières (MSF). En 2016, près de 40 pour cent de ses projets visaient à leur offrir une aide essentielle. Alors que leur nombre continue d'atteindre des pics

historiques, MSF a renforcé sa présence auprès de ceux qui fuient le danger ou les privations, que ce soit en Afrique, en Asie, en Amérique centrale, au Moyen-Orient ou en Europe.

MSF est une association médicale humanitaire internationale et indépendante, créée en 1971 à Paris par des médecins et des journalistes. MSF Suisse a été créée en 1981.

MSF offre une aide d'urgence aux victimes de conflits armés, d'épidémies, de catastrophes naturelles et aux personnes privées de soins, et ce, sans discrimination quant à leur race, religion, genre ou tendance politique. L'organisation a reçu le prix Nobel de la Paix en 1999. www.msf.ch

SOUTENEZ MSF

La thématique de la migration vous intéresse ?
Restez informé en suivant nos activités en ligne et en faisant circuler nos messages sur vos réseaux sociaux : msf.ch, Facebook, Instagram ou Twitter.

Vous souhaitez vous engager ?
Venez à l'une de nos séances d'information pour savoir comment MSF travaille sur le terrain.

Vous souhaitez soutenir MSF ?
Vous pouvez faire un don sur notre compte postal 12-100-2



Restons humains.

PASSEZ À L'ACTION !

Merci pour votre visite !

Le récit de Ali vous a-t-il touché ?
Voulez-vous aider les personnes forcées à fuir ?!

Vous pouvez détacher le coupon ci-dessous et le ranger dans votre portefeuille ou sac à main pour vous rappeler à tout moment comment les aider.

ENGAGEZ-VOUS AU NIVEAU LOCAL

Vous aimeriez aider les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants dans votre localité ?

Vous pouvez contacter les institutions locales ou l'Organisation suisse d'aide aux réfugiés.

Que pouvez-vous faire ?

Soutenez les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants près de chez vous en proposant votre aide pour leurs démarches administratives, des cours de langue, des activités récréatives, des vêtements ou d'autres dons matériels, ou un hébergement chez vous.

LA VOIX
DE MES BLESSURES

CARNET
DE BORD
-
CHRISTIANA



MEDECINS SANS FRONTIERES
ÄRZTE OHNE GRENZEN

NIGERIA - ITALIE

CHRISTIANA



QU'AURAI-TU FAIT
À MA PLACE ?

AUJOURD'HUI

Je m'appelle Christiana Alaba. Je suis née en 1991 au Nigeria, où j'ai grandi avec mes parents et mes 11 frères et sœurs. Après l'obtention de mon diplôme et quelques années d'expérience professionnelle, j'ai ouvert mon propre salon de coiffure. J'ai toujours été passionnée par la mode et la coiffure.

En 2006, au Nigeria, j'ai rencontré Joseph, mon grand amour. Nous avons eu deux enfants. La vie était difficile et nous devions nous battre pour survivre. Afin d'offrir un futur meilleur à notre famille, mon mari et moi avons décidé de déménager. A la fin 2011, nous avons rejoint ma sœur au Ghana. La vie n'était pas plus facile là-bas et notre avenir était incertain. Nous avons alors réfléchi à partir à nouveau. Un ami d'enfance de Joseph nous a dit d'aller en Libye, car les conditions de vie semblaient préférables d'après lui. Nous sommes donc partis, laissant mes deux enfants sous la protection de ma sœur au Ghana, où ils vivent aujourd'hui encore.

Pendant deux ans, dans la ville de Benghazi, en Libye, nous avons eu une vie difficile mais décente. Toutefois, en 2015, lorsque les combats se sont intensifiés, **notre vie « paisible » s'est transformée en un quotidien de peur et de violence.** Les bombes explosaient chaque jour et la discrimination à l'encontre des personnes noires était monnaie courante. Fuir vers l'Europe était notre seule option, même si, en premier lieu, je n'avais pas l'intention de m'y rendre.

J'étais enceinte de huit mois, je savais que je prenais de gros risques, mais Joseph et moi avons quitté la côte libyenne pour sauver nos vies. Après quatre heures de bateau, l'eau a commencé à entrer dans l'embarcation. Nous allions couler au milieu de la mer Méditerranée. Finalement, le bateau MSF Dignity I est venu à notre secours. Après le débarquement, je suis arrivée à Reggio Calabria, en Italie, le 8 août 2015.

Voici mon parcours et ce que j'ai traversé.



20-25 FÉVRIER 2012



Une fois la décision de déménager en Libye prise, nous avons pris plusieurs bus depuis le Ghana jusqu'à rejoindre Agadez au Niger. Pour traverser la frontière, nous ne devons pas être vus. Nous étions à l'arrière d'un bus, serrés les uns contre les autres, luttant pour respirer dans une chaleur suffocante.

Mais ce n'était rien comparé à la suite du voyage : trois jours de traversée du désert pour atteindre la Libye. Le deuxième jour, le véhicule s'est embourbé dans le sable, dans l'impossibilité de continuer. Tout le monde a dû descendre. Les hommes poussaient la voiture pendant que les autres marchaient pieds nus dans le sable brûlant comme la braise pendant quatre heures.

Le vent, la chaleur et le sable ont meurtri chacune des parties de mon corps. Au milieu du désert, nous avons pris conscience qu'il était trop tard pour revenir en arrière. Mon mari Joseph pleurait sans arrêt. Autour de nous, il y avait des cadavres : des personnes qui n'avaient pas survécu.

Entre les températures élevées, l'attente dans la voiture et les douleurs atroces ressenties pendant la marche, mes pieds et mes chevilles ont gonflé comme des ballons. La douleur empirait d'heure en heure. Lorsque je suis arrivée à Al-Quatrun en Libye, je ne pouvais plus tenir debout.

Je devais absolument voir un médecin, mais c'était impossible. Un homme qui prétendait avoir des connaissances médicales a fait des incisions sur mes pieds pour en faire sortir le liquide. Mais nous devons partir le lendemain et je n'avais pas le temps de soigner mes plaies. En chemin pour Benghazi, elles se sont infectées. Une fois dans la ville, nous avons pu aller à l'hôpital où j'ai finalement été soignée. Pendant des semaines, je ne pouvais plus porter de chaussures.

L'une des incisions a été faite trop profondément au niveau de ma cheville. J'ai couvert la cicatrice avec un tatouage.

QUE RESENTIRAIS-TU
SI TU ÉTAIS BLESSÉ
SANS PERSONNE
POUR TE SOIGNER ?



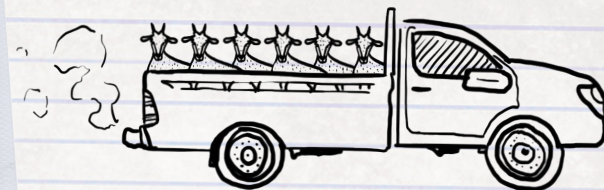
LIBYEN

TRIPOLI

LIBYE

AL-QATRUN

POURRAIS-TU IMAGINER
VOIR L'AMOUR DE TA VIE
MOURIR SANS POUVOIR LUI
VENIR EN AIDE ?



23 FÉVRIER 2012

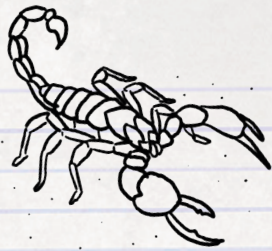
Le trajet entre Al-Quatrun et Tripoli, la capitale, a été le pire moment que j'ai vécu. J'étais à deux doigts de perdre mon mari.

Cette étape a duré trois heures. On était tous serrés les uns contre les autres à l'arrière du camion, cachés sous des bâches en plastique. Trois heures à supporter la chaleur extrême, sans possibilité de respirer, sans eau ni nourriture.

Pour rendre notre véhicule moins suspect, des chèvres ont été chargées dans le camion. Elles nous piétinaient. On pouvait à peine respirer. L'odeur de l'essence était très forte.

Sous la bâche, Joseph respirait avec beaucoup de difficulté, il était sur le point d'étouffer. J'étais à côté de lui, je partageais sa détresse. **J'étais terrorisée à l'idée de perdre mon mari et je me sentais impuissante.** Pour éviter d'être découverts, nous avions l'interdiction de bouger. J'ai quand même réussi à faire un petit trou dans le plastique afin que Joseph puisse respirer. S'il était mort au milieu de notre périple, qu'aurais-je fait ? En tant que femme seule, j'aurais été tellement vulnérable, une cible facile, exposée à être battue ou violée. J'avais entendu que c'était arrivé à un certain nombre de femmes non accompagnées. Comment aurais-je pu vivre sans lui ?

Joseph a continué à avoir de la peine à respirer et des nausées intenses. Une fois arrivés à Tripoli, nous avons fait une pause de deux jours, dans l'espoir qu'il récupère un peu.



5 AOÛT 2015

Nous avons refait notre vie à Benghazi, l'ancienne capitale de la Libye. Avec un permis de travail, j'ai ouvert mon salon de coiffure et Joseph travaillait en tant que peintre. En parallèle, j'ai commencé à apprendre l'arabe et m'intégrer assez rapidement à la société libyenne. Cela a duré deux ans et demi.

A la suite de la deuxième guerre civile en Libye, la situation politique a commencé à dégénérer et la violence a suivi. Au début 2015, les combats se sont intensifiés. L'insécurité est devenue de plus en plus palpable. Les histoires de mes clientes, majoritairement des migrantes du Ghana et du Nigeria, m'ont effrayée : elles me racontaient qu'elles avaient été battues et frappées par leurs employeurs libyens. Un soir, j'ai été menacée par plusieurs hommes alors que je rentrais en taxi, j'étais alors enceinte de cinq mois. Nous devons partir d'urgence de ce pays !

Mon mari et moi avons entendu parler de bateaux transportant les migrants vers l'Europe via un réseau de passeurs. **Je n'avais aucune intention d'y aller au départ, mais c'était bel et bien notre seule option.**

Nous avons quitté Benghazi alors que j'étais enceinte de huit mois. Nous avons rejoint Zuwara, sur la côte nord-est de la Libye. Nous sommes restés trois jours là-bas dans l'attente de conditions météorologiques favorables. On dormait à l'extérieur, dans le désert, entourés de scorpions. Nous étions terrifiés.

Enfin, nous sommes montés à bord d'une embarcation pneumatique pleine à craquer. On était collés les uns aux autres. Mon ventre frottait constamment contre le jean d'un homme assis en face de moi. Ce frottement a créé une plaie qui s'est mise à saigner. J'ai souffert le martyr.

La cicatrice est encore visible.



LIBYE - ITALIE

ITALIE

REGGIO CALABRIA

ZOUARA

LIBYE

PENSES-TU QUE L'ON PUISSE
PRENDRE AUTANT DE RISQUES
POUR UNE AUTRE RAISON
QUE LE DÉSESPOIR ?



5 AOÛT 2015

Les passeurs nous ont dit: «De l'autre côté de la mer, c'est l'Italie», et cela devait prendre sept heures pour y arriver. Nous n'avions pas de capitaine. Nous étions abandonnés au milieu de nulle part. Il faut vraiment être désespéré pour monter dans une embarcation qui vous conduit potentiellement à la mort...

Nous avons passé une journée entière en haute mer. Les vagues étaient gigantesques. Nous n'avions pas d'eau, pas de nourriture. J'ai commencé à prier pour que des secours arrivent.

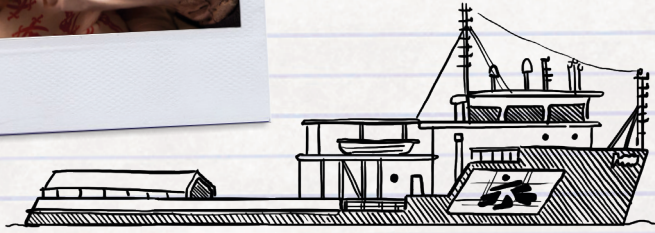
Sur 111 personnes, il y avait huit autres femmes enceintes. Nous n'avions pas été autorisés à prendre quoi que ce soit avec nous, pas même un téléphone. **Mais j'avais gardé le mien en cachette, pour pouvoir appeler à l'aide et rester en contact avec ma famille en cas de problème.** Je l'avais donc caché dans mon soutien-gorge.

A cause de la chaleur et de l'humidité, la batterie de mon téléphone a explosé. Ça a été très douloureux mais je ne devais rien laisser paraître. Nous n'étions pas encore au bout du trajet, je devais rester statique pendant des heures, j'ai tellement souffert.

Les marques de l'explosion sont toujours visibles sur mes seins, et la douleur toujours présente dans ma mémoire.



5 AOÛT 2015



Après des heures en mer, l'embarcation a commencé à prendre l'eau. La confusion s'est emparée du groupe, les enfants ont commencé à pleurer, et de nouveau, j'avais peur de perdre mon bébé ou de mourir, sans témoin. Je me suis sentie abandonnée.

Perdue dans mes pensées noires, coincée dans une position inconfortable, j'avais besoin de bouger, d'uriner, mais je ne pouvais pas. Je ne pouvais plus me retenir, je n'ai pas pu faire autrement que de me soulager. C'est alors que j'ai remarqué je saignais. **J'étais terrorisée de devoir accoucher sur cette embarcation, sans assistance médicale.** Après ce voyage exténuant et ce stress épouvantable, j'étais totalement épuisée.

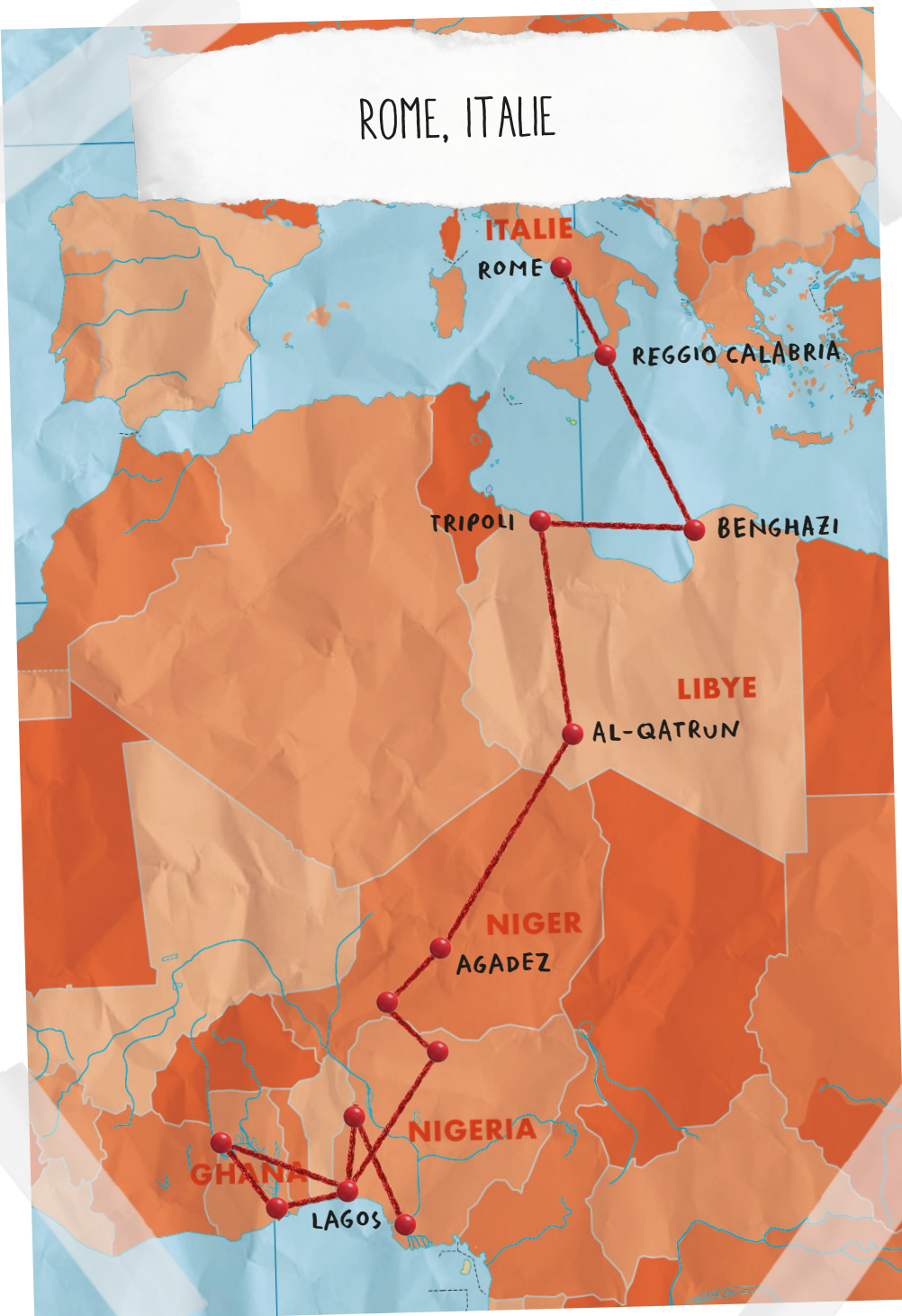
Autour de 20h, alors que le soleil se couchait, les secours sont enfin arrivés. Le bateau Dignity I de MSF nous a sauvés. J'étais terrifiée que mon bébé n'ait pas survécu. Mais l'équipe MSF a fait un examen médical, et m'a confirmé que le bébé n'était pas en danger.

Le nom de mon enfant est celui du bateau qui nous a sauvés : Dignity. Elle est née à Brindisi, en Italie, où nous avons vécu pendant quatre ans. Ensuite, nous avons déménagé à Rome, où nous vivons encore aujourd'hui.



POURRAIS-TU IMAGINER
ACCOUCHER SUR UN
RADEAU AU BEAU MILIEU
DE LA MER MÉDITERRANÉE ?

ROME, ITALIE



12 JUIN 2017



Cette photo a été prise au printemps 2017. Ce sont les pieds de mon enfant en train de jouer avec mes chaussures sur la plage.

Le sable est mon passé. Mes pieds se souviennent de l'horrible traversée du désert, de la peur de mourir, de la peur de la mer, de la peur de perdre mon mari. Je me souviens de la douleur que je ressentais aux pieds, de mon corps bloqué dans une seule position, de toutes ces péripéties que j'ai traversées. Je me souviens d'avoir prié pour arriver en lieu sûr.

Les chaussures sont mon présent. Grâce à elles, je suis protégée du sable brûlant, je suis protégée de ce qui se passe en Libye. Je suis protégée par l'Italie, mon pays d'accueil.

Les pieds de mon enfant sont mon futur. Mes enfants sont la génération suivante. Ils sont mon espoir. Je fais tout ce que je peux pour leur offrir un meilleur avenir et pour enfin réunir ma famille. Je souhaite de tout cœur faire venir mes deux enfants restés au Ghana.

LA VOIX DE MES BLESSURES

La Suisse fait actuellement face à un dilemme: d'une part, elle se doit de respecter le droit international et les procédures nationales pour l'accueil des migrants et des demandeurs d'asile qui se présentent à ses portes. D'autre part, elle est témoin d'une tendance croissante, propagée surtout par certains grands médias, qui dépeint les étrangers comme des intrus.

Il ne s'agit donc pas d'une crise des réfugiés, mais plutôt d'une crise de la solidarité. Au niveau mondial, des mesures politiques et des pratiques de plus en plus coercitives ciblent les migrants et les demandeurs d'asile, refusant d'accorder à ceux qui cherchent à se mettre à l'abri la sécurité à laquelle ils auraient droit. En outre, ces mesures ne prennent pas en compte les risques immenses auxquels ont été exposées ces personnes pour atteindre leur destination.

Face à ces tendances, MSF Suisse s'inquiète des conditions difficiles qui attendent ceux qui fuient leur pays en quête d'une vie meilleure et plus sûre. Après avoir été forcées de quitter leur foyer, ces personnes se retrouvent sans protection ni accès aux soins médicaux dont elles ont besoin. Arriver à leur destination finale peut prendre des jours, des semaines, voire des années de déplacements. Leurs blessures et leurs maladies, qu'elles soient physiques ou mentales, sont souvent négligées, ignorées. Tendre la main à ceux dont la vie est en danger est au cœur de la mission humanitaire de MSF.

Notre campagne intitulée La Voix de mes blessures souligne ces problématiques souvent passées sous silence dans les débats actuels sur les migrations. Avec la participation d'autres acteurs partenaires et par le biais d'une série de tables rondes et de projections documentaires à travers la Suisse, nous souhaitons, grâce à cette exposition itinérante, sensibiliser la population suisse aux difficultés qu'éprouvent les migrants au cours de leur exode, qu'elles soient d'ordre médical ou autre.

Ces images saisies par Reto Albertalli, un photographe suisse, vous feront suivre le chemin douloureux de deux migrants: Christiana et Ali. Leurs récits individuels représentent un échantillon parmi les histoires de centaines de milliers d'autres migrants. MSF Suisse remercie chaleureusement Christiana et Ali d'avoir accepté de faire part de leur expérience au public. Trouver deux personnes issues de milieux très différents, prêtes à témoigner de l'horreur qu'elles ont vécue, n'a pas été chose facile. Nous vous invitons donc à vous immerger dans leur récit et à témoigner votre solidarité à ceux qui ont dû prendre la fuite et à ceux qui leur viennent en aide.

SOUTENEZ MSF

La thématique de la migration vous intéresse ?
Restez informé en suivant nos activités en ligne et en faisant circuler nos messages sur vos réseaux sociaux: [msf.ch](https://www.msf.ch), Facebook, Instagram ou Twitter.

Vous souhaitez vous engager ?
Venez à l'une de nos séances d'information pour savoir comment MSF travaille sur le terrain.

Vous souhaitez soutenir MSF ?
Vous pouvez faire un don sur notre compte postal 12-100-2



Restons humains.

PASSEZ À L'ACTION !

Merci pour votre visite !

Le récit de Christiana vous a-t-il touché ?
Voulez-vous aider les personnes forcées à fuir ?!

Vous pouvez détacher le coupon ci-dessous et le ranger dans votre portefeuille ou sac à main pour vous rappeler à tout moment comment les aider.

ENGAGEZ-VOUS AU NIVEAU LOCAL

Vous aimeriez aider les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants dans votre localité ?

Vous pouvez contacter les institutions locales ou l'Organisation suisse d'aide aux réfugiés.

Que pouvez-vous faire ?

Soutenez les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants près de chez vous en proposant votre aide pour leurs démarches administratives, des cours de langue, des activités récréatives, des vêtements ou d'autres dons matériels, ou un hébergement chez vous.

PASSEZ À L'ACTION !

Merci pour votre visite !

Le récit de Ali vous a-t-il touché ?
Voulez-vous aider les personnes forcées à fuir ?!

Vous pouvez détacher le coupon ci-dessous et le ranger dans votre portefeuille ou sac à main pour vous rappeler à tout moment comment les aider.

ENGAGEZ-VOUS AU NIVEAU LOCAL

Vous aimeriez aider les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants dans votre localité ?

Vous pouvez contacter les institutions locales ou l'Organisation suisse d'aide aux réfugiés.

Que pouvez-vous faire ?

Soutenez les réfugiés, les demandeurs d'asile et les migrants près de chez vous en proposant votre aide pour leurs démarches administratives, des cours de langue, des activités récréatives, des vêtements ou d'autres dons matériels, ou un hébergement chez vous.

— *Mediterranean migration*

"The only way you can leave is by sea"

Voices from the Field | 11 November 2015

RELATED

MEDITERRANEAN MIGRATION WAR AND CONFLICT ERITREA BURKINA FASO

Testimonies collected by MSF teams during search and rescue operations on the Mediterranean.



Michael and his son Isrom are two of 332 people rescued on 2 September 2015. They are from Eritrea and told our photographer that they hope to find a safer life in Europe.

GABRIELE FRANÇOIS CASINI/MSF

Michael

"The only solution is to leave and we can't ask for help from other governments, so we choose to go the dangerous way."

"Life in Eritrea is sweet but our government is cruel, the laws are out of control. We have enough food, enough water and enough work but there are no rights, there is no democracy. The only solution is to leave and we can't ask for help from other governments, so we choose to go the dangerous way. We choose to put ourselves in the hands of God.

When I told my mother I was going to Libya to try to get to Europe, she begged me not to do it. She was afraid because many, many Eritrean people have died this way. Three years ago my best friend died on his way to Europe and a few months ago my uncle tried but was taken by Daesh [Islamic State] and killed. But I couldn't listen to my mother, I knew the journey would be long and dangerous but there's no opportunity at home.

I first tried to leave in 2012 but I was caught and put in prison. I eventually made it to Ethiopia where there is democracy, but no work. I then went to Khartoum in Sudan and started my journey through the desert to Libya.

The Sahara is a very dangerous place, you see many dead people. Six of the people travelling with me died on the way to Ajdabiya. Ajdabiya is a hungry city and it is where we paid the smugglers. It was big money but my brother, who is in Israel, and my wife's sister, who is in Sweden, helped us.

The trip to Tripoli passed through many checkpoints and took eight days. We were terribly afraid. If Daesh finds you, they will kill you and if the police find you, they will rob you. In fact, in Libya, it seems like every man, big or small, has a gun. Once we made it to Tripoli we lived in a big house with 700 other people divided into men and women and by nationality. At night we didn't sleep because we could hear gunshots and fighting outside -there is no peace in Libya.

After 12 nights in Tripoli we were put on a small rubber boat in the middle of the night. Then, they took us, group by group, to a bigger wood boat. I was was with about 200 men in the hull of the boat, under the deck - water was coming in, it was very hot and the engine was making so much noise. The women, the children and three 'drivers' were on top but they were people like us, not smugglers, not captains. We prayed and most girls cried, everyone begged God to allow us to survive.

After seven hours we found the MY Phoenix and we were saved. Now I want to go to Sweden. There it is nice and they know about Eritrea's problems and they will help us. My wife wants to go to Holland but we'll talk about that."



“Once you’re in Libya you cannot go back; the only way to leave is the sea.”

#SAFEPASSAGE
for Salif



Salif

"I wanted to leave but once in Libya you cannot exit the country by land, the only way you can leave is by sea."

"I am my mother's oldest son so when my father died, I had to quit school and start working. Where I come from it is hard to make a living and if you don't have the means to provide for your family, it is humiliating. Our government is corrupt, only those who are well connected benefit from government aid and government jobs. So I was forced to take to the road and search for better opportunities. I had heard from friends who left years ago that there were jobs in Libya, so I decided to go there.

When I arrived in Niger, I paid some people to take me from Agadez to Saba. When I arrived in Saba, the same people immediately detained me and told me I had to pay for my freedom. I told them I already paid for my transport all the way to Libya but that didn't matter to them and after five days I called my family who sent the money to my kidnappers.

After I was freed, I started working with someone from Burkina Faso who offered me 10 dinars (EUR6.50) per day for work as construction worker. The work was hard and painful for me but I did it because I needed money. I worked for 40 days but was never paid. I found other jobs and, as soon as I gathered enough money, I went to Tripoli hoping for a better situation.

When I arrived in Tripoli, I met an African who had been living there for a while. I explained that I needed help because I didn't know the city. He took me to an apartment building where only Africans lived and told me I could stay there with them. Life in Tripoli was much harder than in Saba. Even the people who drove us to Tripoli treated us very badly and beat us often. All of us tried to hide from the police.

One day I was told of a person who made it to Europe and he gave me the contacts for a man with a boat. I wanted to leave and once in Libya you cannot exit the country by land, the only way you can leave is by sea. So I called this man with a boat and we agreed I would pay him 900 dinars (EUR600) for the trip to Italy.

Once we saw the rubber boat, we realised how dangerous the journey at sea would be. Around 30 minutes before we met the rescue ship our rubber boat started leaking. When the rescue boat arrived, they told us to

be patient, to get on the ladder one by one, but some of us did not manage to be patient. At one point everybody tried to save themselves and a lot of people fell into the water but now I am safe.

I left home so I could to provide for my mother. I pray that I can make her comfortable. For now, I would like to go to England or Switzerland. But most of all, I hope one day I will be able to go back to Burkina and hug my mum."



Batu, 30, from Kailahun, Sierra Leone.

Batu

"Life in Sierra Leone seems to be difficult because of Ebola but that is not why I am here."

I am married to a Lebanese man that I met in Sierra Leone after my first husband, with whom I had two boys, died 12 years ago. We had three more children together and at first, we had money but in 2012 we started struggling. So we went back to his family in Lebanon.

They didn't like me. My father in law, my mother in law, his brothers and his sister all disliked me. They said that their son must not marry a black woman. When I gave birth to my children, they were darker than the Lebanese people, so his family hit me. We suffered a lot and even eating was a problem because my husband didn't have a job.

Eventually they sent me back to Sierra Leone and allowed me to take only the youngest of my children with me, two year old Mohammed. I had no choice but to take him and leave the others behind.

Back in Kailahun, one of my friends told me his sister was in Libya and that I should go meet her. They gave me the number of a driver and soon I had borrowed enough money for the trip. The travel was difficult, we had very little food and the people along the way really harassed us. The men asked us to have sex with them, they did that to me many times. When they see you have a baby they ask you if you're married and sometimes they leave you in peace. But the single girls ... they do whatever they want to them and beat them if they refuse.

Once in Libya, I went to Tripoli but I had no money and I needed to find a job. I found a man who needed care and a housekeeper and I worked for him but for a black person it is not easy to live in Libya. If they see you in the streets they take everything from you, sometimes they beat you, kidnap you and even kill you. In the nights they shoot, shoot, shoot. People break into your house, take your money and all you have. They say that this is their country's money and we have no right to have it. That's why black people stick together, it is safer that way.

I had planned to stay in Libya but the conditions were so bad that after a month, I decided to go to Europe. The smugglers asked me for 1,200 dinars for the crossing, which is around 600 dollars, and took me to a place in the naked sun. One night they came to us and took us to the boat but the boat was made of rubber. We thought we would be rescued in an hour or two but after many hours the boat started losing air, everybody prayed and cried. Nobody thought that we would have survived but we continued praying. After a while we saw a helicopter, then we saw a plane and finally we saw a ship and were rescued.

In the future I want to go back to my children. I don't know anyone in Europe. I have my sons Seita and Husman in Sierra Leone and Jad and Aloushe in Lebanon."



Zachariah, 60 years old from Palestine. Traveling with his family (wife, daughter and son).

Zachariah

"Those of us who have come, have come this way because we have no other option."

"My parents were forced from Palestine in 1947 and moved to Syr in Lebanon. I fled from there to Benghazi in Libya in 1994. I worked as a carpenter for over 20 years. But now Libya is in bad condition and I also have some physical problems. I can't find medical help and I can't work anymore.

Before Libya was very good but now, in Benghazi there are a lot of problems. There are many people with guns and many militias in Libya who all fight against each other and us small guys, Bangladeshis, Pakistanis, Palestinians, Ghanaians and other Africans are caught in the middle.

They come at you and ask how much money you have and take it all. They shoot you, they burn you, they slap you. They abuse your body and very violent. If you have a daughter and they see her in the road, and they like her, they will come at night and rape her in front of you. There are thieves everywhere – they took my car, my money, my documents but there's nothing you can do. There's no police, no army and there are no rules at all. Nobody can help you. The worst is in the streets, especially in the evening, from 6pm onwards, if you work late you meet a lot of bad people on the way back home. You never know what they will do.

One year ago, I made the decision to take my family to Europe but being Palestinians, we had document problems and it was impossible to leave. Those of us, who have come, have come this way because we have

no other option. The rest of my family is still in Benghazi, but there was not enough money for all of us to leave.

When I first got into the boat I thought I would die. But I thought, look, if God decides that I will die at sea, I will die at sea. Now, I want to go to Sweden or to Norway."



Agnes, 30, and her husband escaped Eritrea with the aim of reaching Europe.

GABRIELE FRANÇOIS CASINI/MSF

Agnes

"I was beaten with bare hands, with sticks, with guns."

"I left Eritrea four years ago with my husband. My husband was made to serve in the army, and he couldn't provide for us. If he left the army, he'd be put in jail. Many people go to jail for no reason in Eritrea.

When we left we went to Sudan. We spent three years going from place to place, looking for work and trying to make enough money to come to Europe. Finally we made a bit of money, but it wasn't enough for all of us, so I left with my daughter. My husband couldn't come with us.

Crossing the desert between Sudan and Libya was very difficult. It took seven days, non-stop, in an overcrowded car.

After crossing the border, we moved from one town to the next until we arrived in Tripoli. We travelled in containers, like animals or objects. It was very dark and hot in the containers. Many people fainted because of the heat, and some died.

Libya is a very dangerous place. There are a lot of armed people. Some of them are Daesh. They kill a lot of people and carry out a lot of kidnappings.

When we arrived in Tripoli they put us in a house with 600 to 700 other people and locked us in. We had no water to wash ourselves, we had very little food and we were forced to sleep one upon the other. It was very difficult for my daughter – she fell sick many times.

There was a lot of violence. I was beaten with bare hands, with sticks, with guns. If you move, they beat you. If you talk, they beat you. We spent two months like that, being beaten every day.

They asked us to pay to go to Europe, so I paid US\$1,700 for me and my daughter. We were lucky because women and children were put on the deck of the boat. The people below were in the dark and it was really hot down there. I could hear some of them saying they couldn't breathe.

I knew that the journey would be very dangerous and difficult, especially for my daughter. But what was the alternative? We could not survive in Eritrea or Sudan. Our government does not allow people to leave. With our documents in Eritrea, there was no other way for us to get to Europe."